

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.  
Permitida a cópia. A citação deve ser textual, com indicação de  
fonte conforme abaixo.

BANDEIRA, Luiz Alberto de Vianna Moniz. *Luiz Alberto de  
Vianna Moniz Bandeira (depoimento, 2003)*. Rio de Janeiro,  
CPDOC, 2010, 93p.

**LUIZ ALBERTO DE VIANNA MONIZ BANDEIRA  
(depoimento, 2003)**

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Lourival Mendonça Silva Júnior; Marieta de Moraes Ferreira

levantamento de dados: Lourival Mendonça Silva Jr.

pesquisa e elaboração do roteiro: Marieta de Moraes Ferreira

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 14/03/2003

duração: 3h 25min

fitas cassete: 04

páginas: 93

Entrevista realizada no contexto da pesquisa "Trajetória e Desempenho das Elites Políticas Brasileiras", parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde sua criação, em 1975. A escolha do entrevistado se justificou pelo interesse em recuperar, a partir de sua trajetória pessoal, a sua atuação no âmbito da política brasileira e suas relações com os diferentes personagens políticos. Dentre estes se destaca o ex-presidente João Goulart, que teve parte de seu arquivo pessoal doado pelo entrevistado ao CPDOC.

## Sumário

Entrevista: 14/03/2003

Fita 1-A: Origens familiares; influência do ambiente político e intelectual na sua infância; estudos: o início da faculdade de Direito na Bahia e a transferência para o Rio de Janeiro, em 1956; menção à sua participação na campanha de Juscelino Kubitschek, em 1955; o início da trajetória profissional: trabalho em jornais, assessoria política ao deputado Sérgio Magalhães (década de 50); o envolvimento com a militância política; a mudança para o Diário de Notícias e o convite para acompanhar Jânio Quadros em viagem a Cuba (1960); sua atuação nas eleições de 1960 para o governo do estado da Guanabara: o apoio à candidatura de Sérgio Magalhães pelo Partido Socialista e Partido Trabalhista (PTB); menção acerca das correntes do PTB em meados da década de 60: o “grupo compacto” e o “PTB fisiológico”; impressões acerca de Jânio .....p.1-17

Fita 1-B: Comentários acerca dos conflitos políticos envolvendo Sérgio Magalhães e Carlos Lacerda; opinião sobre a renúncia de Jânio; menção às eleições presidenciais de 1960 e sua opção por não apoiar nenhum candidato; a atuação de Leonel Brizola na política brasileira e a criação da campanha da legalidade (1961); avaliação sobre o acordo parlamentarista realizado entre a renúncia de Jânio e a posse de Jango; a consciência legalista no Brasil; considerações sobre a mentalidade das Forças Armadas na década de 60: a influência da escola francesa; referência à doutrina da *civic action* adotada pelos Estados Unidos nos anos 60; breve comentário sobre o golpe militar de 64; menção à influência dos Estados Unidos nas eleições brasileiras de 1962; opinião acerca da postura de Jango após a promulgação da emenda parlamentarista (1961)..... p.17-32

Fita 2-A: Avaliação sobre o golpe de 64 e a relação deste com a política externa dos Estados Unidos na década de 60; comentários sobre a tentativa de golpe na Venezuela em 2000: comparação com o ocorrido no Brasil em 64; opinião acerca das reformas de base realizadas por João Goulart (1964) e de demais medidas econômicas adotadas por este; comentários sobre as relações de Cuba e China com os comunistas brasileiros: o estímulo à luta de guerrilha na década de 60; menção ao conflito entre Fidel Castro e os comunistas ortodoxos cubanos; contato com Che Guevara em visita a Cuba em julho de

1962: diálogo sobre a fragmentação do movimento comunista no Brasil; opinião acerca do fracasso da guerrilha no Brasil: a base econômica do país não era rural, e sim, urbana; breve análise das teorias socialistas de Rosa Luxemburgo, das atitudes e medidas de Lênin e Stalin e do sistema capitalista, de maneira geral; menção ao vínculo com a Polop [Política Operária] e o seu rompimento após o golpe de 1964; breve comentário ao exílio no Uruguai.....p. 32- 44

Fita 2-B: A estadia na embaixada do Uruguai após o golpe de 64; opinião sobre qual deveria ser a resistência ao golpe militar: comparação com a insurreição encabeçada por Lênin na Rússia; menção à guerrilha de Copacabana; as estratégias de defesa comandadas por Brizola no início da década de 60: a tentativa de um levante no Rio Grande do Sul e o “grupo dos 11”; comentários acerca da invasão ao Rio Grande do Sul por Jefferson Cardim de Alencar Osório, em abril de 1965; menção à Revolta dos Sargentos (1963); o exílio no Uruguai e a volta para o Brasil em 1965; o rompimento com a Polop e o seu desdobramento em VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária) e Colina (Comando de Libertação Nacional); referência ao decreto de sua prisão preventiva em 1966 e sua revogação no ano seguinte; a prisão em 1969.....p.44-57

Fita 3-A: A vida na clandestinidade no Rio de Janeiro após a sua condenação em 1969; comentários sobre o momento em que foi preso (1969) e a sua posterior liberação; o apoio do editor Ênio Silveira para a publicação de suas obras; o julgamento e a nova condenação em 1972; menção à ida para São Paulo como clandestino: o trabalho na Editora Banas (início dos anos 70); o retorno ao Rio de Janeiro, após o término de Presença dos Estados Unidos no Brasil, e a volta à prisão (1973); referência à absolvição em dezembro de 1973; a vida na legalidade: o doutorado na Universidade de São Paulo (USP); menção à ideia de escrever um livro sobre o governo de João Goulart; comentários sobre a relação com Jango na época em que este era presidente e a maior aproximação com este nas circunstâncias do exílio (1964); referência ao contato com exilados na volta ao Uruguai em 1974; o apoio à efetivação de Carlos Meireles na direção do Conselho Nacional de Petróleo (CNP) após a renúncia de Jânio.....p.57-69

Fita 3-B: Menção à véspera do golpe militar: o confisco do estoque de combustíveis em Minas Gerais; observações sobre a personalidade de João Goulart; comparações entre o papel do PTB no Brasil e da social-democracia na Europa nos anos 60; comentários sobre a relação entre Brizola e Jango: os desentendimentos e a reaproximação; considerações a respeito da capacidade de liderança de Jango; menção à articulação de Jango com Amaury Kruehl em 1964 e a participação do mesmo na Frente Ampla em 1967; breve referência ao início da escrita de seu livro sobre Jango na década de 70; o

encontro com Brizola em Durazno após a morte de João Goulart: diálogo sobre a necessidade de o primeiro assumir a liderança do PTB; a estadia nos Estados Unidos e o convívio com Brizola, exilado neste país desde setembro de 1977..... p.69-83

Fita 4-A: A ida para Portugal - em outubro de 1977 - com a finalidade de conseguir um passaporte português para Brizola; comentários sobre a reunião da social-democracia sobre o PTB, em Colônia (Alemanha); menção aos contatos feitos na Europa a fim de possibilitar a ida de Brizola para a reunião da Internacional em Hamburgo; referência à campanha realizada com Brizola a fim de angariar o apoio do SPD (Partido Social-Democrata Alemão) e do governo alemão com o objetivo de pressionar Geisel no que diz respeito às questões da anistia e de direitos humanos; considerações acerca de seus desentendimentos com Brizola: o descontentamento com relação à criação do PDT (Partido Democrático Trabalhista); avaliação sobre as possibilidades de eleição de Brizola à presidência do Brasil nos anos 90.....p.84-93

Fundação Getulio Vargas

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)

Projeto: Trajetória das Elites Políticas  
Entrevistado: Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira  
Local: Rio de Janeiro – RJ  
Entrevistadora: Marieta de Moraes Ferreira  
Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar  
Data da transcrição: 17 de janeiro de 2010  
Conferente: Vanessa Matheus Cavalcante

*Entrevista:* 14 de março de 2003

M.F. – Bom, eu queria dizer que é um grande prazer ter o senhor aqui para essa entrevista, para registrar esse seu depoimento aqui no acervo do CPDOC, e eu queria começar, então, que você nos falasse um pouco de quando você nasceu, onde você nasceu e um pouco sobre os primeiros anos da sua vida e sua formação.

L.B. – Eu...

M.F. – Eu queria dizer só uma coisinha. Muitas vezes, eu vou fazer perguntas para você que eu já sei.

L.B. – Sim. Não tem importância. É para gravar. Eu entendo isso.

M.F. – A entrevista não é para mim. A entrevista é para ter um registro, para que uma pessoa possa, daqui a dez anos, vir a ouvir essa entrevista, ou ler essa entrevista e compreenda do que nós estamos falando.

L.B. – Exatamente.

M.F – Então, muitas vezes, eu vou pedir alguns esclarecimentos, para o senhor tentar datar ou detalhar um pouco mais, está bom?

L.B. – Exato.

M.F – Então, comecemos com as suas origens familiares.

L.B. – Eu nasci na Bahia, em Salvador, em 30 de dezembro de 1935, numa família, ou melhor, descendente de famílias da aristocracia luso-brasileira.

M.F – Colonial, não é? Ainda dos tempos coloniais.

L.B. – Colonial. O meu avô era senhor de engenho. O meu pai era primo de minha mãe. Eram parentes. Eu sou produto de *inbreeding*, ou melhor, de *linebreeding* – *inbreeding* é de pai com filha – de *linebreeding*, de primos. Fui criado... Eles foram perdendo dinheiro, perderam... A aristocracia açucareira entrou em decadência. Meu trisavô, Antônio Ferrão Moniz de Aragão, estudou na França, foi discípulo de Comte<sup>1</sup>, e a influência dele na família foi muito grande. Eu, embora não o tenha conhecido, sofri a influência dele. Ele era meu trisavô por parte de minha mãe e meu tio-trisavô por parte de meu pai. Duas ou três vezes. Então, foi muito grande a influência. Eu vivi sempre num ambiente de intelectuais – porque, na medida em que perderam o poder econômico, de açúcar etc., entraram na política. Meu tio Antônio Ferrão Moniz de Aragão, que tem o mesmo nome do avô, foi governador da Bahia<sup>2</sup> e, muito avançado, na época, quando Rui Barbosa pediu a intervenção em Salvador para reprimir as greves de 1917 – Rui Barbosa também era casado com uma prima de meu pai, Maria Augusta de Vianna Bandeira –, pediu intervenção e queria que ele reprimisse as greves e disse que a greve estava causando transtornos gerais, ele disse: “Mas greve sem transtornos gerais não tem efeito”. Ele se recusou a reprimir, e mandou até um telegrama para o

---

<sup>1</sup> O entrevistado se refere a **Isidore Auguste Marie François Xavier Comte** (1798 – 1857), filósofo francês e fundador da Sociologia e do Positivismo. Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste\\_Comte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste_Comte), acessado em 19.01.2010.

<sup>2</sup> Foi o primeiro governador formado pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1896. Exerceu a profissão de advogado no Rio de Janeiro e na Bahia. Foi professor da Escola Politécnica, em Salvador, na cadeira de economia política e direito administrativo. Exerceu também a profissão de jornalista na Gazeta de Notícias, em 1895, onde foi redator, no Correio do Brasil e na Gazeta do Povo. Retirado de <http://www.governador.ba.gov.br/governadores/antonioferrao.htm>, acessado em 19.01.2010.

Seabra [José Joaquim Seabra], que era o senador na época, **que ia** justificar. Bom, eu sofri toda essa influência desse clima. Depois, passei... A minha infância foi durante a guerra, a Segunda Guerra Mundial, e vim depois para o Rio. Sempre estudei...

M.F – O senhor estudou, então, na Bahia?

L.B. – Comecei lá, Direito. Eu ia para a carreira de oficial de Marinha, porque o meu bisavô era almirante e eu tenho muitos parentes dentro da Marinha, mas desisti, por causa dos meus interesses políticos e literários.

M.F – Mas o curso secundário, o senhor fez na Bahia?

L.B. – Eu fiz o curso secundário na Bahia, fiz o vestibular na Bahia e o primeiro ano da Faculdade de Direito na Bahia, e aí vim para o Rio de Janeiro. Aliás, eu já estava morando aqui, e fazia... Durante as férias, eu vinha para cá, ficava na casa do meu tio... Quer dizer, é como meu tio. É primo-irmão de minha mãe, mas nós sempre consideramos os primos mais velhos como tios – Edmundo Moniz<sup>3</sup>, que foi, para mim, meu mestre e meu pai espiritual. Foi meu segundo pai, o Edmundo.

M.F – É uma figura muito interessante.

L.B. – É. Ele foi quem me formou intelectualmente. A Niomar [Niomar Moniz Sodré Bittencourt] é minha prima, também. Vivi naquele meio aqui. Já com 20 anos, em 1956... Aliás, em 1955, eu fui à Bahia, fiz a campanha de Juscelino Kubitschek, no período em que eu estava lá. O Negrão de Lima até tinha me pedido para ver essa parte do movimento estudantil, para apoiar a candidatura do Kubitschek. Em suma, em 56, vindo aqui no Rio, estando no Rio, fiz contato com o Sérgio Magalhães...

M.F – Em 1956, você veio para...? Você se transferiu para a faculdade aqui?

---

<sup>3</sup> Edmundo Moniz foi um importante jornalista brasileiro. Em 1929 começou a trabalhar nas publicações "A Esquerda" e "A Batalha". Foi colaborador do "Diário da Bahia" e, em 1940, ingressou no "Correio da Manhã", participando, ao mesmo tempo, das revistas "Carioca" e "Vamos ler", ambas da empresa "A Noite". Foi um dos diretores da "Vanguarda Socialista", entre 1945 e 1946. Trabalhou como diretor do Serviço Nacional de Teatro, nos governos Juscelino Kubitschek e João Goulart. Em 1964, foi redator-chefe do "Correio da Manhã", cargo que cumpriu até 1966, juntamente com o professorado de filosofia e de história, além da participação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi exilado em Paris a partir de 1968. Regressa ao Brasil em 1976. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/HOConsulta.aspx>, acessado em 19.01.2010.



L.B. – Eu já estava morando aqui. Em 1956, eu transferi.

M.F – E aí você fez a transferência para a Faculdade de Direito aqui?

L.B. – É, onde eu me formei, no Rio de Janeiro.

M.F – Em qual faculdade?

L.B. – Na Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas.

M.F – Ah, sim.

L.B. – Em 56, aqui no Rio de Janeiro, eu conheci o Sérgio Magalhães<sup>4</sup>, que tinha vínculos de família, porque ele era casado com a Maria de Lurdes Portinho, irmã do José Velasco Portinho, que era casado com Norma, irmã de Edmundo. Conheci o Sérgio e passei a assessorá-lo politicamente. Ele era deputado, estava recém-eleito, em 54, e eu passei a assessorá-lo politicamente e a lhe dar cobertura no jornal, porque eu também comecei a trabalhar em jornal.

M.F – A escrever.

L.B. – Na Bahia eu já escrevia, desde meus 15 anos de idade, e aqui também, fui... comecei a trabalhar...

---

<sup>4</sup> Sérgio Magalhães foi diretor do Montepio dos Empregados Municipais (1952-1954), implantando medidas em benefício do funcionalismo que se tornaram o marco inicial de sua popularidade. Foi eleito deputado federal pelo Distrito Federal, representando o PTB, em 1954 e 1958. Em maio de 1957 assumiu a vice-liderança do PTB na Câmara tornando-se, em julho seguinte, vice-líder da maioria. Com o golpe militar de 1964, afastou-se da vida política, passando a se dedicar à profissão de engenheiro. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/sergio\\_magalhaes](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/sergio_magalhaes). Acessado em 29.01.2010.

M.F – Em que jornal você colaborava? No *Correio da Manhã*?

L.B. – Aqui no Rio de Janeiro, eu comecei a trabalhar... Bom, colaborar no *Correio da Manhã*, eu já colaborava desde que morava na Bahia – eu escrevia artigos para o suplemento literário. Mas quando eu vim para cá, eu fui trabalhar, com o Nahum Sirotsky, no *Diário da Noite*. Ele agora mora em Israel, o Nahum. Ele assumiu a direção do *Diário da Noite*, então... Eu tinha 20 anos. Eu fui para lá como subeditor de política internacional, e depois fui para o *Jornal do Commercio*. Trabalhei com o San Tiago Dantas, quando o San Tiago Dantas comprou o *Jornal do Commercio*. Aí, depois, o Luiz Alberto Bahia – não sei se está vivo ainda...

M.F – Acho que ele já faleceu.

L.B. – Já, não é?

M.F – Eu entrevistei-o, na época em que eu estava... Eu fiz todos os verbetes dos jornais e dos jornalistas do *Dicionário*<sup>5</sup>, então, entrevistei muitas dessas pessoas. Ele morava aqui do lado.

L.B. – O Nahum<sup>6</sup>, naquela época, estava fazendo a renovação da imprensa aqui e eu participei disso, porque ele inclusive me pediu, porque eu falava outros idiomas, ele me pediu para transferir um *booklet* da *Associated Press* mostrando como escrever, de modo que *Who he runs may read*, aquele que corre possa ler, para justamente educar aquele pessoal que trabalhava lá. Porque o que eles faziam antes era “nariz-de-cera”<sup>7</sup>, como chamava antigamente. E tinha o Carlos Eiras, que era diretor – o Nahum o substituiu –, e o Carlos Eiras fazia a manchete antes e dizia: “A perna do papa está

---

<sup>5</sup> A entrevistadora se refere ao *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB*, produzido pelo CPDOC/FGV e lançado em 1984.

<sup>6</sup> Nahum Sirotsky é um jornalista com mais de 60 anos de carreira. Além do *Diário da Noite*, trabalhou para diversos veículos, tais como: o jornal *O Globo*, TV *Manchete*, revista *Visão*. Foi correspondente do *Jornal do Brasil* e do *Estadão* em Israel, país que visitou pela primeira vez entre 1965 e 1972, adido à embaixada do Brasil. Atualmente, vive em Tel Aviv atuando como correspondente do jornal *Zero Hora* e do site *Último Segundo*. Retirado de <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=961>, acessado em 29.01.2010.

<sup>7</sup> Nos primórdios do jornalismo impresso, as notícias eram redigidas de forma rebuscada, com uma abertura sempre extensa e pouco objetiva. A este preâmbulo dá-se o nome de *nariz de cera*. Retirado de [http://www.politicaprapoliticos.com.br/glossario.php?id\\_glossario=316](http://www.politicaprapoliticos.com.br/glossario.php?id_glossario=316), acessado em 19.01.2010.

podre”, e você que se arrumasse para escrever o texto daquilo. Ele botou a manchete lá para vender jornal e você que ia ter que inventar qualquer coisa para... Era assim naquela época. Bom, comecei a assessorar o Sérgio e, em 1958... Eu pertencia ao Partido Socialista Brasileiro [PSB].

M.F – Mas, na universidade, você já tinha uma militância política?

L.B. – Eu sempre fui vinculado a esse tipo de política. Eu organizei, naquela época, a Juventude Socialista, no Rio de Janeiro, e na Bahia, estabeleci um contato com a Juventude Socialista de São Paulo. Eu era do Partido Socialista, mas sempre tive a ideia de que devia haver uma fusão do Partido Socialista com o PTB [Partido Trabalhista Brasileiro]. Eu achava que o caminho era fundir o Partido Socialista, que tinha um programa político etc., com o Partido Trabalhista, que tinha as massas e não tinha uma diretriz definida. Eu acho que, empiricamente, ele desempenhava aquele papel, mas não tinha... Essa sempre foi a minha ideia, desde que eu tinha 22 anos. E no *Correio da Manhã*, você pode encontrar lá, nos jornais da época, discursos do Sérgio Magalhães onde ele expressa essas ideias, mais ou menos, porque os discursos foram feitos por mim. Em 1960, eu... Aí, eu fui para o *Diário de Notícias*, e o João Dantas me convidou... Eu saí do *Correio da Manhã*, porque... O João Dantas me convidou para ser assistente do chefe de redação do *Diário de Notícias* do Rio, e ele me designou para acompanhar o Jânio Quadros, em 1960. Aí, eu viajei com o Jânio, fui a Cuba... Aliás, eu posso...

M.F – Você chegou a concluir o curso de Direito?

L.B. – Concluí. Eu nunca deixei a vida acadêmica, não.

M.F – Mas você não quis entrar pela carreira de advogado.

L.B. – Não, nunca quis. Porque o meu interesse foi a...

M.F – Você sempre foi mais para a área de jornalismo.

L.B. – Não, político. Não era jornalismo; era a política.

M.F – Mas você tinha uma...

L.B. – É, porque era o meu meio...

M.F – ...digamos, uma vertente política que se expressava no jornalismo.

L.B. – E também dei conferências e aulas, aqui na Ebape etc. Mas eu estava... Eu ganhava muito bem nesses jornais, porque eu tinha... Na época, eu fui um dos jornalistas mais bem pagos, aqui no Rio de Janeiro, naquela época. Quando o João Dantas me convidou para lá, eu tinha o quê? Vinte e quatro anos... vinte e três anos.

M.F – É, muito jovem ainda.

L.B. – Eu fui chefe de reportagem do *Correio da Manhã* com 22 anos. Suspendi o Márcio Alves<sup>8</sup> lá, o Márcio Moreira Alves. Eu o suspendi. Dei-lhe uma suspensão lá de três dias. Ele era repórter de lá e foi para Suez, escreveu... Ele é da minha idade, mais ou menos. Mas é muito maluco, não é? E ele voltou de lá e foi mandado para Alagoas. Lá, recebeu um tiro, e o *Correio da Manhã* arranhou que ele ganhasse o Prêmio Esso de Reportagem, só porque mandou um telegrama lá, em cima da hora, da briga com o Muniz Falcão<sup>9</sup>. Foi hospitalizado e, quando ele reassumiu, eu era o chefe de reportagem na parte da tarde e o Mauricinho Caminha de Lacerda era o chefe na parte da manhã, e o Márcio apareceu e eu dei a ele a tarefa... “Não vou fazer isso, não. Eu tenho coisa mais

---

<sup>8</sup> Márcio Moreira Alves iniciou sua carreira profissional como repórter no jornal *Correio da Manhã*. Entre 1961 e 1963, foi assessor de San Tiago Dantas, quando este era ministro das Relações Exteriores (1961-1962) e ministro da Fazenda (1963). Adversário de João Goulart, inicialmente apoiou o golpe militar, porém no mesmo ano comandou forte campanha em defesa dos presos políticos, denunciando a prática de torturas em prisões brasileiras. Em 1966, foi eleito deputado federal pela Guanabara, pelo Movimento Democrático Brasileiro, partido de oposição. Cassado pelo AI-5, deixou clandestinamente o Brasil em 1968, retornando somente em 1979, após o decreto da anistia. Com o fim do bipartidarismo, filiou-se ao PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e foi subsecretário de relações internacionais do governador do Rio de Janeiro Wellington Moreira Franco (1987). Em 1990, desligou-se deste partido, retomando sua carreira jornalística. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/marcio\\_moreira\\_alves](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/marcio_moreira_alves), acessado em 29.01.2010.

<sup>9</sup> Djalma Marinho Muniz Falcão foi um político de destaque em Alagoas. Foi eleito deputado federal por este estado nos anos de 1967, pelo MDB, e em 1982, pelo PMDB. Também por este partido, foi eleito prefeito de Maceió (1986). Além disso, Muniz Falcão exerceu mandato de senador entre abril de 1998 e junho de 1999. Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Djalma\\_Marinho\\_Muniz\\_Falc%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Djalma_Marinho_Muniz_Falc%C3%A3o) acessado em 29.01.2010.

importante para fazer no Itamaraty”. Aí, simplesmente... Eu sempre fui muito duro, não é?

M.F – Enquadrou logo.

L.B. – Dei-lhe três dias de suspensão. Aí foi um “deus-nos-acuda” no *Correio da Manhã*, me pedindo. Eu não revoguei. Três dias de suspensão. Mas eu fui para o *Diário de Notícias* e viajei com o Jânio e, logo em janeiro de... Aliás, eu vou lhe contar aqui – se você quiser, depois você suprime ou não – por que eu fui destacado para ir com o Jânio.

M.F – Não, isso é importante.

L.B. – O Nilson Viana era o chefe de redação, de quem eu era o assistente, e ele chegou para mim e disse: “Moniz, eu preciso de uma pessoa incorruptível – e eu sei que você não se deixa subornar – para continuar a campanha contra Mário Pinotti<sup>10</sup>”, que era o ministro da Saúde.

M.F – Sei, sei.

L.B. – “Porque o Aduino Lúcio Cardoso<sup>11</sup>, que estava fazendo a campanha, tem uma série de documentos, deu para o Amaral Netto<sup>12</sup>, mas o Amaral Netto já foi comprado” – isso me disse o Nilson Viana –, “já foi comprado, e aqueles lá não vão tentar...”.

---

<sup>10</sup> Márcio Pinotti foi um médico sanitarista e o primeiro prefeito do município de Nova Iguaçu. (1919-1922). Foi ministro da Saúde nos governos de Getúlio Vargas (1950-1954) e Juscelino Kubitscheck (1955-1960) e membro titular da Academia Nacional de Medicina (1957). Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rcio\\_Pinotti](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rcio_Pinotti), acessado em 29.01.2010.

<sup>11</sup> Aduino Lúcio Cardoso iniciou sua atividade política durante o Estado Novo, período no qual manifestou oposição ao governo, participando da elaboração do “Manifesto dos Mineiros”. Em 1947 foi eleito vereador pelo Distrito Federal na legenda da UDN (União Democrática Nacional), tendo, entretanto, renunciado ao cargo por discordar da decisão do Senado Federal de restringir os poderes da Câmara Municipal. Nos anos de 1954 e 1958 foi eleito deputado federal pelo Distrito Federal também pela UDN. Em 1962 elegeu-se ao mesmo cargo, porém, desta vez, representando o Estado da Guanabara. Foi presidente da Câmara dos Deputados (1966), cargo do qual renunciou no mesmo ano em represália à cassação dos mandatos de seis parlamentares opositores. Reeleito deputado federal, pela Guanabara, pela Arena, não chegou a tomar posse, pois aceitou o convite do presidente Castelo Branco para ingressar no Superior Tribunal Federal (STF). Em 1971 se aposentou do STF, voltando a atuar como advogado a partir de 1973. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/adauto\\_lucio\\_cardoso](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/adauto_lucio_cardoso), acessado em 29.01.2010.

<sup>12</sup> Fidélis dos Santos Amaral Netto começou a carreira de jornalista em 1947, no *Correio da Noite*. Passou pelas principais redações do Brasil e, no início da década de 1950, ajudou Carlos Lacerda a fundar o

M.F. – Apurar nada.

L.B. – “Não vão tentar responder, não. Eles vão é comprar. Eles vão comprar.” Bom, eu comecei a fazer a campanha. Fui ao Adauto – eu me dava muito bem com ele –, para ele me dar o material, e peguei o Sérgio para fazer o requerimento de informações. Aí, um dia eu recebo um telefonema de Carmem Dantas, que vivia com o João. E justamente foi o embaixador Mendes Vianna, que era secretário-geral do Itamaraty, porque eu trabalhei lá muito tempo, pelos jornais, o *Correio da Manhã*... Eu sempre fui vinculado a essa área. O embaixador Mendes Vianna me apresentou à Carmem e ela ao João e me convidaram para ir para o *Diário de Notícias*, me pagando mais do que eu ganhava no *Correio*. E eu, aliás, preferi isso porque, sendo o *Correio* de...

M.F. – De parentes.

L.B. – ...de parentes, eu não podia estar fazendo... Foi aí que uma vez o Luiz Alberto me disse: “É bom você... porque você não pode fazer greve aqui nem pedir aumento porque é primo da Niomar” [riso] Aí eu fui para o *Diário de Notícias*, ganhando mais e sendo chefe da redação. Bom, foi o Mendes Vianna quem me apresentou à Carmem. A Carmem disse: “Eu quero que você venha aqui em casa” – ela morava ali no Leblon – “às oito horas da manhã, mas não diga nada a João que eu lhe chamei”. Eu fui lá e a Carmem... Depois fiquei muito amigo dela, como de João, tratando por Carmem e por João, porque eu gosto muito dele. A Carmem disse: “Olha, eu vou lhe pedir um favor. Eu queria que você suspendesse a campanha contra Mário Pinotti”. Eu disse: “Olha...”. Naquela época, eu a chamava ainda de dona Carmem. Tinha recém-conhecido, e muito jovem ainda, não é? “Dona Carmem, a senhora não precisa me pedir um favor. A senhora, como mulher do Dr. João Dantas, dá ordens, e eu fui para o *Diário de Notícias* porque a senhora me apresentou a ele e ele me convidou, então, não posso deixar de

---

jornal *Tribuna da Imprensa*. Depois de um período afastado, para se dedicar à política, voltou à televisão, em 1968, para criar *Amaral Netto, o Repórter*, no qual divulgava as obras do regime militar. Netto foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro representando as legendas da ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e do PDS (Partido Democrático Social) e tinha como objetivo principal, na sua carreira política, a defesa da instituição da pena de morte no Brasil. Retirado de <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html>; <http://www.memorialdafama.com/biografiasAB/AmaralNetto.html>, acessado em 1.02. 2010.

atender a uma ordem sua. Entretanto, eu não sou o chefe da redação, eu sou o assistente do chefe, e ele me dá essa ordem de fazer”.

M.F. – De continuar com a campanha.

L.B. – É. “Eu não posso dizer para ele que não vou fazer porque ele vai pensar que eu fui comprado.” Ela: “Não, eu não fui! É porque eles são meus amigos! Eles são meus amigos!”. Eu disse: “Sim, são amigos da senhora, mas meus não são. E eu não posso dizer para o Nilson que não posso fazer”.

M.F. – É, porque não se tratava só de uma questão de amizade; tratava-se de apuração...

L.B. – “Então, para que eu atenda ao seu pedido, porque eu não posso deixar de atender, eu vou chegar hoje lá e pedir demissão”. Ela botou a mão na cabeça... “Não, por favor, não faça isso!” [riso] Eu digo: “Eu não vou dizer por que, não. Eu vou pedir demissão para não ter que fazer”. “Não, não faça isso. Eu vou dar um jeito. Então, não faz...” O que é que aconteceu? O João Dantas mandou um bilhete para a redação dizendo para só publicar aquilo que fosse... Não tomar a iniciativa. E ao mesmo tempo... E ela disse: “E o Nilson Viana, eu dou um jeito depois”, ela me disse. E a mim, ela me... o João me destacou para viajar com o Jânio Quadros. Aí eu viajei. Eu fui a Cuba com o Jânio... Eu viajei durante seis meses, até meados de 1960, quando a candidatura do Sérgio...

M.F. – Para o governo do estado da Guanabara.

L.B. – É.

M.F. – Disputar com o Lacerda.

L.B. – É. Porque eu fui, apesar da minha idade, eu fui um dos principais... o principal articulador da candidatura dele. Porque eu era do Partido Socialista e o Partido Comunista não queria... Eu fui ao Prestes e o Prestes disse: “Não, o Sérgio é radical

demais. Eu estou em contato com o Negrão de Lima<sup>13</sup> para...”. Um negociações que ele estava fazendo. Eu combinei com o Edmundo...

M.F. – Porque o Negrão estava, naquele período, temporário, até que fossem procedidas as eleições.

L.B. – Não, isso foi em 1960.

M.F. – Pois então. As eleições... O Negrão foi o primeiro... Não, desculpe, eu estava falando da prefeitura. Foi o Sette Câmara. O Sette Câmara que era o governador temporário.

L.B. – Exato. O Negrão era presidente do PSD [Partido Social Democrático].

M.F. – É.

L.B. – “Eu estou em contato com o Negrão.” Eu aí combinei com o Edmundo e nós fomos ao João Mangabeira<sup>14</sup> e combinamos que o Partido Socialista lançaria, indicaria o nome de Sérgio para o PTB. Porque tinham três candidatos querendo lá. Aliás, três não. Um era o Rubens Berardo e o outro, Eloy Dutra, e o terceiro era Sérgio. Dos três, era o

---

<sup>13</sup> Francisco Negrão de Lima foi um político mineiro que ganhou projeção nacional por conta do papel desempenhado na execução do golpe do Estado Novo, no episódio que ficou conhecido como “Missão Negrão de Lima”. Com a chegada de Juscelino Kubitschek à presidência da República em 1956, foi nomeado prefeito do Distrito Federal, cargo que ocupou até 1958, quando assumiu o Ministério das Relações Exteriores, atuando como chanceler da operação Pan-Americana. Em 1965 foi eleito governador da Guanabara pela coligação formada pelo PTB e pelo PDS. Após a conclusão de seu mandato, passou a atuar na iniciativa privada como membro do conselho consultivo do Banco Safra e presidente da Bolsa de Imóveis do Rio de Janeiro. Retirado de <http://www.alerj.rj.gov.br/memoria/historia/govgb/negrao.html>, acessado em 1.02.2010.

<sup>14</sup> Deputado estadual e prefeito de Ilhéus, foi deputado federal pela Bahia entre 1909 e 1911 e entre 1914 e 1929, e senador em 1930. Com a eclosão da Revolução de 30, perdeu seu mandato. Elegeu-se novamente deputado federal da Bahia, assumindo o cargo em 1935. Fundou, com outros 20 deputados, o Grupo Parlamentar Pró-Liberdades Populares, que combatia a Lei de Segurança Nacional e defendia os direitos constitucionais. Preso em 1936, acusado de envolvimento com os comunistas, no ano seguinte retornou a Câmara de Deputados. Com a implantação do Estado Novo perdeu seu mandato pela segunda vez. Em 1947, foi eleito deputado federal pela Bahia, pela ED (Esquerda Democrática), que passou a chamar-se PSB (Partido Socialista Brasileiro), do qual tornou-se presidente. Com a renúncia do primeiro-ministro Tancredo Neves em 1962, Francisco Brochado da Rocha o substituiu, nomeando João Mangabeira para a pasta de Minas e Energia, cargo que permaneceu por dois meses. Após a aprovação do presidencialismo, Goulart deu início à formação de um novo ministério, mas manteve João Mangabeira. Em maio, porém, ele se exonerou do cargo. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/joao\\_mangabeira](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/joao_mangabeira), acessado em 1.02.2010.



menos votado. Porém, os outros dois tinham menos força do que o Sérgio. Então, nisso – e aquela briga lá –, nós fizemos.... Eu falei com o João Mangabeira e com o Edmundo para o partido lançar, indicar... Para o PTB não pensar que ele foi indicado pelo Partido Socialista. Então, indicaria o PTB o nome dele, que gostaria etc., para não criar um atrito. Mas, ao mesmo tempo, eu preparei umas manobras: fui para o Augusto do Amaral Peixoto<sup>15</sup>, que era presidente do PSD...

M.F. – Daqui do Rio de Janeiro.

L.B. – ...fiz uma entrevista com ele perguntando... e ele disse: “Não! Eu prefiro a candidatura do Lacerda!”. Aí, o Lutero<sup>16</sup> chegou do México, porque ele estava lá, eu fui ao Lutero, que era o presidente do PTB carioca e disse: “Olha aqui o que o Augusto disse”. [riso] Fiz uma intriga danada lá, não é? E terminou que o Lutero passou a apoiar o Sérgio e o PTB... Aí, marcamos a... O Partido Comunista ficou louco da vida, não é? Eles foram falar comigo, a Edna Lott, junto com o Kardec Lemme, mas aí o Kardec compreendeu o alcance. Eu disse: “Não, o problema é que tem que fixar aqui um candidato, para evitar o golpe”. Eles falavam em golpe. Então, o Partido Socialista lançou a candidatura, indicando, e o PTB, no dia seguinte, ou dois dias depois, formalizou e aí o Sérgio foi candidato.

---

<sup>15</sup> Augusto do Amaral Peixoto participou do movimento tenentista nos anos 20. Na década de 30, combateu a Revolução Constitucionalista de São Paulo e foi eleito deputado federal constituinte em 1933 pelo Partido Autônomo e reeleito em 1934. Fez oposição à ditadura do Estado Novo e com o fim desta, ingressou no PSD. Eleito em 1950 suplente de deputado federal pelo Distrito Federal, assumiu uma cadeira na Câmara em 1953 e exerceu o mandato até 1955. Durante o governo de Juscelino Kubitschek, presidiu a Caixa Econômica Federal. Em 1962, novamente pelo PSD, elegeu-se deputado estadual na Guanabara. Contrário ao regime militar instalado no país em 1964, filiou-se ao MDB, partido de oposição ao novo governo. Nessa legenda, reelegeu-se deputado estadual pela Guanabara, em 1966. Entre 1969 e 1971 foi ministro de Tribunal de Contas do estado da Guanabara. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/augusto\\_amaral\\_peixoto](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/augusto_amaral_peixoto), acessado em 1.02.2010.

<sup>16</sup> O entrevistado se refere a Lutero Vargas, filho primogênito de Getúlio Vargas e Darci Samantho Vargas. Foi um dos fundadores do PTB. Em 1950 elegeu-se deputado federal pelo Distrito Federal. Em 1954, Lutero foi envolvido no inquérito do atentado da rua Toneleros contra Lacerda, mas não foi indiciado. Neste mesmo ano foi reeleito ao cargo de deputado federal. Também em 1954 tornou-se presidente do diretório regional carioca do PTB, cargo em que se manteve até 1962. Em 1960, elegeu-se a deputado à Assembléia Constituinte do estado da Guanabara. Em 1962, foi nomeado embaixador do Brasil em Honduras, posto que ocupou até poucos dias após a eclosão do golpe militar. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/lutero\\_vargas](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/lutero_vargas), acessado em 1.02.2010

M.F. – Aliás, a que você atribui a derrota do Sérgio?

L.B. – A derrota do Sérgio foi...

M.F. – Também, não tinha [inaudível] grande de que ele pudesse ser eleito, não é?

L.B. – Em primeiro lugar, é o seguinte: foi lançada a candidatura do Tenório<sup>17</sup> para desviar, e o PSD lançou o Mendes de Moraes. A candidatura do Tenório, eu tenho impressão que ela foi, na época, financiada pela CIA<sup>18</sup>. O Jorge Serpa foi quem deu... Ele tinha trânsito em toda parte e foi quem deu dinheiro para a campanha do Sérgio, e o intermediário fui eu. Eu me lembro que eu saí um dia com uma pasta com um milhão de reais... de cruzeiros, para botar a carta de Dom Hélder Câmara na imprensa, e chegando nos jornais, eu paguei etc. E depois deu mais. Foi quem mais deu dinheiro para a campanha do Sérgio, foi o Serpa. Ele quis tirar a candidatura do Tenório e falou... foi... Muita coisa eu não lembro mais com nitidez.

M.F. – É porque a candidatura do Tenório era uma forma de... O Tenório tinha uma penetração popular, não é? [Era uma forma de] puxar um pouco de votos que eram, essencialmente...

L.B. – Um pouco não. Puxou uma grande parte. E o Jango teve uma atitude dúplice nisso. O Jango também não estava muito interessado no Sérgio.

M.F. – Não? Por quê?

---

<sup>17</sup> O entrevistado se refere ao alagoano Tenório Cavalcanti. Este se mudou para o Rio de Janeiro em 1926 e, em 1936, elegeu-se para a Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Em 1947 foi eleito deputado na Assembléia Constituinte estadual em 1947 pela UDN. Em 1950 elegeu-se para a Câmara dos Deputados novamente pela UDN, incorporando a imagem de líder carismático dos migrantes nordestinos. Em 1954, fundou o jornal Luta Democrática, obtendo nas eleições desse ano a maior votação para deputado federal do estado. Novamente eleito em 1958, candidatou-se dois anos depois ao governo da Guanabara na legenda do Partido Social Trabalhista (PST), sendo o terceiro mais votado. Derrotado no pleito para o governo do estado do Rio de Janeiro, elegeu-se novamente em 1962 para a Câmara, onde permaneceu até sua cassação, em junho de 1964. Retirado de <http://www.alerj.rj.gov.br/memoria/cd/bios/tenorio.html>, acessado em 1.02.2010.

<sup>18</sup> *Central Intelligence Agency*.

L.B. – Porque o Sérgio era um grande líder em emergência e o Jango não queria... Inclusive porque o Sérgio tinha uma posição crítica em relação à política do Jango. O Sérgio era do “grupo compacto”<sup>19</sup>.

M.F. – É. Como é que você definiria, nesse momento, essas correntes do PTB? Porque o PTB, nesse momento, já tem...

L.B. – Era o “grupo compacto”, que estava se formando ainda e que depois vem ter expressão maior a partir da eleição de 1962 – o Sérgio era a principal expressão, e tinha o Temperani Pereira e mais alguns outros –, e tinha o chamado PTB fisiológico. Eram essas as duas correntes básicas. E o Jango por cima. Mas o Jango favoreceu a candidatura do Tenório. Favoreceu e deu o sinal verde para o Samuel Wainer<sup>20</sup> tocar à frente. O Serpa foi tentar demover o Tenório, falou com o Juscelino e o Juscelino também tirou o corpo fora – incentivou também a outra, porque talvez não queria o Sérgio, provavelmente, o Juscelino. Não conseguiu demover o Tenório. O Serpa foi tentar isso e não conseguiu demover o Tenório. E, por fim, o Lacerda ganhou por vinte mil e poucos votos, que nós não sabemos se ele ganhou realmente por vinte mil e poucos votos ou se ganharam por ele na contagem das eleições, no Maracanã.

M.F. – Se houve algum processo de fraude ali.

L.B. – É. Nós nunca sabemos ao certo. Eu sei que ele ganhou por uma margem muito estreita. E nessa época, o Breno Silveira<sup>21</sup>, que era do Partido Socialista aqui, me excluiu do Partido Socialista, dizendo que eu estava no PTB. Eu fazia essa junção, que o

---

<sup>19</sup> O “grupo compacto” foi uma facção criada dentro do próprio PTB, que reunia os parlamentares mais radicais do partido. Procuravam manter uma linha de independência face ao comando de Goulart, defendendo a reforma agrária e a estatização de diversos setores da economia. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/sergio\\_magalhaes](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/sergio_magalhaes), acessado em 1.02.2010.

<sup>20</sup> Samuel Wainer foi um jornalista e empresário, fundador do jornal *A Última Hora* na década de 50. Foi um dos fundadores da revista *Diretrizes*, publicada até 1944, que vinculada ao PCB (Partido Comunista Brasileiro), fazia oposição a Vargas e fora fechada pelo Estado Novo. Depois, ingressou no *Diários Associados de Assis Chateaubrian*, o maior império jornalístico da época. Após o golpe militar foi viver no Chile e posteriormente na França, já que teve seus direitos políticos cassados. Retirado de <http://www.memorialdafama.com/biografiasRZ/SamuelWainer.html>, acessado em 1.02.2010.

<sup>21</sup> Breno da Silveira, pernambucano, médico e político, foi eleito vereador e deputado federal diversas vezes pelo Partido Socialista no Rio de Janeiro entre as décadas de 40 e 60, sendo depois cassado pelo regime militar. Retirado de <http://www.jornaldosol.com.br/op%C3%ADniao/ARTIGOS/2007/255.asp>, acessado em 2 de fevereiro de 2010.

Brizola terminou fazendo, por conta própria dele, em 1962, na eleição de 1962, a Aliança Socialista Trabalhista<sup>22</sup>.

M.F. – Certo. Mas, antes de nós avançarmos, eu queria que você falasse um pouquinho do Jânio, quer dizer, como é que foi essa... Já que você teve essa experiência de acompanhar o Jânio, como é que foi esse contato com ele; as suas impressões sobre isso...

L.B. – Ele só respeitava as pessoas que ele sabia que não o apoiavam. Eu estou dizendo a minha experiência pessoal, por isso eu estou falando em meu nome. Como ele sabia que eu não era janista e que era ligado ao Sérgio e ao PTB, ele me tratava melhor do que aos outros que eram janistas. Era quem ele melhor tratava. Lembro um episódio, antes de 1º de maio, em que ele disse: “Moniz, meu bem, tu, que és socialista, podes escrever para mim a minuta do manifesto de 1º de maio?”<sup>23</sup> “Posso, presidente”, presidente ou, sei lá, governador. “Posso sim.” Escrevi. Botei Central Sindical, escala móvel de salário, tudo que...

M.F. – Tudo que veio na tua cabeça.

L.B. – ...que era o programa nosso, da ala radical do Partido Socialista. Aí, ele subscreveu. Está na imprensa, você pode ver: no dia 1º de maio, tem esse manifesto, que está publicado na imprensa. Nós fomos a Cuba, e eu lembro que na volta, no avião, quando nós voltamos, o Seixas Dória<sup>24</sup> e o Julião<sup>25</sup> estavam escrevendo lá o manifesto

<sup>22</sup> Aliança formada pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro) e PTB.

<sup>23</sup> O entrevistado imita a voz do ex-presidente Jânio Quadros.

<sup>24</sup> Seixas Dória foi deputado federal pela legenda da UDN em Sergipe no ano de 1954 e reelegeu-se em 1959. Apoiou a candidatura de Jânio Quadros a presidência (1960) e quando este renunciou, candidatou-se a governador do mesmo estado. Ao reagir ao golpe de 1964 foi deposto e levado para a ilha de Fernando de Noronha, convertida em presídio. Depois de sair da prisão, passou a atuar como jornalista e conferencista até ingressar no PMDB e candidatar-se a deputado federal em 1982. Retirado de [http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=27560&titulo=Luis\\_Antonio\\_Barreto](http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=27560&titulo=Luis_Antonio_Barreto), acessado em 2 de fevereiro de 2010.

<sup>25</sup> O entrevistado refere-se a Francisco Julião. Este pernambucano, formado em Direito, foi o primeiro parlamentar eleito pela legenda do PSB em seu estado para a Assembléia Legislativa (1954), sendo reeleito em 1958. Defendia uma mudança radical no sistema de propriedade da terra e de produção agrícola no Nordeste, sendo o principal porta-voz das ligas camponesas. Em 1962 elegeu-se deputado federal por Pernambuco, apoiado pela ligação do PSB com o PST (Partido Social Trabalhista). Após o golpe militar, se exilou no México, retornando ao Brasil em 1979. Em 1986 concorreu a uma vaga de deputado constituinte por Pernambuco, na legenda do Partido Democrático Trabalhista (PDT), não tendo sido eleito. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/francisco\\_juliao](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/francisco_juliao), acessado em 2 de fevereiro de 2010.

[inaudível] – um manifesto até muito radical, porque só faltava dizer “todo poder aos sovietes” –, e aí o Jânio disse: “Seixinhas, meu bem, o que é que tu fazes aí? O que é que tu fazes?”<sup>26</sup>. Eu sabia imitar o Jânio melhor do que hoje. Eu já não... “O que é que tu fazes?”. Aí, o Seixas disse: “É um manifesto te apoiando”. Ele olhou e disse: “Eu assino. Depois podem me dar. Eu assino”. [riso] Acontece, Marieta, que eu percebi, acompanhando-o todo esse período e ouvindo as conversas, que ele sempre dizia que ia processar o Congresso. Não é processar o Congresso; é jogar o Congresso contra a opinião pública. Quando perguntavam: “O que vão fazer?”... Eu tenho muitas fotos com o Jânio. Eu posso lhe mandar.

M.F. – Ah! Pode mandar essas fotos para nós.

L.B. – É. Eu vou tirar cópia. Eu tenho uma com ele, com o Jânio, assistindo a conversa dele com... Eu estou em pé atrás do Guevara; ele conversando; Márcio Moreira Alves sentado, porque o Márcio também foi nessa viagem a Cuba; o Rubem Braga<sup>27</sup>; e a perna, só aparece a perna, do embaixador Vasco Leitão da Cunha. Então, eu ouvi sempre o Jânio dizer isso. Quando chegou em junho, eu falei com o João Dantas que eu não podia mais viajar porque eu tinha que cuidar da campanha do Sérgio. Uma vez eu invadi um programa do Lacerda. Porque o José Aparecido<sup>28</sup> me contou que o Lacerda estava com dificuldade de fazer a declaração de bens dele, e eu aí... O Sérgio era um pobretão. O Sérgio não tinha nada. Tinha um apartamento que comprou e um carro, só. Um apartamento que ele comprou financiado pela prefeitura aqui. O Sérgio não tinha nada. Então, eu disse: “Sérgio, você faz a sua declaração de bens e desafia o Lacerda a fazê-lo”. O Sérgio fez, ele desafiou. Aí, o Lacerda criou aquele... E o Flávio

<sup>26</sup> Novamente o entrevistado imita a voz de Jânio Quadros.

<sup>27</sup> Escritor e jornalista. Fundou o jornal *Folha do Povo*, que tomava partido da ANL (Aliança Nacional Libertadora) e a revista *Diretrizes*, junto com Samuel Wainer e Azevedo Amaral. No período de 1961 a 1963, Rubem Braga foi embaixador do Brasil no Marrocos, na África. Publicou diversos livros, tais como: *Ai de Ti Copacabana* (1960), *A Traição das Elegantes* (1967), *Recado de Primavera* (1984), entre outros. Retirado de [http://almanaque.folha.uol.com.br/rubem\\_braga.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/rubem_braga.htm), acessado em 2 de fevereiro de 2010.

<sup>28</sup> José Aparecido de Oliveira, político mineiro, foi secretário particular de Jânio Quadros em 1962, tendo depois sido eleito deputado federal, mandato que exerceu até a sua cassação pelo governo militar. Foi governador do [Distrito Federal \(1985-1988\)](#), ministro da Cultura do governo do presidente [José Sarney](#) e embaixador do Brasil em Portugal durante o governo Itamar Franco. Neste cargo, foi um dos idealizadores da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. O seu último cargo político foi o de assessor especial de Relações Internacionais na administração de Itamar Franco no governo de Minas Gerais. Retirado de [http://tsf.sapo.pt/paginainicial/interior.aspx?content\\_id=822270](http://tsf.sapo.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=822270), acessado em 2 de fevereiro de 2010.

Cavalcanti<sup>29</sup> resolveu fazer um debate na televisão, desafiando o Sérgio para brigar com o Lacerda na televisão. Botou a cadeira lá etc., armando um...

M.F. – Um circo

L.B. – ...um imbróglgio desses, porque o Sérgio não era homem...

M.F. – ...desse tipo de confusão.

[FINAL DA FITA 1-A]

L.B. – ...e eu dava essa cobertura para ele, dava declaração dele. Ele conta algo mais ou menos disso nesse livro *A esquerda brasileira pré-64*. Ele conta um episódio que o Jânio Quadros, durante a campanha presidencial, chegou para os jornalistas e perguntou que tema ele poderia abordar, e eu disse: “A remessa de lucros”. Porque eu tinha ajudado o Sérgio a fazer o projeto de remessa de lucros, juntamente com o Gilberto Paim, de limitação da remessa de lucros para o exterior. Um deputado do Lanka Sama Samaja Party [LSSP]<sup>30</sup>, do Sri Lanka, que eu conheci aqui em uma conferência parlamentar, me disse que esse negócio de remessa de lucros ia ferir mais os Estados Unidos que qualquer outra coisa. Me deu a dica. E eu falei para o Sérgio, e o Sérgio, já com a base da experiência de Vargas etc., começou a fazer e nós elaboramos esse projeto – o Paim fez a parte econômica. E o Jânio chegou e me perguntou, e aí eu disse: “Por que não aborda a remessa de lucros?”. Aí, o Jânio foi para... e fez...

M.F. – Comprou.

L.B. – É. E o Sérgio conta isso. Ele conta até que eu dava notas na imprensa sem falar com ele. [riso] E que depois ele desmentia, não é? E de fato era. Eu dava a nota porque eu sabia o que ele queria fazer. Era para o bem dele, eu era amigo dele, tinha intimidade

---

<sup>29</sup> Flávio Cavalcanti foi um jornalista brasileiro, apresentador de rádio, televisão e compositor. Tornou-se famoso pela sua maneira de falar agressivamente e pelo gesto de tirar e colocar os óculos. Retirado de [http://oglobo.globo.com/cultura/kogut/nostalgia/post.asp?t=programa\\_flavio\\_cavalcanti\\_-\\_polemico\\_apresentador&cod\\_Post=111538&a=294](http://oglobo.globo.com/cultura/kogut/nostalgia/post.asp?t=programa_flavio_cavalcanti_-_polemico_apresentador&cod_Post=111538&a=294), acessado em 2 de fevereiro de 2010.

<sup>30</sup> Lanka Sama Samaja Party é um partido do Sri Lanka, fundado em 1935, baseado em idéias de Trotsky. Foi expulso da IV internacional em 1964, ao chegar apoiar a coalizão do governo. Retirado de [http://en.wikipedia.org/wiki/Lanka\\_Sama\\_Samaja\\_Party](http://en.wikipedia.org/wiki/Lanka_Sama_Samaja_Party), acessado em 2 de fevereiro de 2010.

com ele e tomava essas iniciativas de dar... Então, o Lacerda desafiou... o Flávio Cavalcanti desafiou, com o debate, porque sabia que o Sérgio não podia ir. Aí nós preparamos uma carta, o Ib Teixeira e eu... Sabe quem é Ib Teixeira?

L.B. – Não.

M.F. – Era um jornalista que tinha aqui que foi do Partido Comunista. É cunhado do Osvaldo Peralva. Ele tinha rompido com o Partido Comunista etc. Nós preparamos uma carta e, no dia do debate, eu fui, com um dos dirigentes do Partido Socialista – esqueço o nome dele agora –, para entregar a carta. Eu deixei para fazer na hora que estivesse no ar, porque eu sabia que eles iam ocultar. Então, uma cadeira lá... o Lacerda e uma cadeira vazia. Na hora que o programa entrou no ar, eu quis fazer a entrega da carta, e aí o Sargentelli<sup>31</sup> não me deixou entrar, e eu empurrei o Sargentelli e invadi o programa. [riso] Aí, entreguei a carta no ar.

M.F. – E a carta foi lida?

L.B. – Não.

M.F. – Não foi?

L.B. – Não. O Lacerda disse: “Leia. Leia”. E o Flávio Cavalcanti: “Eu faço isso! Eu leio!”. Aí, fez aquele... Não leram nada. Eu invadi o programa. Deu um “bode”. Aí, no dia seguinte, até a imprensa deu, dizendo que o Ib Teixeira, ou eu, uma coisa dessas, tinha invadido o programa. Foi um “bafafá” na hora. E foi essa a situação. Porque o Lacerda, depois, fez uma declaração onde ele explicava que a fortuna que ele tinha se devia a direitos autorais e direitos de tradução, inclusive uma quinta que ele tinha em

---

<sup>31</sup> O entrevistado refere-se a Osvaldo Sargentelli, que se auto-definia como "mulatólogo" e foi um dos grandes ícones da história do samba no Brasil. Sargentelli foi locutor de rádio no fim da década de 40 e apresentador de televisão da extinta TV Tupi onde apresentou programas como *O preto no branco* e *Advogado do Diabo*, nos quais fazia perguntas polêmicas aos seus entrevistados. Em 1964, Sargentelli foi proibido pelo regime militar de continuar com o programa, decidindo, então, abrir casas de espetáculos voltadas para o samba. Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Osvaldo\\_Sargentelli](http://pt.wikipedia.org/wiki/Osvaldo_Sargentelli), acessado em 2 de fevereiro de 2010.

Portugal. Porque ele recebia dinheiro do Salazar também. Era [boana]<sup>32</sup> dele. Do Salazar, da CIA... Sei lá de onde ele recebia, não é? Mas a fortuna que ele tinha, já naquela época, não justificava...

M.F. – As atividades...

L.B. – De direitos autorais. Não podia, o direito de tradução, dar para ele comprar uma finca. Ele fez lá uma declaração. É esse período do Jânio. Então, em 1961, quando o Jânio renunciou, eu tinha ido à Bolívia, voltei correndo, quando vi a crise, e aí o João Dantas... Cheguei ao Rio de Janeiro... Cheguei a São Paulo, o Jânio tinha renunciado.

M.F. – Quer dizer, você acha que ele renunciou com o intuito mesmo de que ele iria criar uma situação...

L.B. – Deixa eu lhe contar.

M.F. – Faz uma avaliação sobre a renúncia.

L.B. – O Jânio... Cheguei a São Paulo e, lá no aeroporto, soube da renúncia do Jânio, naquele dia, naquela... Eu cheguei ao Rio e o João Dantas, imediatamente, mandou eu ir para Brasília. Eu acompanhei a crise toda da casa do Sérgio e no gabinete dele lá em Brasília. Porque ele assumiu a presidência do Congresso, porque o Mazzilli<sup>33</sup> foi ser presidente da República. O Jânio tentou um golpe de Estado. Isso eu revelei em um livro publicado logo em seguida, com prefácio de Sérgio Magalhães. Em novembro de 1961, quando todo mundo ainda acreditava que ele tinha sido deposto, eu publiquei um

---

<sup>32</sup> Palavra mais próxima do que foi possível ouvir.

<sup>33</sup> O entrevistado se refere a Ranieri Mazzilli: jornalista, advogado e político brasileiro. Na década de 1940, Mazzilli exerceu diversos cargos públicos na área de tributação no Distrito Federal e foi membro do Conselho Nacional do Petróleo. Em 1950, elegeu-se deputado federal por São Paulo, na legenda do PSD, sendo reeleito em 1954. Foi eleito presidente da Câmara em 1958 e reelegeu-se 5 vezes seguidas. Por causa de tal cargo assumiu a presidência do país algumas vezes, inclusive após a renúncia de Jânio Quadros (quando o vice João Goulart encontrava-se na China). Em 1962, foi mais uma vez eleito deputado federal e, em março de 1964 elegeu-se presidente da Câmara pela sexta vez consecutiva. Quando Goulart foi deposto por um golpe militar, assumiu novamente a presidência da República. No entanto, seu poder foi apenas formal: o poder de fato estava nas mãos do autodenominado Comando Supremo da Revolução, formado pelos ministros militares. Em 1966, não conseguiu reeleger-se deputado federal pela legenda do MDB.

Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ranieri\\_mazzilli](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ranieri_mazzilli), acessado em 2 de fevereiro de 2010.



livro mostrando que ele tinha tentado um golpe de Estado. Por quê? Porque eu o tinha acompanhado durante a campanha e percebi...

M.F. – O tipo de articulação que ele estava fazendo.

L.B. – É, a forma, o que ele fazia. Depois, acompanhei a crise lá dentro da Câmara, sabia o que estava... ou dos bastidores. E muitos militares do Serviço Secreto – cujos nomes eu nem me lembro mais e não citei porque na época eu não podia – me deram as informações completas de como a coisa estava ocorrendo. Porque eu estava lá em Brasília. Aí eu publiquei esse livro. O Sérgio foi que fez o prefácio. O título desse livro é: *O 24 de agosto de Jânio Quadros*. Até, há pouco tempo, o Augusto Nunes<sup>34</sup>, que está fazendo um romance sobre essa época, pediu à filha dele que me perguntasse sobre isso. O Jânio depois confirmou que tentou um golpe de Estado, em *História do povo brasileiro*. Isso está muito confirmado hoje, não teve mais nada, mas, naquela época achavam que ele tinha sido deposto.

M.F. – Porque, na verdade, ele veiculou um tipo de versão...

L.B. – Ele tentou reproduzir... Foi o que eu disse na... ele tentou reproduzir o que ocorreu a Vargas. Só que ele vivo. Com Vargas, ocorreu com ele morto. Eu fui para programa de televisão com o Castro Neves – eu tenho até foto disso, do debate com ele na televisão, com o Castro Neves... Ele tentou ver se fazia uma mobilização popular. Fez uma carta no estilo...

M.F. – É. Mas também eu acho que ele temia... Como o Jango, o vice-presidente, era um candidato que suscitava muitos temores e resistência nos setores dos conservadores...

L.B. – Ah! Deixa eu lhe contar outro detalhe, que eu ia esquecendo. Durante a campanha eleitoral, eu percebi, aqui no Rio, que tinha muita gente que votava no Sérgio

---

<sup>34</sup> Jornalista; já dirigiu o *JB*, a revista *Forbes* e a *Gazeta Mercantil*. Escreve mais sobre política e atualmente está no departamento digital da revista *Veja*. Retirado de [http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas\\_noticias/2009/03/10/imprensa26636.shtml](http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2009/03/10/imprensa26636.shtml), acessado em 09.02.2010.

mas não queria o Lott.<sup>35</sup> A mim, não interessava a candidatura de Lott, de jeito nenhum. Interessava a do Sérgio. Porque eu achava que o problema central era a Guanabara, era o governo do estado da Guanabara, não era a presidência da República. Isso eu tinha a ideia muito nítida, e disse ao Kardec Lemme, quando eles foram falar comigo, os militares ligados ao Partido Comunista. Foi aí que o Prestes, depois disso, passou a apoiar a candidatura do... Por causa dos militares. Porque eu conversei com o Kardec, o coronel Donato e a Edna Lott e disse: “O problema central é o governo da Guanabara”.

M.F. – Por que você achava que o problema central era o governo da Guanabara?

L.B. – Porque botar... Naquela época, estrategicamente, a Guanabara era mais importante.

M.F. – Era o coração...

L.B. – Era o coração.

M.F. – ...do Brasil.

L.B. – Quer dizer, se o Jânio... O Jânio, eu sabia que ia ser eleito. O Lott não tinha condição.

M.F. – Isso já era uma coisa que todos tinham consciência.

L.B. – Todos tinham percebido. Eu via. Por exemplo, o Jânio chegava, olhava a faixa, “Reatamento de relações com a União Soviética”, ele olhava e dizia: “Reatamento de relações com a União Soviética? Isso para mim é coisa pacífica. Trata-se agora de

---

<sup>35</sup> O entrevistado se refere a Henrique Teixeira Lott, um militar brasileiro. Formou-se na Escola de Estado-Maior do Exército (1927) e, em 1945, participou do movimento militar que destituiu o presidente Getúlio Vargas. No dia do suicídio deste último, no qual José Café Filho tomou posse, Lott foi escolhido para ocupar o ministério da Guerra, cargo em que permaneceu até o fim do governo Juscelino Kubitschek. Em 1960, deixou o ministério para concorrer à eleição presidencial, vencida por Jânio Quadros. Quando este renunciou, Lott divulgou um manifesto conclamando o povo, em geral, a defender a Constituição. Na ocasião do golpe militar de 64, se manifestou contrariamente ao ato, que julgou como antidemocrático. Foi viver nos Estados Unidos, onde permaneceu até 1975. Em 1979, defendeu publicamente a necessidade e importância da anistia. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/henrique\\_teixeira\\_lott](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/henrique_teixeira_lott), acessado em 04.02.2010.

reconhecer a China Popular”. [riso] E o pessoal gostava. O Lott, eu assisti... Eu fui com o pessoal do Partido Socialista... depois que voltamos de Cuba, o Julião presente, o Partido Socialista foi dizer que apoiava o Lott etc. – eu não estava apoiando, não, mas era do Partido Socialista...

M.F. – E quem você estava apoiando?

L.B. – Ninguém. Para a presidência, eu não estava... Eu estava querendo era Sérgio Magalhães. Eu não estava a fim de achar que o Lott era... Fui com eles lá, e o Lott olhou, assim: “O senhor é Francisco Julião? O senhor é das Ligas Camponesas? Olha, é bom isso acabar, acabar logo com isso. Quando presidente, tem que transformar isso em sociedade de beneficência. Eu não vou deixar isso, não”.<sup>36</sup> [risos] Era assim o Lott.

M.F. – É, ele era, realmente, muito ruim de política.

L.B. – E o Jânio Quadros era o contrário. E eu percebia. Eu sabia que... Enquanto que o Lacerda era perigoso. E como foi, no golpe de 1964, o Lacerda.

M.F. – E, realmente, ele ter sido eleito para o governo da Guanabara e ter um papel central na articulação e na conspiração...

L.B. – Central. E isso aí, eu tive... Eu percebia isso. Para mim, a presidência não era o...

M.F. – [Não era] a questão mais importante.

L.B. – Não, não era. Era a Guanabara. Disse ao Kardec, ao Donato, que eram os coronéis, eram da ala, do setor militar. E foi depois dessa conversa, quando eu convenci o Kardec disso, que o Prestes mandou apoiar o Brizola.

M.F. – Mas foi uma coisa muito equivocada, então, do Jango, não ter apostado...

L.B. – Mas eles não tinham essa noção.

---

<sup>36</sup> O entrevistado imita a voz de Henrique Teixeira Lott.

M.F. – [Não tinham] a perspectiva mais ampla de política.

L.B. – O problema... O Jango era muito empirista.

M.F. – Como é que você retrata a figura do Jango nesse momento, antes de ele assumir a presidência da República?

L.B. – Ele era um homem com uma inclinação política tradicional. Com sensibilidade para a esquerda, para o movimento operário, mas o estilo dele ainda era de política tradicional. Ele, por exemplo, preservava a liderança dele. Ele não queria outros concorrentes. Isso era...

M.F. – E o Sérgio, na verdade, se apresentava como uma ameaça?

L.B. – Ameaça. Porque o Sérgio era o crítico, também, dessa política. O Sérgio era. Então, não interessava... O Sérgio, governador da Guanabara, era um candidato potencial à presidência da República.

M.F. – À presidência da República, certamente.

L.B. – Era um candidato potencial à liderança do PTB. Não interessava isso ao Jango.

M.F. – Nem ao Brizola, talvez.

L.B. – Não, o Brizola ainda era uma figura...

M.F. – Regional.

L.B. – ...regional. A figura de Brizola emergiu a partir...

M.F. – Depois de 1962, não é?

L.B. – Não.

M.F. – Não, com a campanha da legalidade<sup>37</sup>.

L.B. – Com a campanha da legalidade.

M.F. – É verdade.

L.B. – E vou lhe dizer mais: o Brizola fazia oposição ao Juscelino, por causa do negócio do Rio Grande do Sul, criticava etc. e por aí afora. Quando o Jânio assumiu, o Brizola passou a ter um entendimento maravilhoso com o Jânio. Porque o Jânio tinha isso, queria cativar. Como o Brizola passou a ter depois com o Collor. E o Jânio, a jogada dele, que eu percebi durante a campanha e depois, quando estava no governo... Ah! Tem outro detalhe: quando terminou a campanha eleitoral, eu assumi a chefia da seção política do *Diário de Notícias*. Eu fui editor político do *Diário de Notícias* de 1961 a 1964. Eu tinha contato com todo mundo e sabia de todas as áreas, recebia uma massa de informação grande. E o Jânio, eu sabia já antes disso, chegava para o Brizola e dizia: “Não, mas eu estou fazendo concessões à política econômica, à direita, porque não tenho o apoio... Tenho que fazer, porque... Enquanto eu não tenho plenos poderes”. E chegava para o Lacerda e dizia: “Eu faço essa política de concessões à esquerda”, a política externa que era... Isso está até em um documento do Douglas Dillon<sup>38</sup>, também, que diz que ele fazia política externa para efeitos de política interna, para justificar a aplicação do plano econômico. Chegava para o Lacerda e dizia a mesma coisa, só que no sentido inverso. O Jânio, quando renunciou... O Brizola levantou o Rio Grande, não foi para dar posse ao Jango, não; foi para garantir o Jânio.

M.F. – Como assim? Explica melhor isso.

L.B. – Ele achava que o Jânio tinha sido... precisava de apoio.

---

<sup>37</sup> A campanha da legalidade foi um movimento liderado por Leonel Brizola, entre os dias 26 de agosto e 7 de setembro de 1961, após a renúncia de Jânio Quadros. Esta visava garantir a posse do então vice-presidente João Goulart, que se encontrava na China, buscando manter a ordem jurídica nacional. Os militares desafiavam esta última ao defender a convocação de novas eleições e ao tentar impedir a posse de Jango. Retirado de <http://www.pdt.org.br/diversos/legal.htm>, acessado em 04.02.2010.

<sup>38</sup> Douglas Dillon foi um político norte-americano. Ocupou o cargo de 57º Secretário do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos entre os anos de 1961 e 1965. Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/C.\\_Douglas\\_Dillon](http://pt.wikipedia.org/wiki/C._Douglas_Dillon), acessado em 04.02.2010.

M.F. – Para voltar?

L.B. – É. No esquema do golpe, de sustentar. Porque o Jânio nunca explicitou claramente que ia dar um golpe, mas que precisava de plenos poderes. Quando o Jânio renuncia, o Brizola pensa que ele tinha sido deposto ou qualquer coisa dessas e que precisava... E o Lacerda...

M.F. – Quer dizer, quando ele desencadeia a campanha da legalidade...

L.B. – Foi para dar... Primeiro foi para sustentar...

M.F. – ...foi para garantir a manutenção do Jânio.

L.B. – Ele confessa isso.

M.F. – E ao longo do processo...

L.B. – Depois, quando ele viu que era irreversível, foi que ele...

M.F. – Aí ele começa a defender a posse do Jango.

L.B. – Do Jango. Ele conta isso. Ele diz isso. Ele ligou até para os generais, para o Muricy, sei lá, para saber. Isso ele diz. E o Lacerda, eu creio que denunciou o golpe porque já o Jânio não oferecia segurança a certos setores dos Estados Unidos, da CIA...

M.F. – Com a política em relação a Cuba, a [ponderação]<sup>39</sup>...

L.B. – É, aquela medalha, aquela condecoração...

M.F. – ...do Che Guevara.

---

<sup>39</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

L.B. – E tem um outro detalhe: ocorre no momento de agravamento da crise de Berlim. Porque lembre que o muro foi levantado no dia 13 de agosto de 1961, o Muro de Berlim. Isso tudo tem implicações internacionais.

M.F. – Claro!

L.B. – Então, o Brizola transformou isso em... Primeiro foi para sustentar o Jânio. E quando ele viu que não tinha... aí foi posse ao Jango. E aí ele se projetou...

M.F. – Nacionalmente.

L.B. – ...nacionalmente.

M.F. – Deixou de ser um político regional e...

L.B. – Deixou de ser um político regional. O Talarico<sup>40</sup> lançou o nome... Foi o Talarico que lançou o nome do Brizola para ser candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro. Aí, o Brizola foi o mais votado aqui no Rio de Janeiro. Foi aí que ele criou bases aqui no Rio de Janeiro. Foi aí que ele criou bases. E se elegeu deputado federal...

M.F. – O mais votado, não é?

L.B. – O mais votado. Nessa época, se consolidou então... Porque aí é que entra outro detalhe: em 1960 ou 1961, o Jango começou... Porque, olha, Marieta, ninguém é autor isolado de qualquer ideia.

M.F. – É verdade.

---

<sup>40</sup> O entrevistado se refere a José Gomes Talarico. Este, desde cedo admirador de Getúlio Vargas, envolveu-se diretamente com a criação do PTB. Iniciou sua carreira parlamentar em 1954, quando foi eleito suplente de deputado federal pelo Distrito Federal. Em 1958 obteve nova suplência. Em 1962 a uma cadeira na Assembléia Legislativa do recém criando estado da Guanabara. Vice-presidente da Assembléia e parlamentar atuante nos embates com os grupos políticos fiéis ao governador Carlos Lacerda, credenciou-se como um dos principais assessores sindicais de João Goulart. Durante o regime militar teve se mandato cassado. Nos fins da transição democrática, empenhou-se na reconstrução do trabalhismo, auxiliando Brizola na organização do PDT. Em 1982 foi eleito deputado estadual. Exerceu a liderança do governo Brizola na Alerj até o ano de 1984, quando foi eleito para o Tribunal de Contas do Estado. Retirado de <http://www.alerj.rj.gov.br/publicacoes/josetalarico.htm>, acessado em 04.02.2010.

L.B. – Quando alguém tem uma ideia é porque ela está madura, e outros têm ao mesmo tempo. Quando eu estou falando “eu”, não é porque eu queira ser o principal. Não, eu estou dizendo porque eu estou dando o meu depoimento, mas outros também tinham essas mesmas ideias. Coincidiam. Esse negócio de definir o PTB para o lado socialista, outros já estavam tendo, também.

M.F. – Claro. Havia uma confluência de pontos de vista.

L.B. – Havia uma confluência. Por exemplo, o Hermes Lima<sup>41</sup> entrou no PTB, que era da direção do Partido Socialista. O Jango, não me lembro quando, em 1961 ou 1962, pediu ao Hermes e ao San Tiago Dantas para elaborar um programa, já definindo em termos de socialismo democrático etc. Então, isso é que eu quero salientar: eu estou dando um depoimento meu, então, eu falo do que eu participei. Agora, outros também têm a mesma... Isso vai ocorrer, depois, na parte de reorganização do PTB, depois de 1975... de 1974, aliás. A mesma coisa ocorre quando se deixou configurar esse... Mas nessa época, foi isso o que aconteceu.

M.F. – Mas vamos falar um pouquinho, então, desses dias dramáticos entre a renúncia do Jânio e a posse do Jango, que você disse que acompanhou tão de perto. Como é que se chegou a esse acordo de fazer a emenda parlamentarista? Como foram essas articulações?

---

<sup>41</sup> Hermes Lima foi, durante o primeiro governo Vargas, diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal, colaborador do *A Manhã* e porta-voz da ANL. Por conta de um movimento armado organizado por esta última, foi preso e afastado da Faculdade de Direito. Em 1945, participou da fundação da UDN e da Esquerda Democrática (ED), tendo sido eleito deputado à Assembléia Nacional Constituinte por essa legenda. Em 1947, participou da fundação do PSB, e em 1953, ingressou no PTB. Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil nos fins dos anos 50, representou o Brasil em diversos eventos internacionais. No governo João Goulart foi chefe do Gabinete Civil, ministro do trabalho e primeiro-ministro, cargo que acumulou com o de titular da pasta das Relações Exteriores. Com o retorno ao presidencialismo, foi mantido como ministro das Relações Exteriores até junho de 1962. Nesse mês, tornou-se ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), aí permanecendo mesmo após o afastamento de Goulart pelos militares. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em dezembro de 1968, no mês seguinte perdeu sua cadeira no STF, aposentado pelo Ato Institucional nº 5. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/hermes\\_lima](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/hermes_lima), acessado em 04.02.2010.



L.B. – Olha, aí há várias versões sobre isso. O Brizola culpa muito o Jango, de ter aceitado. O Almino Affonso<sup>42</sup> tem também, acha que houve uma manobra do Tancredo, que não quis que ele viajasse juntamente, quando o Tancredo foi oferecer isso ao Jango, essa alternativa. Há várias versões sobre isso. Eu sei que o Jango chegou a Montevideú... A minha ideia, a que eu faço é que ele *não* tinha uma ideia clara do que estava se passando no Brasil.

M.F. – É. Ele já estava fora, com essa viagem à China, e...

L.B. – E também, pelo temperamento dele, não era um homem de chegar e se colocar à frente do Exército lá com o Brizola e marchar para Brasília para...

M.F. – Botar *pra* quebrar, como se pode dizer. [riso]

L.B. – E uma série de implicações, inclusive do ponto de vista da questão dos Estados Unidos, também, legalidade e essas coisas todas. Então, ele aceitou a emenda parlamentarista. Mas inconformado. Ele nunca aceitou aquilo, intimamente. Aceitou formalmente, para poder assumir, mas com a ideia de tirar, de derrubar. Realmente, quando ele chegou - [eu estava]<sup>43</sup> - , a situação já era muito difícil para os ministros militares. Eles não contavam mais com força nenhuma, realmente. Eles davam uma ordem, os militares pediam por escrito. “Ah, não.” “Então não faço.”

M.F. – Eu acho que a campanha da legalidade teve, realmente, um papel muito importante.

L.B. – Teve. Teve um papel muito importante.

---

<sup>42</sup> Almino Affonso foi um político, eleito deputado federal pela primeira vez em 1958 no Amazonas, pela legenda do Partido Social Trabalhista (PST). No ano seguinte, transferiu-se para o PTB, participando da formação do “grupo compacto”. Foi nomeado ministro do Trabalho e Previdência Social (1963) e em junho do mesmo ano, foi afastado do ministério e retornou à Câmara dos Deputados. Em 1964, perdeu seu mandato e teve seus direitos políticos cassados. Em 1979, de volta ao Brasil, elegeu-se vice-governador de São Paulo na chapa vitoriosa do PMDB encabeçada por Orestes Quércia. Disputou, sem êxito, o cargo de governador paulista em 90 pela legenda do PTB. Em 1994, filiou-se ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e foi eleito deputado federal. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/almino\\_afonso](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/almino_afonso), acessado em 05.02.2010.

<sup>43</sup> Trecho mais aproximado do que foi possível ouvir.

M.F. – Mesmo pessoas que tinham posições muito conservadoras e que eram contra o Jango, a partir de um determinado momento, embarcaram nessa proposta de...

L.B. – Não foi só a partir... Tem que ver o seguinte... É como agora o caso do Iraque, em que mais de 86% da opinião pública mundial...

M.F. – Está contra.

L.B. – ...está contra, pela mesma justificativa. Aqui no Brasil, a consciência era legalista. E das Forças Armadas, também, educadas na escola francesa da legalidade. É nesse tempo que os Estados Unidos mudaram a estratégia de segurança continental e elaboraram a doutrina da *civic action* e passaram a não... a doutrina baseada no inimigo interno, por causa de Cuba. Eles começaram a doutrinar as Forças Armadas de que o inimigo principal já não era mais o exterior, o externo, porque isso eles cuidariam, mas o inimigo interno, a subversão. Essa é a doutrina básica do Pentágono ministrada, através do Colégio Interamericano de Defesa, para os militares da América Latina. Então, as hipóteses de guerra, por exemplo... Toda Escola de Comando e Estado-Maior tem as hipóteses de guerra, os papezinhos lá que eles tiram com os planos delineados. Então, antes, qual era a primeira hipótese de guerra - a primeira HG, como eles chamam no Exército -, aqui no Brasil? Guerra com a Argentina. Por isso o exército do Rio Grande do Sul era o mais poderoso do Brasil, a hipótese de guerra com a Argentina. O que ocorreu a partir de 1960? Eles mudaram, inspirados pelo Pentágono, para a hipótese de guerra do inimigo interno: um governo central vermelho contra governos estaduais azuis. Então, o inimigo era o governo central vermelho principal, a guerra subversiva, adversa etc. Essa é a doutrina. Porém, isso ainda não tinha prevalecido aqui, na mentalidade das Forças Armadas, quando o Jânio renunciou, ainda em 61, porque ainda estava impregnada da escola francesa...

M.F. – Mas mesmo nos anos posteriores – quer dizer, muitos depoimentos de militares que nós temos aqui –, eles ainda continuam defendendo a legalidade.

L.B. – Sim.

M.F. – Mesmo com muitas discordâncias com o Jango, a legalidade ainda era uma bandeira importante.

L.B. – É claro que isso eles nunca conseguiram totalmente, mudar a questão da legalidade, mas conseguiram doutrinar essa... Sessenta e quatro já é um episódio muito... Porque eles armaram a provocação. Era difícil para eles darem um golpe, em 1964, se não armassem aquelas provocações dos marinheiros e dos sargentos. Eles queriam criar o pretexto, o pretexto para dar o golpe. É a velha técnica de propaganda: a propaganda, para ser eficaz, tem que demonstrar, tem que ser baseada em fatos. Eu disse isso em um artigo que eu escrevi recentemente sobre a Guerra do Iraque, onde há esse aspecto. O Hitler, para justificar a intervenção... Ele disse aos militares alemães, ao estado-maior: “O pretexto, a propaganda moral para a guerra, eu arranjo”, que foi invadir a Polônia. Foi o pretexto moral. E ordenou a operação. Himmler, os alemães da Gestapo e das SS, fantasiados de soldados poloneses, atacaram a rádio na fronteira da Alemanha com a Polônia. Como hoje é muito provável que o atentado do Pentágono e do *World Trade Center*... Eles sabiam que ia ocorrer, mas talvez não soubessem [que seria] naquela proporção.

M.F. – [Não sabiam] a dimensão.

L.B. – A dimensão. Mas sabiam que ia haver um atentado. Eles precisavam disso. Está provado que eles sabiam. Até o Bush foi informado. Só não sabiam, talvez, da dimensão. Eles precisavam, porque queriam aplicar toda essa estratégia de segurança que eles estão aplicando, que já vem do início dos anos 90. E eu tenho – consegui agora, recentemente – o documento *The New American Century*, de 1997, onde tem isso. Eu tenho um documento, liberado com base no Freedom of Information Act [Foia], a pedido do National Archive, da George Washington University, onde eles delineiam, o Pentágono, em 1962, uma série de hipóteses para fazer provocações que justificassem a intervenção armada em Cuba. Uma delas, sabe qual é? Derrubar um avião civil com estudantes em cima de Havana, para culpar Fidel Castro. E outras, as coisas mais absurdas!

M.F. – E tinha as estratégias pacíficas, digamos. Porque a eleição de 1962 foi uma eleição que se jogou muito dinheiro aqui...

L.B. – Tem um detalhe que eu quero lhe contar, sobre 1962. Eu estive em Washington em dezembro de 2000... E até doeii para eles toda a documentação que eu tenho sobre Cuba. São não sei quantas páginas que eu tenho de cópias xerox do Itamaraty – eu publiquei um livro sobre Cuba, *De Martí a Fidel*, em 1998 –, e é uma pesquisa que eu vinha fazendo há muitos anos. Doeii isso para eles. E eles estão pedindo liberação de documentos sobre o golpe de 1964, que até agora não consegui. Eu dei os documentos que eu quero lá para eles. Eles liberaram os de 1962, estão lá comigo, mas todos os papéis estão em branco. Só tem uma ou outra frase. [riso] Está tudo... Não dá nem para ver a letra. Tudo...

M.F. – Em branco.

L.B. – Está tudo em branco. Uma ou outra frase permitida, sobre as eleições de 1962.

M.F. – Teve uma presença enorme de recursos financeiros nessa eleição, não é?

L.B. – Enorme.

M.F. – E a própria ação do Ibad<sup>44</sup>, também, era uma coisa...

L.B. – Claro! Isso foi através do Ibad. E, assim, eles começaram a criar essa... Onde tem “não sei o que democrático”, você pode ver que ali por detrás tem o dedo da CIA. Como essa coisa na Venezuela. Botou o democrático, tem a CIA por detrás. É o *slogan* deles, a democracia etc. Como essa coisa da Venezuela, essa oposição que tem lá ao Chávez, não sei o que lá democrático. É democracia que eles chamam. E aqui tinha. Naquela época, era a Campanha da Mulher Democrática, os sindicatos democráticos... Tinha de tudo naquela época com esse nome.

M.F. – Mas vamos voltar, então, para a instalação do governo Jango, com a emenda parlamentarista, com Tancredo Neves à frente do gabinete. Como é que o PTB

---

<sup>44</sup> Instituto Brasileiro de Ação Democrática.

absorveu, afinal de contas, essa derrota, digamos, parcial? Porque, na verdade, conseguiram emplacar a posse do Jango, mas com restrições muito grandes.

L.B. – Sim, mas aí houve a luta, desde essa época, para o restabelecimento dos plenos poderes para o Jango. Daí a instabilidade que houve durante todo aquele período, até 63. Porque o PTB queria...

M.F. – ...o retorno ao presidencialismo.

L.B. – É, o retorno. E o Jango também queria retomar. Agora, o Jango tinha medo de assumir completamente. Tinha medo não, não é bem o termo, mas ele não queria assumir. Tanto que ele não assumiu a vitória, fazendo um governo totalmente trabalhista. Ele se compôs com o PSD, quando ganhou o plebiscito.

M.F. – Mas você acha que ele tinha condições de agir diferente?

L.B. – Não.

M.F. – Porque, na verdade, mesmo que ele tenha ganhado o plebiscito e o retorno do presidencialismo...

[FINAL DA FITA1-B]

M.F. – ...mesmo que ele tenha ganhado o plebiscito e o retorno do presidencialismo, na verdade, do ponto de vista parlamentar, tinha havido um crescimento da bancada do PTB...

L.B. – Em 1962, já houve um grande...

M.F. – ...em 1962, mas isso ainda era muito insuficiente para o governo ter uma base parlamentar.

L.B. – Não, ele não podia fazer, não. Realmente, ele não podia fazer diferente. E eu acho que o golpe iria ocorrer de qualquer maneira. Esse golpe...

M.F. – Você acha que ele iria ocorrer de qualquer maneira?

L.B. – Iria. Estava dentro da lógica... Bom, Marieta, o negócio é o seguinte: eu sempre usei, como método de conhecimento, procurar ver os acontecimentos dentro do seu contexto internacional.

M.F. – Maior.

L.B. – Não vejo que a política interna seja, exclusivamente, interna. A política interna, muitas vezes, é um prolongamento ou uma extensão, influenciada pela política internacional e vice-versa. Os Estados Unidos, por exemplo, baseiam sua política externa na política interna. Quando um presidente quer ganhar, ele arranja uma guerra, para poder ter...

M.F. – [Para poder ter] apoio da opinião pública.

L.B. – ...apoio. Sempre é isso. O momento mais perigoso na política americana é às vésperas de uma eleição. O Kennedy arrumou aquela crise dos foguetes – que ele já sabia algum tempo antes – às vésperas das eleições para poder ganhar. Então, eu nunca fiz isso, eu nunca fiz essa separação. Eu sempre procurei compreender dentro desse contexto. Ia haver porque estava dentro da lógica da política externa dos Estados Unidos naquela época: ou o Jango se amoldava totalmente ao esquema da Aliança para o Progresso ou ele iria cair. Agora, tem a parte interna também: o antigetulismo que ainda sobrevivía, aquele grupo da UDN<sup>45</sup> que ainda havia. O golpe de 1964 é, na verdade, um golpe de 54, retardado por dez anos. Você sabe que, em 1954, eles quiseram a cassação. Mas 1954, também, era entrelaçado com esses interesses internacionais.

M.F. – Mas você não acha que a radicalização desses setores do PTB foi um elemento que deu os argumentos para que os militares e os grupos mais à direita...?

---

<sup>45</sup> União Democrática Nacional. Foi um partido brasileiro, fundado em 1945, de orientação conservadora e de oposição à política e à figura de Getúlio Vargas. Foi extinta após o golpe militar de 64.

L.B. – Não, não acho bem isso, não. Eu acho que ia haver. Porque a radicalização, naquela época, foi, em larga medida, estimulada artificialmente.

M.F. – Como assim?

L.B. – Por exemplo, aquelas greves: em grande parte, foram estimuladas, para provocar um clima de instabilidade aqui, desestabilizar o governo e derrubá-lo. Havia infiltração. Você tem uma experiência... Desculpe estar sempre trazendo para o momento presente.

M.F. – Não, é interessante.

L.B. – [Você tem uma experiência]: a Venezuela. Só que hoje eles não têm... Eles querem dar um golpe de estilo diferente. Tentaram fazer a farsa democrática, com aquele golpe que foi dado, e como não funcionou, porque tem a cláusula democrática da OEA, eles agora fazem essa agitação permanente para derrubar o governo Chávez. Porque tem esse problema de a cláusula democrática da OEA não reconhecer... Eles só não conseguiram efetivar o golpe, em 2000... em 2001, lá por causa da cláusula democrática, porque foi arguida na OEA. Eles quiseram dar aquela aparência de legalidade. Iam derrubar o governo Jango. Queriam. Ou o Jango se amoldava totalmente aos interesses americanos no combate a Cuba, e aí é um ponto central, ou ele caía. Acontece, porém, que se Jânio Quadros, que era um homem à direita, não tinha compromissos com a área sindical, não tinha muitas condições de modificar a sua política externa com respeito a Cuba – porque o apoio a Cuba era imenso em toda a América Latina e no Brasil, também –, muito menos o Jango. Não tinha condição de mudar por causa do apoio dele, da base sindical. Ele não podia fazer intervenção em Cuba, concordar. E os americanos queriam isto. É como o Lula hoje. O Lula não pode apoiar, em hipótese *nenhuma*, mesmo que ele quisesse, por mais pressão [que exista], não poderia apoiar a intervenção no Iraque. Não tem condição. O Jango não tinha condição, na época, pela sua base. E aí entra um outro fator também: a política...

M.F. – Mas e os fenômenos internos, a questão das reformas de base? Essas questões também eram importantes.

L.B. – Mas essas reformas eram reformas que não eram nada radicais.

M.F. – Isso era uma coisa clara, o que era...?

L.B. – Mas não eram reformas radicais. A reforma agrária não era a radical, porque ele começou com as terras da... O problema central não eram as reformas de base, porque não eram radicais. Não eram reformas socialistas, de socialização dos meios de produção nem nada disso. Eram reformas burguesas, capitalistas. Agora, o problema está no seguinte: o Jango não tinha condições, naquela época, de aplicar um rigoroso programa de contenção...

M.F. – De estabilidade econômica e financeira.

L.B. – É. E aí havia uma contradição. Eu digo isto com base até no momento presente e na situação atual. Em 1994, o Lula, se fosse eleito, estaria com um problema muito sério. Ele não tinha condições de fazer o que o Fernando Henrique fez.

M.F. – Não, não teria.

L.B. – Não teria. Se hoje ele já enfrenta dificuldades, quanto mais naquela época, em que tinha que, realmente, conter a inflação. E não existe, dentro do sistema capitalista, nenhum modo de derrubar uma inflação se não pelos métodos ortodoxos. Não tem.

M.F. – Sem controlar os gastos...

L.B. – Tudo. É política ortodoxa. Não pode. Não tem. E ele não tinha meios, em 1994, de fazer compressão salarial, como o Fernando fez, e controlar gastos...

M.F. – A relação de forças que o apoiavam...

L.B. – Não, é por causa da base operária dele, as ligações sindicais. O Jango não tinha essas condições. Tanto que quando o Celso Furtado foi com o Plano...

M.F. – Com o Plano Trienal.



L.B. – ...o Plano Trienal e o Jango disse: “Se os preços subirem, eu digo para aumentar os salários”. O Jango tinha essa percepção. Era curioso, a sensibilidade que ele tinha... Ele dizia aos operários isso. “Façam greve. Se não fizer greve, patrão não dá aumento, não”. [riso] A greve é um instrumento.

M.F. – É, mas acontece que muitas daquelas greves eram greves contra o Estado.

L.B. – Sim. Mas aí é que está. Aí é que entra o aspecto de que havia condições... Porque a provocação é sempre feita dentro de condições reais e objetivas. A CIA, por exemplo – não digo toda ela –, o setor que está por detrás desse negócio da Venezuela, não teria... se lá não houvesse uma oposição a Chávez. Sempre essas interferências têm uma condição interna, também, não é? Aproveitam e manipulam. Isso não é só o exterior que faz, cria artificialmente. Não. Existe. Então, eles manipulam, fazem a manipulação. Naquela época havia. O Brasil, realmente, já no final do governo Juscelino, estava numa crise econômica de transição, uma crise... e havia o problema de Cuba, que você não pode descartar, naquela época. Já vinha amadurecendo. Porque o Juscelino... Aliás, ele teve uma percepção, com a Operação Pan-Americana (OPA), onde ele prevê isto. E a Revolução Cubana confirmou a tese da OPA.

M.F. – Mas, Moniz, uma coisa que me preocupa é nós não encontrarmos, vemos alternativa... Quer dizer, tudo bem, eu acho que você tomar o referencial da política externa, das questões da ingerência dos Estados Unidos, do problema de Cuba, eu acho que não pode ser feita uma análise sem considerar isso. Mas eu acho também que não... Você não acha que a dinâmica interna da política e o papel dos atores políticos internos também têm um peso e poderiam ter dado outro caminho para essa história?

L.B. – Olha, realmente, eu considero que todos os fatores existem, tanto os internos quanto os externos.

M.F. – Porque, por exemplo, você está falando do Juscelino. O Juscelino era um político que tinha um tipo de estatura, de capacidade de negociação que o levou a equacionar... Você pode até dizer que foram problemas que foram adiados, mas, de uma forma ou de outra, ele conseguiu equacionar e articular certas alianças, certos acordos que garantiram uma retomada do crescimento econômico durante o seu governo e uma

base de sustentação política. Quer dizer, você acha que o Jango não teria nenhuma condição de buscar algum tipo de alternativa, de ampliar a sua base, de buscar...?

L.B. – Ele tentou isto. Agora, as contradições eram muito maiores e mais agudas do que ele podia controlar. E vou lhe dizer mais: elas não são... Eu não considero os fatores externos, também, como... do ponto de vista conspirativo. Não. Porque eu conheço, estudo e desde rapaz acompanhei a política externa americana, conheço os Estados Unidos, estudo tudo isso. Os Estados Unidos não têm uma política homogênea. Nunca tiveram. Na época do Jango havia uma contradição entre os interesses do Pentágono, da CIA e a política do Departamento de Estado de Kennedy, que era baseado na legalidade. Eles têm sempre esse aspecto de dar uma aparência...

M.F. – De certa ambiguidade, não é?

L.B. – É. Essa ambiguidade, eles têm hoje lá. E em outros setores. É muito contraditório. Naquela época, o Jango tentou fazer... Ele não estava tentando fazer nenhum manifesto. Agora, havia, de um lado, Cuba, também. Cuba estava estimulando a luta de guerrilha em toda parte. É uma tendência que há em toda revolução, querer exportar seus métodos. Eu vou lhe contar uma coisa relacionada com Cuba. Eu tinha muito contato com a embaixada cubana naquela época e sabia... e muitas vezes eu adverti para não fomentar esse tipo de coisa aqui no Brasil. Eles davam dinheiro para Julião. A China também estava estimulando, através do PCdoB. Em 1962, em julho, eu ia a Cuba. Antes de ir a Cuba –, a convite do governo cubano, e o Mário Alves, do Partido Comunista, com quem eu tinha muito boas relações de amizade... Eu sempre tive boas relações de amizade com todos eles, embora nunca fosse do Partido Comunista e nunca admitisse o stalinismo. Nunca fui. Mas o Mário Alves<sup>46</sup> tinha, além do mais, uma relação de amizade familiar comigo: o pai dele, Raul Alves, foi secretário de governo lá no governo do meu tio Antônio Ferrão Moniz de Aragão, na Bahia. Mário

---

<sup>46</sup> Mário Alves foi um político brasileiro, conhecido por seu vínculo com o comunismo. Ingressou no PSB aos quinze anos e, em 1954, foi eleito membro do Comitê Central deste partido. Durante a década de 50 viajou para a União Soviética e para a República Popular da China. A partir do golpe militar de 1964, Mário Alves passou a viver novamente na clandestinidade, sendo preso em julho e libertado em 1965, por um *habeas corpus*. Fundou o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) em 1968, propondo uma maior inserção no movimento de massas e a luta armada contra a ditadura. Em janeiro de 1970, foi preso e torturado. Alguns presos políticos, que presenciaram sua agonia, denunciaram sua morte, desmentindo as versões oficiais que negavam o ocorrido. Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio\\_Alves](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Alves), acessado em 05.02.2010.

é baiano. Mário veio para mim e disse: “Moniz, você, que vai a Cuba...”. E já havia a briga de Fidel com os comunistas ortodoxos lá. Justamente, [puristas]<sup>47</sup> comunistas, lá, faziam o trabalho para enquadrar Fidel dentro da linha da União Soviética, que era a da coexistência pacífica. Ele disse: “Se você vai a Cuba, avisa lá que aqui este negócio vai degringolar, porque os de Julião estão fazendo treinamento em diversas fazendas, em fazendas aqui dentro, e ameaçando fuzilar os comunistas, como reformistas e revisionistas, e tem muita gente no partido...”. Porque o Mário Alves já estava se inclinando um pouco mais para uma posição à esquerda, como o Marighella<sup>48</sup>, também.

M.F. – É, esse momento também foi um momento de fragmentação.

L.B. – É, começa essa efervescência. O Mário Alves vem para mim e me conta, me diz: “Você avisa isso, que vão... Porque já tem gente no Partido Comunista querendo denunciá-los”. Porque tinha uma facção do Partido Comunista que queria apoiar o Jango e a legalidade, e outros já tendendo para... Eu cheguei a Cuba – na delegação, porque havia também dos partidos comunistas – e fui procurar o Che. Cheguei lá de manhã, estava lá conversando com o... Esqueço o nome dele, um argentino que depois... Não é Massera, não. É Massera, eu acho, talvez.<sup>49</sup> Não me lembro exatamente. No meu livro está o nome dele. Desculpe porque muita coisa... os nomes, às vezes, agora bloqueia.

M.F. – Não, mas até que você está com a memória muito boa.

L.B. – Eu fui lá, e estava conversando com ele para marcar uma audiência com o Che quando eu vejo aquela figura atrás de mim. Eu olhei, era o Che. Aí eu falei com ele que gostaria de conversar com ele sobre a situação do Brasil e que tinha levado jornais

<sup>47</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

<sup>48</sup> O entrevistado refere-se a Carlos Marighella. Este, que aos 18 anos já era membro do Partido Comunista, se mudou para São Paulo com a tarefa de reorganizar tal partido (1936). Foi preso duas vezes na década de 30, ficando no presídio no período de 1939 a 1945, quando foi concedida sua anistia. Com a volta do Partido Comunista à legalidade, foi eleito deputado constituinte. No início de 1948 foram caçados os mandatos dos parlamentares comunistas e Marighella voltou à clandestinidade. Na década de 50 participou da “Greve dos Cem Mil”, da campanha “O petróleo é nosso” e fez viagens à China e URSS. Em 1964, foi baleado e preso em um cinema no Rio de Janeiro, porém conseguiu sobreviver. Divergia da linha oficial adota pelo PCB e após retornar de viagem à Cuba, foi expulso do partido, fundando a ALN (Ação Libertadora Nacional). Em 1969 caiu na emboscada armada pelo extinto DOPS (Departamento de Ordem Pública e Social) de São Paulo e foi assassinado. Retirado de <http://educacao.uol.com.br/biografias/carlos-marighella.jhtm>, acessado em 05.02.2010.

<sup>49</sup> Provavelmente o entrevistado se refere ao guerrilheiro e jornalista argentino Jorge Ricardo Masetti.

daqui, das diversas facções, da Polop<sup>50</sup>, da qual eu fui fundador... A Polop se formou com... Eu fui um dos fundadores da Polop. A Polop foi uma fusão da Juventude Socialista com a Liga Socialista de São Paulo e a Mocidade Trabalhista de Minas Gerais. Daí é que vêm Theotonio dos Santos e Ruy Mauro Marini, vêm através da Mocidade Trabalhista, e acho que a Maria do Carmo Brito também vem por essa... É o pessoal de Minas. Do Rio de Janeiro, eu e outros que estávamos aqui, e de São Paulo, da Liga Socialista, Michel Löwy, Eder Sader e Emir Sader entram, porque eles eram da Liga Socialista. A Liga Socialista, eu tinha ajudado também a criar, a fundar, em 1956, com o Hermínio Sacchetta e com meu primo Alberto Luiz da Rocha Barros, que é físico, professor da Universidade de São Paulo [USP], mas depois preferi partir para o Partido Socialista, porque eu achava melhor do que ficar com grupos isolados. Eu já era do Partido Socialista e achava que tinha que trabalhar dentro do Partido Socialista. Eu sempre tive uma visão mais pragmática das coisas. [riso] Então, eu cheguei, falei... levei isso para ele lá, e o Guevara marcou para eu estar com ele à meia-noite... Quando ele queria conversar mais longamente com a pessoa, ele marcava de madrugada, de noite. Marcou meia-noite, lá no Ministério da Indústria. Aí eu fui e conversamos, e eu contei para ele. Eu disse: “Eu soube que eles vão cair presos, porque tem gente...”. Ele disse: “Olha, já caíram”. Assim, tranquilamente: “Já caíram”. Tirou do bolso um telegrama, não sei se da *Associate Press* ou da *United Press*, recebido ou interceptado pela agência Prensa Latina e me mostrou. Um irmão de Julião já tinha sido preso em Pernambuco e outros também. E ele mandou chamar o John William Cooke, que era peronista e estava lá trabalhando com ele, para que eu ficasse em contato para acompanhar. Aí, conversei com o Guevara essas coisas, esse problema da briga com o Partido Comunista, as diversas facções, e que o... Porque, realmente, em toda parte, quem defendia Cuba não era, realmente... Do modo como os cubanos queriam, não era...

M.F. – [Não era] o Partido Comunista.

L.B. – Não. Eram as facções...

M.F. – Dissidentes. Mais à esquerda.

---

<sup>50</sup> A Política Operária (Polop) foi uma organização brasileira de esquerda, que lutou contra o regime militar instaurado em 1964.

L.B. – Era o Partido Socialista do Chile; o Partido Socialista do Uruguai, de onde se originam os Tupamaros, o Partido Socialista do Uruguai; aqui no Brasil, nós. Quer dizer, eram mais essas tendências. O Partido Comunista era na linha da coexistência pacífica. Nada de luta armada. Nada disso.

M.F. – É, tinha uma posição muito mais conservadora.

L.B. – Eu até falei para ele sobre a necessidade de nós reorganizarmos isso, de haver uma coordenação desses setores que defendiam Cuba. Foi aí que ele me fez duas recomendações, para jogar como ideia. Primeiro, uma greve geral, caso houvesse intervenção em Cuba. Greve geral em todos os países da América Latina. Depois eu apresentei isso como proposta no Congresso de Solidariedade a Cuba. Uma foi essa greve geral e a outra foi incentivar a luta etc. Só que, no Brasil, eu sabia que guerrilha... Eu disse a ele: “No Brasil, não funciona”. Escrevi isso, que a guerrilha não era o...

M.F. – O caminho.

L.B. – ...o caminho no Brasil – está no meu livro *O caminho da revolução brasileira*, publicado em 1962. Por uma razão simples: a guerrilha funciona num país de economia rural, como era Cuba, em que ela desorganizou a base econômica, em Cuba, que era baseada, a agricultura, no açúcar; a indústria, no açúcar; e o comércio exterior, no açúcar. Quando desorganizou isso, eles deram um golpe no Batista e o botaram para fora. Foi assim que houve. Aí o Fidel disse: “Não, não vamos formar junta, não”. Porque essa foi a política americana, quando tirassem o Batista, formar uma junta, e o Fidel disse: “Ou o poder para mim ou eu continuo a luta”. Foi isso exatamente que aconteceu na noite de 1º de janeiro: tiraram o Batista e quiseram formar uma junta, para impedir que o Fidel tomasse conta. O Brasil não era mais isto. O Brasil tinha, em 1960, uma indústria com uma produção maior do que a agricultura, sendo que...

M.F. – É uma economia muito mais diversificada, muito mais complexa.

L.B. – Muito mais. E mais: uma indústria de bens de capital maior do que uma indústria de bens de consumo; uma população urbana que já estava superando a população rural. O centro econômico do Brasil não era o campo, era São Paulo. Isso eu defendo nesse

livro *O caminho da revolução brasileira*, que depois saiu, juntamente com *O 24 de agosto de Jânio Quadros*, numa edição... A Editora Brasiliense fez uma edição desses dois livros, em 1979, sob o título *A renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64*. Eu defendo isso, mostro que o Brasil não podia ser... E disse isso para ele lá, para o Guevara. Mas eles estavam com essa... E incentivaram aqui, também. Então, havia radicalismo, nesse aspecto. Agora, por outro lado, a CIA se aproveitava disso...

M.F. – É claro, para...

L.B. – ...para estimular. Teve de tudo ali. O processo interno também foi culpado.

M.F. – Essas lideranças mais expressivas do PTB tinham pouca visão do que estava acontecendo?

L.B. – Tinham pouca visão da situação internacional. O brasileiro não tinha nem conhecimento – não era uma consciência aqui – da CIA, do papel da CIA. Eles não tinham nem noção do que era a CIA na época, aqui no Brasil. Sabiam do americano. E aquele negócio, que até hoje eu vejo, desses comunistas que ainda ficam aí com aquelas ideias... “O imperialismo”, como se fosse uma coisa homogênea. Esse tipo de discurso, sem conhecer a realidade internacional. É o que eu acho que o brasileiro não tem. Eu vejo, ainda hoje, aqui, um grande desconhecimento da realidade internacional. Quando acusavam... É claro que o Fernando Henrique cometeu muitos erros, na forma de privatização etc. Ele cometeu muitos. Porém, o fenômeno não é brasileiro. A Alemanha também privatizou, até os correios.

M.F. – É. A França privatizou um monte de coisas, a Inglaterra então!

L.B. – Em toda parte. Há uma situação internacional que você tem que compreender. Como agora, pensar que o Lula pode fazer o que está fazendo, mudar de repente.

M.F. – É, não pode mesmo.

L.B. – Não pode, porque...

M.F. – Porque leva o país a uma catástrofe.

L.B. – Leva a uma catástrofe. Isso é uma grande parte decorrente da influência stalinista, bolchevique e depois stalinista, que dogmatizou o marxismo. Eles não entendem mais de nada dos outros. Por exemplo, a Rosa Luxemburgo, que foi uma... eles nunca ligaram para ela. Porém, é a pessoa que mais desenvolveu...

M.F. – É uma grande intelectual.

L.B. – Ela mostrou que o sistema capitalista vive às custas das economias não capitalistas e pré-capitalistas. Razão pela qual Marx falhou na sua teoria do colapso. Eu traduzi a obra dela *A acumulação do capital* para o português, em 1969. Foi publicada pela Zahar. Ela mostra que o sistema capitalista é o único sistema até hoje que teve capacidade de uma expansão internacional. A economia capitalista não é uma soma de economias. A economia mundial não é uma soma de economias nacionais; ela tem uma realidade própria, ela é entrelaçada entre si. Daí o colapso da União Soviética, porque ela nunca se libertou da economia mundial. O Lênin, quando percebeu que a revolução não se havia espalhado na Europa, tentou voltar ao sistema capitalista, [depois] do comunismo de guerra, através da Nova Política Econômica [NEP], que é o que os chineses estão fazendo hoje.

M.F. – A NEP.

L.B. – A NEP. Ele tentou. O Stalin acabou e construiu o socialismo em um só país, porque o Stalin era um... um russo que nunca tinha [tido] experiência internacional nem nada e era influenciado pelas ideias narodniks de que a Rússia podia saltar diretamente da economia atrasada que tinha para o socialismo, sem passar pelo purgatório socialista<sup>51</sup>. E até hoje eles pensam dessa maneira, que o Brasil pode fazer socialismo, o Lula tomar aí as medidas...

M.F. – Independente da conjuntura internacional e das circunstâncias que...

---

<sup>51</sup> Certamente o entrevistado enganou-se e quis dizer purgatório capitalista.

L.B. – Não adianta. E o colapso do capitalismo também não se deu porque eles se mantêm ainda, têm uma área de expansão. O Karl Kautsky, que foi chamado pelos comunistas de “renegado”, os seus artigos sobre o superimperialismo, o ultraimperialismo, como ele chamava, são de extrema atualidade, onde ele mostra que essas potências capitalistas iriam terminar formando um cartel internacional e as lutas seriam contra a periferia do sistema. Mas entre elas, não brigariam. O que é o G7? O que é a Otan<sup>52</sup> sem a expressão militar desse cartel? Hoje, a Europa está brigando com os Estados Unidos, mas não vão à guerra, por causa da Guerra do Iraque, não é? E onde é que os Estados Unidos têm maior suporte hoje, no mundo? Nas antigas repúblicas da União Soviética, que pertenceram à União Soviética: na Bulgária, na Romênia, nesses países. Esse que é o grande problema da mentalidade. E, naquela época, o brasileiro também não tinha essa compreensão.

M.F. – Você fala de várias coisas desse período. Como é que era a sua atuação pessoal durante o governo do Jango? Você era jornalista, ficou um bom tempo no *Diário de Notícias*, escrevia, mas você estava organizado com algum grupo? Você se mantinha no Partido Socialista formal.

L.B. – Eu disse a você que eu fui... Eu era organizado com a Polop, que era produto dessa fusão.

M.F. – Mas depois você se afastou disso.

L.B. – Depois eu me afastei, rompi. Depois de 1964, eu rompi.

M.F. – Mas até 1964 você estava vinculado à Polop?

L.B. – Estava. E fui para o Uruguai...

M.F. – Aí, teve o golpe militar.

---

<sup>52</sup> A Organização do Tratado do Atlântico Norte é uma organização internacional de colaboração militar estabelecida em 1949, no contexto da Guerra Fria, com o objetivo de constituir uma frente oposta ao bloco socialista.



L.B. – Houve o golpe militar. Eu fui para o Uruguai... Eu vou lhe contar.

M.F. – Como é que foi essa...? Fala um pouquinho de antes do...

L.B. – Em 1963, os cubanos tinham mandado para cá um instrutor... Esqueço o nome dele, mas está no meu processo. Ele era um equatoriano. Eles tinham feito um levantamento de um lugar para a guerrilha, que era no Vale do Rio Doce, numa região de conflitos sociais no nordeste de Minas, na Serra de Caparaó. Acontece que as Ligas Camponesas de Minas Gerais estavam sob o controle da Polop, do Arnaldo Mourthé, que era casado com a Maria do... Não, o Arnaldo Mourthé era outro. Quem era casado com a Maria do Carmo Brito era o Juarez Guimarães Brito. E nós não deixamos que houvesse a...

[FINAL DA FITA 2-A]

L.B. – ...e nós não deixamos que fosse feita a guerrilha. O plano estava... Quando houve o golpe de 1964, a nossa ideia, a minha e a dos outros também, foi de que era possível fazer um foco de guerrilha, não com objetivos estratégicos, como os cubanos tinham imaginado, porém, com o objetivo tático de fomentar... de ser um pavio de explosão. Porque o governo, na hora que mandasse as tropas para reprimir, o Exército estava cheio de soldados e marinheiros... Os marinheiros estavam nisso, porque a Polop tinha uma grande penetração entre os sargentos e marinheiros. O Capitani e outros sargentos estavam participando desse projeto, porque tinham aderido à Polop. Nós achamos, o Eric Sachs, eu e outros, que, fazendo esse foco em Minas, isso poderia incentivar uma desagregação das Forças Armadas contra o regime militar. Como o Brizola estava tentando levantar o Rio Grande do Sul, nós sabíamos, foi decidido que eu iria para lá, para Montevideú, fazer o enlace entre o levante do Rio Grande do Sul que o Brizola...

M.F. – Pretendia.

L.B. – ...pretendia com a erupção desse foco de guerrilha composto por sargentos e marinheiros etc. Acontece que, quando eu cheguei, eu tive... Eu tinha que me asilar numa embaixada, para poder sair do país. Aí, tentei a embaixada da Iugoslávia e eles não aceitaram – eu fui para lá e eles quiseram me botar para fora de lá, porque não iam

colaborar com a subversão cubana. Aí, depois de um dia inteiro lá de luta, eu vi que não adiantava, que eles iam me entregar, pedi para eles me deixarem num ponto – foi aqui perto da Fundação Getúlio Vargas –, eles me deixaram, eu saí e me escondi em outro lugar, e depois o Osvaldo Peralva, do *Correio da Manhã*, o Edmundo pediu, o Osvaldo Peralva me levou à embaixada do Uruguai, uns dias depois, e aí me exilei na embaixada do Uruguai, onde estava o Paulo Schilling, o Eloy Dutra... O Eloy Dutra, na maior depressão: tomava remédio para dormir e ficava dormindo, nem tomava banho, na maior depressão. Estava o general Oest<sup>53</sup> o Dante Pellacani<sup>54</sup> e vários outros. Estavam todos lá na embaixada do Uruguai.

M.F. – E qual era a percepção deles? Quer dizer, o golpe, para eles, de uma certa maneira, foi uma surpresa? Ou eles estavam já esperando que isso fosse acontecer, mesmo?

L.B. – Eu não posso dizer qual foi a percepção deles. Eu sei que para mim não foi uma surpresa, e isto está no meu livro *O caminho da revolução brasileira*. Até o Jacob Gorender, como velho stalinista que ele foi – nós tivemos sempre divergências por causa disso –, fez uma perfídia comigo, no livro *Combate nas trevas*. Ele disse... Porque ele tirou uma frase... Porque eu digo: “Há que preparar a insurreição” e então ele diz que, às vésperas, a Polop, e aí cita a mim, que era dirigente da Polop, estava pregando a derrubada do Jango, com as mesmas posições coincidentes da direita. E isso foi uma molecagem do Gorender, porque... A frase está lá dita. Citando uma frase do Engels que dizia que “*la légalité nous tue*”, atribuída a Odilon Barrot, na França, “a legalidade nos mata”, eu dizia que “eles vão dar o primeiro tiro”, eu dizia isso, “como na Argentina, mas cabe à esquerda dar o segundo. E não pode falhar. É preciso preparar a insurreição”. Quer dizer, é o contrário. O que eu digo é justamente preparar contra o golpe. Porque a minha ideia era, exatamente, do que ocorreu na Rússia.

---

<sup>53</sup> O entrevistado refere-se ao general Henrique Cordeiro Oest.

<sup>54</sup> Dante Pellacani foi eleito vereador de São Paulo em 1950 pelo Partido Trabalhista Nacional, mas teve seu mandato cassado, sob a alegação de militância comunista. Nos fins dos anos 50 foi eleito presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Gráficos (FNTG) e foi um dos fundadores do Conselho Sindical dos Trabalhadores (CST) de São Paulo, assumindo a secretaria-geral da entidade. Apoiou a candidatura de Jânio Quadros em 1960 e, neste mesmo ano, foi eleito membro do conselho diretor do Departamento Nacional de Previdência Social, tornando-se, em 1961, vice-diretor desse órgão. Após o golpe militar foi para o exílio no Uruguai, seguindo logo depois para a Tchecoslováquia. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/dante\\_pellacani](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/dante_pellacani), acessado em 05.02.2010.

M.F. – Você achava que ia ter o golpe, mas se deveria estar...

L.B. – Preparado para...

M.F. – ...criar condições para resistir ao golpe.

L.B. – Exatamente, para resistir. A minha percepção era... a minha compreensão era o que houve na Rússia, a experiência. Eu acho que a História é fundamental para...

M.F. – Para recuperar.

L.B. – O Lênin deflagrou a insurreição sob a forma defensiva, contra o golpe do Kornilov. Quando Kornilov se levantou para dar o golpe em Kerensky, foi que... Na luta contra o Kornilov que o Lênin... Porque a insurreição sempre triunfa melhor na defensiva, sob a forma aparente de defensiva, do que de ofensiva. É o que esse cretino do Bush não teve. [riso] Uma agressão preventiva levanta o mundo inteiro contra. Sempre a estratégia melhor é...

M.F. – É a defensiva.

L.B. – Como eles fizeram em 1964, no Brasil: “O Jango quer dar um golpe!”. Prepararam tudo. E na verdade não era.

M.F. – Mas o Jango não ia dar golpe nenhum.

L.B. – Não. Embora tivesse pressão de todos os lados para isso. Havia três correntes para dar golpe.

M.F. – Mas você acha que ele estava afinado com essa ideia?

L.B. – Não, não. O Jango, eu lhe disse ali fora, era um jogador, como eram todos esses políticos, o Brizola e todos eles. Jogam em diversas hipóteses, estimulam tantas quantas podem. A minha experiência de convívio com esse pessoal é que me ajuda muito na minha vida acadêmica, justamente, porque...

M.F. – Claro, você tem uma vivência.

L.B. – [Tenho] uma vivência. Porque eu sei que ele diz uma coisa a você mas diz outra coisa a ela e diz outra coisa a um terceiro. Eles jogam com várias hipóteses. Essa é a minha experiência. Eu já assisti isso inúmeras vezes, ao longo da minha vida. Todos eles, Jânio, Jango, o Brizola, todos eles jogam com várias hipóteses e estimulam. No final, as versões são muito... “Ah, não, mas foi assim!”. Não. Não foi, não. Essa é uma parte da verdade; não toda a verdade. [riso] Todo mundo tem uma parte, uma parcela da verdade; não tem toda a verdade. Então, o Darcy<sup>55</sup> tinha o projeto de fazer uma série de comícios, criar uma opinião de massa...

M.F. – Os comícios das reformas, para, com isso, criar uma pressão para fazer alterações na Constituição...

L.B. – É, e conseguir... O Serpa já queria outra forma, dar um golpe mais... O Serpa também tinha outra... O Samuel também estimulava...

M.F. – O Samuel Wainer?

L.B. – ...o Samuel Wainer, também, para outra forma, mais próxima do Serpa. O Brizola também queria golpe. Quando houve o episódio dos...

M.F. – Quem não queria o golpe? Era a chamada “esquerda positiva” do San Tiago?

L.B. – Não, a “esquerda positiva” não queria.

M.F. – Não, quem *não* queria o golpe, quer dizer, quem estava...

L.B. – Era. Mas ninguém queria o golpe, na verdade. Um grupo minoritário talvez pensasse nisso. Por exemplo, o Darcy. Eu acho que ele era o principal.

---

<sup>55</sup> O entrevistado refere-se a Darcy Ribeiro.

M.F. – É? O Darcy era o principal, é?

L.B. – É, desse negócio do golpe. E vou lhe dizer mais: aquele negócio do Jefferson<sup>56</sup>, quem estava por detrás daquilo, foi o Darcy; não foi o Brizola.

M.F. – Qual negócio?

L.B. – A guerrilha do Jefferson. Depois eu conto isso, na parte do Uruguai. Então, eu fui para o Uruguai, voltando a esse assunto, para fazer esse enlace. Quando eu estava lá... Eu fiquei um mês na embaixada, sei lá. Quando fomos para lá, no começo de junho, alguns dias depois, a Marinha estourou quatro aparelhos aqui em Copacabana, onde... Eles tinham infiltrado um agente, que era o ordenança do almirante Frazão. Esse agente levou para lá planos de [inaudível], para dar a justificativa, não é? E eles prenderam... E ocorre que... O movimento foi abortado. Essa guerrilha aqui foi abortada ainda em Copacabana. É a guerrilha de Copacabana. Foi quando eles fizeram as torturas, as primeiras, que foram denunciadas até pelo Márcio Alves, as torturas feitas pelo Cenimar<sup>57</sup>. O Arnaldo Mourthé<sup>58</sup> foi torturado. Agora, eles cometeram um erro muito grave, porque o meu nome não tinha como aparecer nisso. Eles acharam que como eu estava no Uruguai, podiam me responsabilizar. Então, o Arnaldo Mourthé e os outros, na hora que entraram lá no camburão, presos, combinaram jogar essa responsabilidade sobre mim. Então, o Arnaldo disse: “Ah, o apartamento é do Moniz Bandeira, ou alugado por ele”, o apartamento onde... Não era nem meu nem alugado por mim. Eu nunca tinha pisado lá. O Ruy Mauro Marini<sup>59</sup> já me atribui outras coisas, já disse: “Não,

---

<sup>56</sup> O entrevistado refere-se a Jefferson Cardim. Este, exilado no Uruguai em 1965, reuniu (com o auxílio de Brizola) um grupo de ex-combatentes e tomou o quartel de Três Passos (RS), o que levou a um confronto com o exército, no qual acabou sendo preso. Após dois anos na prisão, foi viver em Cuba e na Argélia. Retornou ao Brasil após a anistia e foi apresentado como general. Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jefferson\\_Cardim\\_de\\_Alencar\\_Os%C3%B3rio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jefferson_Cardim_de_Alencar_Os%C3%B3rio), acessado em 05.02.2010.

<sup>57</sup> O Centro de Informações da Marinha foi criado em 1957 com a finalidade de obter informações de interesse da Marinha do Brasil, conforme as diretrizes do Estado-Maior da Armada. Durante a Ditadura Militar o órgão passou a ser utilizado na repressão à luta armada no Brasil.

<sup>58</sup> Engenheiro, economista e escritor. Foi dirigente da Polop.

Retirado de <http://www.espacoacademico.com.br/065/65bandeira.htm>, acessado em 05.02.2010.

<sup>59</sup> Ruy Mauro Marini foi um intelectual latino-americano, que participou do Movimento Socialista e foi dirigente da Polop. Após o golpe de 64, se exilou no Chile, onde viveu os dias de Allende e da Unidade Popular. Foi lá onde estudou sobre o desenvolvimento das sociedades latino-americanas, dando sua contribuição para a Teoria da Dependência. Após o golpe ocorrido em 1973 no Chile, foi para o México. Retirado de <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/12/14/ruy-mauro-marini-trajetoria-de-um-pensador-latinoamericano-249257.asp>, acessado em 05.02.2010.

o apartamento...”. Aí, ficou contraditório. Acontece que esse... Eu vi, lá no Uruguai, que tinha se desmanchado. O Brizola era contra a guerrilha.

M.F. – E como é que ele pensava que podia ser feito o golpe?

L.B. – Ele tinha a ideia de fazer um levante no Rio Grande. Várias vezes ele tentou: tinha a Operação Pintassilgo<sup>60</sup>...

M.F. – Em cima do Exército?

L.B. – É. É Operação Pintassilgo, o nome? Esqueço o nome. Tentou, várias vezes, fazer um levante no Rio Grande do Sul. E ele entraria depois para chefiar a coisa.

M.F. – E aquela coisa que se falava, do Grupo dos 11 do Brizola<sup>61</sup>? Não era uma...?

L.B. – Ninguém sabia o que fazer com aquilo. Um dia, o Neiva Moreira<sup>62</sup>, caminhando comigo na Rua São José, me perguntou: “O que nós vamos fazer com o Grupo dos 11, Moniz? Me diga o que nós podemos fazer”. Ele não sabia o que ele ia fazer. Foi uma tirada dele para se criar grupos de resistência etc., mas não tinha nem estrutura nem nada para dar...

M.F. – Nem articulação nenhuma.

L.B. – Nada, nada. Eu sei que, quando eu estava no Uruguai, houve esse negócio, essa gente jogou em cima de mim a culpa, e eu não estou sabendo nada disso. Eles ficaram presos, foram torturados e depois o Ruy Mauro conseguiu um *habeas corpus* e saiu da

---

<sup>60</sup> Operação montada no Uruguai e liderada por Brizola (1964), que visava o ataque a diversos quartéis, a tomada da Base Aérea de Canoas (RS) e a utilização dos aviões da FAB para o bombardeamento aéreo do Palácio Piratini, visando à morte do Governador Ildo Meneghetti.

<sup>61</sup> Foi um movimento criado por Brizola em outubro de 1963 com o objetivo de lutar pela implantação das reformas. O G-11 seria a “vanguarda avançada do Movimento revolucionário”. O movimento previa o lançamento de um periódico denominado “Panfleto”, que só teve o seu primeiro número impresso.

<sup>62</sup> Político (foi deputado federal) e jornalista. Líder da Frente Parlamentar Nacionalista se exilou, no Uruguai após o golpe de 64. Por pressões políticas, partiu para Alemanha e para o Peru. Sua experiência como político e repórter está no livro de memórias *O Pilão da Madrugada - Um depoimento de Neiva Moreira a José Louzeiro*. Leal amigo e companheiro de Leonel Brizola permanece filiado ao PDT. Retirado de <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2265725-EI6578,00.html>, acessado em 08.02.2010.

prisão. Aí, o Eric Sachs, que era dirigente da Polop também, foi ao Uruguai... O Brizola queria... Isso está no meu livro, essa parte dos planos dele para fazer o levante no Rio Grande do Sul, nessa 7ª edição de *O governo João Goulart*. Está no prefácio ou no capítulo que eu acrescentei. Está na introdução que eu fiz ou no capítulo. Eu conto isso lá, com os papéis que eu tenho...

M.F. – É, eu sei. Mas é porque é interessante...

L.B. – ...com mais detalhe.

M.F. – ...contar um pouco isso para a gravação.

L.B. – É, exato. Mas eu não me lembro tudo de cor agora porque a minha cabeça está muito cansada. Mas você pode tirar o que quiser do livro, porque está lá isso, como ele tentou dar esse... Várias vezes. Houve uma vez até que estava para... Podia ter estourado.

M.F. – [Estava] para eclodir.

L.B. – É. Mas foi abortado. Aí, quando nós chegamos lá, estava lá o Jefferson Cardim de Alencar Osório. Eu conhecia o Jefferson da casa do Sérgio. Esses militares nacionalistas eram muito ligados ao Sérgio. Mas o Jefferson, que estava casado com uma uruguaia cujo ex-marido ou o irmão era coronel lá do Uruguai, tinha ligações lá com o movimento militar, o Jefferson era maluco, estourado e queria fazer... Quando chegamos lá, ele já tinha tentado fazer a invasão da ponte de... aquela ponte que tem lá, que liga o Uruguai [ao Brasil], no rio Jaguarão.<sup>63</sup> Ele queria fazer já uma investida ali. Fracassou o negócio. Um dia... Ah! Eu vi, percebi que ele estava em entendimento com o Darcy, e o Darcy deu para ele dinheiro, para ele tentar essa guerrilha. Ele conseguiu uma aliança com um que estava descontente com o Brizola, um sargento que era o lugar-tenente, e invadiu o Rio Grande. Foi já em abril de 1965. Invadiu o Rio Grande.

---

<sup>63</sup> O entrevistado se refere à Ponte Internacional Barão de Mauá.

Eu sei que, de manhã cedo, o Paulo Schilling<sup>64</sup> apareceu no hotel onde eu morava – eu morava lá em um hotel – pedindo para eu romper tudo que fosse documento porque o Jefferson havia invadido esse... e a polícia uruguaia podia fazer uma razia lá conosco. E o Brizola, na mesma hora, já estava ligando para o pessoal dele no Rio Grande do Sul para dizer que não apoiasse o Jefferson. Isso foi o Darcy. Porque o Jefferson, dias antes, tinha me dito que ele era discriminado pelo Brizola, com os planos dele, pelo Brizola e pelo Dagoberto<sup>65</sup>. Ah! Aqui, ainda voltando ao episódio do estado de sítio, eu lembro que...

M.F. – O episódio do estado de sítio que você está se referindo é aquele momento em que o Jango tenta conseguir a aprovação do estado de sítio?

L.B. – É. Eu me lembro que, de manhã, às oito horas da manhã, o Paulo Schilling me ligou, dizendo: “A procissão está na rua”. Ele estava esperando o golpe. A procissão era o golpe. E me chamou para uma reunião na casa de um... Eu não sei se era o Hugo Ramos. Era ali em frente ao Copacabana Palace. Então, estávamos lá: Brizola, Paulo Schilling, acho que Max da Costa Santos<sup>66</sup>, uma série de pessoas, e o Partido Comunista, também. Porque ele tinha os seus representantes, mas, ao mesmo tempo, ele aumentava os seus outros representantes, através das diversas associações de massa: a Associação dos Generais de Pijama... [riso] O sujeito era do Partido Comunista, mas estava lá em nome de uma Associação dos Generais de Pijama, dos Militares, das Mulheres... E o Brizola, angustiado, porque até agora não via o Lacerda preso. Ele ia para o telefone... E depois [se votou]<sup>67</sup> e o pessoal foi muito contra.

M.F. – Mesmo o PTB e os grupos de esquerda, eles não deram nenhum apoio.

---

<sup>64</sup> Paulo Schilling foi, na época do golpe de 64, secretário da Frente de Mobilização Popular. Durante o regime militar ficou exilado no Uruguai e depois na Argentina por quinze anos. Retirado de <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/pdf/recortes/R04002.pdf>, acessado em 09.02.2010.

<sup>65</sup> O entrevistado se refere a Dagoberto Rodrigues, um ex-Coronel do Exército. Auxiliou Brizola na articulação das guerras de guerrilha idealizadas pelo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Retirado de <http://www.ternuma.com.br/brizola6.htm>, acessado em 08.02.2010.

<sup>66</sup> Ex-deputado pelo PSB; se exilou no Uruguai durante a Ditadura Militar. Retirado de <http://www.revistabula.com/posts/livros/o-tempo-em-que-brizola-foi-o-homem-de-fidel-no-brasil>, acessado em 08.02.2010.

<sup>67</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.



L.B. – Pois é. Lá, o pessoal foi contra. E ele [voltou]<sup>68</sup> e confirmou. Ele queria o apoio, mas as pessoas foram contra. Aí, como o golpe não saía nem a prisão do Lacerda, ele terminou se manifestando contra. Isso foi o que aconteceu naquela época do golpe. E houve uma radicalização, também. Não foi só a estimulada. Houve, é claro. Todos nós nos radicalizamos, no conflito. E a radicalização que eu estou falando, estimulada. Por exemplo, a Revolta dos Sargentos. Quantas vezes eu tive que sair de noite para reunião com os sargentos para impedir que eles levantassem a Vila Militar, impedir que fizessem algum levante lá. Porque eu sabia que era... Nós éramos contra isso. Tratava-se de estimular. Um deles, o sargento Guerra, apareceu depois no Uruguai. Esse sujeito, nós já desconfiávamos dele no Uruguai.

M.F. – Já no período pós-golpe?

L.B. – É. E antes também, eu já... No período pós-golpe, quando ele chegou lá, eu já desconfiava. Posteriormente, ele foi assassinado, em São Paulo, pela ALN<sup>69</sup>, nos anos 70, e foram encontradas, no bolso dele, carteiras do SNI e do serviço secreto do Exército. Era um agente. A secretária do Brizola... não do Brizola, do Schilling, Madalena, apareceu no Uruguai, logo em seguida. Ela era muito amiga do sargento Prestes de Paula, que também sumiu, não sei por onde é que ele anda. A Madalena era “cachorrinho”. A *Veja* até publicou uma reportagem sobre ela, há alguns anos passados. Ela era informante. Essa Madalena apareceu no Uruguai. Estava lá. Era amiga do Prestes de Paula e não sei o quê. Em 1974, depois que eu saí da prisão...

M.F. – Aí você voltou para... Depois desse exílio no Uruguai, você volta para o Brasil?

L.B. – Eu voltei para o Brasil, clandestino, no ano de 1965. O pessoal do Partido Socialista lá, ligado aos Tupamaros, me levou até a divisa, até a fronteira do Brasil. Eu entrei por Uruguaiana... por Santana do Livramento. É Santana, não é? A parte brasileira é Santana do Livramento.

M.F. – Não. É Uruguaiana, não? Acho que é Uruguaiana, não?

---

<sup>68</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

<sup>69</sup> A Ação Libertadora Nacional foi uma organização guerrilheira, revolucionária de tendência comunista e que se auto-definia como terrorista, que empreendeu a luta contra o regime militar desde a sua fundação – em 1967. A maior parte de seus militantes de linha de frente foi morta até 1974.

L.B. – É, Uruguaiana... Não, a parte uruguaia... É Rivera/Uruguaiana, não é?

Participante – Não é Santana do Livramento?

L.B. – É, exato, Rivera/Santana do Livramento. Os uruguaaios, os Tupamaraos, que eram do Partido Socialista, com quem eu tinha contato, me levaram até a fronteira. Lá, eu passei para o lado brasileiro, tomei um trem e fui esperado, em Porto Alegre, por gente do Partido Comunista, que me abrigou lá, e eu fui de ônibus para São Paulo. Cheguei lá em São Paulo de madrugada. A minha ideia... Eu tinha saído... Eu tinha largado tudo, emprego... Larguei o *Diário de Notícias*. E eu dava aulas também, lá na USP, para o cursinho que tinha para prestar vestibular. Tinha largado tudo para ir para o Uruguai, com a ideia da luta, de fazer a... Ao chegar aqui, encontro todos eles vivendo na maior felicidade. Para mim foi um choque aquilo. O Eder Sader, casadinho de fresco, com a mulher lá; o meu amigo Theotonio dos Santos, vivendo lá num aparelho, em Santo Amaro, com a mulher, *baby* recém-nascida, empregada, e era um aparelho da organização. Eu abro o armário, encontro um monte de carteiras para serem falsificadas, do Ministério do Trabalho. [riso] Mantinham aquilo em casa. E eles frequentando [a **universidade**]<sup>70</sup>, na maior irresponsabilidade.

M.F. – É um despreparo muito grande, não é?

L.B. – Eu briguei com isso. E aí rompi.

M.F. – Foi aí que você saiu da Polop?

L.B. – É. Porque o que acontece é o seguinte: quando o Eric Sachs esteve lá, em dezembro, eu levei ao Brizola, e o Brizola aí começou a mais ou menos apoiar a ideia de guerrilha e se comprometeu a dar dinheiro.

M.F. – Isso em 1964? No final de 1964?

---

<sup>70</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

L.B. – É. E deu, não me lembro quanto. No primeiro mês, ele deu mil dólares. Naquela época, era uma fortuna. E isso veio para o Brasil através de um emissário do Partido Socialista, esse dinheiro. Eu mandei – quem era o intermediário era eu, nessa... Esse dinheiro era para a Polop e para o pessoal lá de São Paulo também, que tinha... O nome desse rapaz agora... São Paulo também estava preparando outra resistência. E eu mandava esse dinheiro. O Darcy também deu. Aí, depois, o Brizola me chamou e disse que queria que eles... que eles não estavam mais com muito dinheiro mas que ele poderia dar indicações para fornecerem botas, fardamento etc. E eu queria... Do Brasil, eles não me prestavam contas, não me diziam nada. Foi aí que eu resolvi voltar, contra qualquer coisa. Eu vim com... Resolvi voltar para o Brasil e encontrei aqui esse espetáculo. Eu não sabia ainda que eles tinham... Eu tinha uma ideia de que eles tinham falado o meu nome ou qualquer coisa, mas eu não sabia a dimensão. Porque o processo, quando o Ruy Mauro pediu o *habeas corpus*, o processo foi mandado para arquivar. Esse processo da guerrilha etc. foi mandado arquivar. Bom, eu vim. Aí, comecei a brigar, rompi com a Polop. Um dia, com um grupo lá, tomamos os... Até o Aurélio Wander Bastos – não sei se conhece...

M.F. – Conheço.

L.B. – Pergunta ao Aurélio porque o Aurélio sabe disso.

M.F. – Ele está até aqui na Fundação.

L.B. – É. Pergunta a ele. Ele conhece essa história. Ele brinca muito comigo, porque um dia, eu organizei um golpe lá contra o pessoal da Polop e tomamos todos os... Como é que chama isso que imprimia?

M.F. – Mimeógrafo.

L.B. – Mimeógrafo. Aí, ele mexe até, dizendo que eu disse: “Tomamos o poder!” [riso] O mimeógrafo era o poder. Naquela época, o mimeógrafo era o poder. Nós tomamos. Pergunta a ele lá que ele conta. Isso, ele ri até hoje. Aliás, é outro que sempre fica insistindo para eu contar as histórias todas, o Aurélio. E aí nós tomamos. Houve a briga, a cisão. Depois, aí uns ficaram... “Ah, vamos esperar para... o congresso”. Depois,

acabou mesmo e a Polop se dividiu em VPR [Vanguarda Popular Revolucionária], VAR-Palmares [Vanguarda Armada Revolucionária] e Colina [Comando de Libertação Nacional], e um outro grupo foi para... Dividiu-se. Eu não me meti mais em nada. Achei isso porcaria. Achei tudo isso...

M.F. – E você desistiu da luta armada?

L.B. – Não, eu nunca fui propriamente partidário dessa luta armada. Eu achei que podia haver um foco, logo depois do golpe.

M.F. – Mas nesse primeiro momento, de alguma forma, você estava...

L.B. – Ah! Nesse primeiro momento, eu... Deixa eu lhe dizer... Sim, é boa essa pergunta. Às vezes eu me perco. Eu me convenci de que isso não tinha mais viabilidade já no fim de 1964, quando eu vi os expurgos completados nas Forças Armadas. Eu vi que não tinha mais possibilidade. Justamente na época em que o Brizola passou a dar o apoio. Mas eu já sabia que não tinha. Não adiantava mais. Mas não podia, de uma hora para outra... Mas eu já vi que não tinha mais condição. Mas, vamos dizer, como o carro estava andando, eu levei lá o... E, aliás, apresentei o Régis Debray<sup>71</sup>, apresentei ao Brizola e ao Darcy. Ele tinha ido levando mensagem do Fidel Castro, que queria fazer treinamento lá na Venezuela, nos campos de combate da Faln<sup>72</sup>. Depois, eu voltei para o Brasil, encontrei esse... e rompi. Aí, houve essa briga toda e a Polop terminou... Uma parte saiu logo, a outra ficou ainda esperando um pouco o congresso e saiu em 1967. Aí, formou-se a Colina, a VAR-Palmares, a VPR, essas coisas todas. Mas em 1966, eu estava clandestino lá em São Paulo quando foi decretada a minha prisão preventiva e mais...

M.F. – [E mais] uma galera.

---

<sup>71</sup> Escritor e filósofo; dedica-se, há algum tempo, ao estudo da mídia. Amigo de Fidel Castro e Che Guevara, nos anos 1960 acompanhou Che na guerrilha, especialmente na Bolívia, onde foi preso em 1967. Nesse mesmo ano escreveu sua primeira obra, "A Revolução na revolução". Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A9gis\\_Debray](http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A9gis_Debray), acessado em 08.02.2010.

<sup>72</sup> Forças Armadas de Libertação Nacional.

L.B. – ...Brizola, Paulo Schilling, Dante Pellacani, como se estivesse tudo no mesmo complô. Eu cito esses trechos até e a data do *Diário Oficial* lá no... diz que eu e Brizola éramos os chefes da contrarrevolução no Brasil. Eles usaram... O Brizola não tinha nada que ver com isso, na verdade. Eles usaram essa ligação porque meu nome aparecia no processo, por causa dessas denúncias, e como eu estava no Uruguai...

M.F. – Claro.

L.B. – Não tinha base, não é?

M.F. – E aí esse processo foi reapresentado. Justamente depois do Ato 5<sup>73</sup>, ele foi reapresentado. Aí é que foi feita a denúncia. Aí que eu fiquei sabendo, porque ele foi reapresentado para a Justiça Militar, pelo promotor Felipe Benedito Rauem, que fez uma introdução que era um negócio... Era uma conspiração internacional que unia Havana, Pequim e Moscou e a Quarta Internacional trotskista. [risos] É, Havana, Pequim, Moscou e a Quarta Internacional! Eu era trotskista e fazia a ligação de Havana, Pequim e Moscou! Era um negócio surrealista. O João Mendes, que foi da Ação Democrática, que era amigo de família e que era do Superior Tribunal Militar (STM), que era amigo de minha família e me conheceu desde menino, quando leu isso, teve um infarto. [risos] É, teve um infarto. Acreditou. Se ele fosse ler o processo, não tinha base nenhuma, o processo. E aí eu fui preso, em 1969. Eu fiquei dirigindo a Editora [Lemar] de 1967 a 1969; em 1969, eu fui preso; depois...

M.F. – Quer dizer, você ainda ficou clandestino aqui uns dois anos?

L.B. – Eu fiquei um tempo clandestino, até 1967. Quando revogaram a minha prisão preventiva... Eu podia ter sido tirado desse processo, mas o erro foi do Modesto da Silveira<sup>74</sup>. Porque podia ter... Antes do Ato... O que tirou o *habeas corpus* foi o Institucional n° 5, não é?

---

<sup>73</sup> Ato Institucional n° 5.

<sup>74</sup> Antônio Modesto da Silveira, filho de lavradores sem-terra, formou-se em Direito quase à época do golpe de 64, passando a se dedicar à defesa dos direitos humanos. Foi precursor da pregação da anistia ampla, geral e irrestrita aos perseguidos políticos. Já no declínio da ditadura, foi o candidato da esquerda mais votado para deputado federal do Rio de Janeiro. No Parlamento, ampliou sua luta pelos direitos humanos. Retirado de <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/medalhaDetalhe.asp?CodMedalha=21>, acessado em 08.02.2010.

M.F. – É.

L.B. – Antes do Ato Institucional nº 5, eu fui com o Modesto, que era meu advogado, à casa de um parente meu que era marechal do Exército, que você deve conhecer, o Achilles Gallotti, cujo irmão, o Luiz Gallotti, era ministro do Superior Tribunal Militar. O filho dele, o Luiz Octavio, que é meu primo, foi ministro e presidente do Supremo Tribunal...

[FINAL DA FITA 2-B]

M.F. – O filho dele, o Luiz Octavio, que é meu primo, foi ministro e presidente do Supremo Tribunal até recentemente. E o Achilles Gallotti disse para o Modesto: “Faça um *habeas corpus* mostrando que não tem fundamento”, e não tinha mesmo, “que eu falo com o Luiz”, o irmão dele, “e tiramos o Luiz Alberto do processo”. Mas o Modesto da Silveira, ligado ao Partidão, queria fazer defesa política. Quer dizer, me tirava do processo e pedia uma base para uma grande defesa política, mostrando que não tinha fundamento.

M.F. – [Mostrando] as arbitrariedades e...

L.B. – Exato. E não fez [o *habeas corpus*]. O Achilles morreu...

M.F. – E você ficou com aquela pendência.

L.B. – Fiquei com aquela pendência, fiquei respondendo a processo. E ia lá e o negócio era atrasado... Arnaldo Mourthé, entrentes, matou um cunhado, e aí ficou preso em Minas, por causa disso, e não aparecia, aí o processo era... Foram chutando o processo para frente. Quando chegou em 1969, depois do Ato 5, eles aceleraram, e aí me condenaram a cinco anos de prisão. Eu fiquei clandestino. Aí eu caí na clandestinidade.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

L.B. – Eu não voltei para São Paulo. Eu tinha uma granja que eu estava montando para me sustentar, já que eu não podia dar aula e também não trabalhava em jornal – eu fiquei fazendo matérias para os dirigentes, para a parte econômica, a revista *Dirigente Industrial*, eu fazia coisa para eles –, e eu fui para a minha granja no estado do Rio, aqui perto de Barra Mansa. Aí, um dia, a Marinha foi lá e me prendeu. No destacamento da Marinha que me prendeu, tinha um americano de olhos meio esverdeados, branco. Esse sujeito se dizia tcheco. Ele chegou para mim... Lá, eles entraram, pegaram toda a minha biblioteca etc., com as metralhadoras na mão. O homem, um brasileirinho lá, que devia ser marinheiro... “[**Vou te**]<sup>75</sup> matar, comunista!” E aí eu fui preso, fui levado no carro, algemado, e no carro, esse americano, esse agente da CIA, chegou para mim e disse: “Quería entregar o Brasil a Cuba?”. Eu cheguei para ele, eu sabia o que iam fazer comigo, e disse: “Olha, deixa de ser burro. A minha família ajudou a construir esse país”, e ainda citei o negócio de Garcia... “Eu sou descendente de Garcia D’Ávila, que conquistou o Nordeste. Nós fizemos esse país. A minha família ajudou a construir esse país. E não se entrega um elefante como o Brasil a uma formiga como Cuba. O senhor está dizendo uma besteira”. Aí, o oficial de Marinha, muito sem jeito... “Não, nós todos queremos o mesmo objetivo, só que por processos diferentes”. Aí, mandou tirar as minhas algemas, e quando eu cheguei lá no Cenimar, botaram outra vez. Aí, eu subi para o quinto andar – algemado e escoltado –, e quando eu chego lá, vejo o americano passando lá dentro – camisinha desse tipo, falando inglês. Aí, eu sou levado para uma sala lá onde tinha um oficial de Marinha, um moreno escuro, um retrato grande de Mao Tse-Tung na parede e do Krushev e em cima, a foice e o martelo. Ele olhou para mim... “Quem é esse chinês aqui?”. Eu não respondi. Ele disse: “Quem é esse chinês aí?”. Não respondi. “Responda, eu estou dizendo!” Eu disse: “Não me faça pergunta imbecil”. Eu fui muito agressivo. “Eu não sou obrigado a responder às suas perguntas porque eu estou *sub judice*. Eu sou advogado. Estou *sub judice*, porque eu já estou condenado, e não sou obrigado a responder às suas perguntas, muito menos a perguntas imbecis”. Aí, me levaram para outra sala. Aí eu vi, entretentes, o Dr. Asdrúbal, que não era nada mais, nada menos, como depois estive vendo, que o comandante João Maria Perestrello Feijó, dando ordem para revistar o apartamento onde eu morava no Rio antes que minha família soubesse da prisão, com medo de que meus parentes militares... Porque eu sou

---

<sup>75</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

primo, também, do general Moniz de Aragão, aquele... [riso] Você sabe quem é, não é? Ele é meu primo, também. O Walter Pires, também.

M.F. – Você tem gente de todos os lados.

L.B. – De todos os lados. [riso] Eles sabiam, não é? E perguntaram pela Niomar, por Edmundo... O Edmundo estava exilado. Esse Asdrúbal, não é? Aí, mandaram revistar a minha casa, “antes que os parentes dele saibam”, com medo de depois houvesse... e tirassem, ou evitassem que fosse feito. Aí ele veio, falou sobre os livros que eu estava fazendo... Eu tinha publicado, em 1967, *O ano vermelho – a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. O livro foi uma pesquisa... Eu fiz até na clandestinidade. O Ênio Silveira me adiantava os direitos autorais, me pagava os direitos autorais em adiantamento. O Ênio Silveira me protegeu muito. Ele era do Partido Comunista, porém, ele me respeitava muito. Era como esse pessoal do Partido Comunista. E o Ênio, particularmente, que era um homem muito independente, justamente, o que ele queria era objetividade. Ele sabia que eu era objetivo. Ele não confiava isso a ninguém do Partido Comunista. Quando ele me pediu para fazer esse livro, ele disse: “Eu convido porque você não é do Partido Comunista”. Ele era um homem muito... de cabeça...

M.F. – É, o Ênio era uma grande figura, um grande editor.

L.B. – É. Eu fiz esse arquivo... Descobri o arquivo do Leuenroth<sup>76</sup>, que depois foi comprado pela Unicamp. Aliás, nesse ínterim, o Foster Dulles<sup>77</sup> levou uma parte para os Estados Unidos. Porque eu descobri esse arquivo em São Paulo, que ainda estava com o Leuenroth – e quem me deu a pista disso e me colocou em contato com o Leuenroth, que trabalhava no *Estado de S. Paulo*, foi o Hermínio Sacchetta...

M.F. – Ah, eu sei.

---

<sup>76</sup> O entrevistado se refere a Edgar Leuenroth. Jornalista, foi um dos principais militantes anarquistas do Brasil durante a República Velha. Foi preso e processado sob a acusação de ser um dos principais promotores da greve então deflagrada em São Paulo em 1917. Manteve a militância anarquista por toda sua vida. Morreu em 1968. Retirado de

[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/edgard\\_leuenroth](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/edgard_leuenroth), acessado em 08.02.2010.

<sup>77</sup> Foi secretário de Estado dos Estados Unidos da América e participou da elaboração de diversos tratados internacionais. Foi uma figura de destaque durante a Guerra Fria, seguindo uma política de inflexibilidade e ameaçando a URSS contra qualquer agressão que podia desencadear uma guerra nuclear. Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Foster\\_Dulles](http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Foster_Dulles), acessado em 08.02.2010.



L.B. – Sabe quem é. O Hermínio Sacchetta, jornalista, que era um grande amigo meu, que me colocou em contato. E aí até o Ênio Silveira deu dinheiro para conservar o arquivo – eu levei para Edgard Leuenroth, para pagar, para dar uma contribuição, ajudando ele, pelo fato de ele me fornecer esse material. Tive acesso ao arquivo do Astrojildo<sup>78</sup>, porque o Valério Konder me deu acesso a onde estava. Ainda estava no Brasil. Depois foi levado para o exterior, para Milão. Acho que já voltou todo para o Brasil e está na Unesp, o arquivo do Astrojildo.

M.F. – É, acho que sim.

L.B. – Aí eu fiz esse livro, que saiu em 1967. Aí, ele me perguntou, eu estava fazendo um outro, que seria sobre 1935, o levante de 1935... Ah! Porque, nesse ínterim, eu comecei a fazer a pesquisa para o de 1935 nos arquivos do STM. Quando eu saí da clandestinidade, em 1967, eu já tinha feito *O ano vermelho*, que saiu em 1967, e eu comecei a fazer essa pesquisa. E eu estava aqui no Rio dirigindo a Editora [Lemar]<sup>79</sup> e comecei a pesquisar os depoimentos todos que estavam no STM. Eu ia lá com o Modesto e, como eu sou advogado, requisitávamos o processo e eu tirava xerox.

M.F. – Esse material deve ser interessantíssimo.

L.B. – Eles me carregaram isso em 1969 e não consegui mais. Eu tinha mais de 500 mil cruzeiros – naquela época, era uma quantia grande – em cópia xerox desses processos. Porque eu levava esses processos, tirava xerox, o Ênio pagava... E você via que todos eles abriram o bico. Os únicos que não falaram para a polícia foram: Prestes e Agildo e o Harry Berger. Os outros todos falaram. O Estilac Leal denunciou a conspiração a

---

<sup>78</sup> O entrevistado se refere a Astrojildo Pereira. Este, iniciou sua militância ainda jovem em organizações operárias de orientação anarquista, tendo sido um dos promotores, em 1913, do II Congresso Operário Brasileiro. Em 1918, participou dos preparativos de uma frustrada insurreição anarquista e, por conta disso, foi preso. Solto em 1919, começou a afastar-se do anarquismo e a defender os rumos tomados pela Revolução Russa. Em 1922 participou do congresso de fundação do PCB e foi eleito secretário-geral desta organização, da qual desligou-se em 1930 devido a sua vontade de proletarizar o partido – orientação recebida durante sua estadia na Rússia. Passou a dedicar-se ao jornalismo, colaborando no jornal *Diário de Notícias* e na revista *Diretrizes*. Em 1944, publicou *Interpretações*, obra em que reunia estudos sobre literatura. Em 1945 retornou ao PCB e passou a colaborar intensamente com a imprensa partidária. Em 1964 foi preso em decorrência do golpe militar e permaneceu na prisão por três meses, já em estado de saúde precário. Retirado de

[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/astrojildo\\_pereira](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/astrojildo_pereira), acessado em 08.02.2010.

<sup>79</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

Getúlio antes. Tudo isso. Bom, foi esse período. Aí eu fiquei preso, primeiramente, na Marinha e depois fui para o Caetano de Farias. Fiquei um ano. Ah! Porque, entretimentos, o João Mendes morreu, o processo passou e ficou sem relator... Por fim, o substituto, em vez de anular o processo, anulou só a sentença. Porque não tinha prova, nada, anulou a sentença.

M.F. – Aí você foi liberado?

L.B. – Aí eu fui liberado. Quando saí, não tinha um tostão para... Naquela época, eu ainda fumava, não é? Aí o Ênio Silveira me disse: “Moniz, por que você não escreve um... Luiz Alberto”, como ele me chamava, “por que você escreve...? Não quer escrever um livro sobre as relações do Brasil com os Estados Unidos? Essa é uma coisa que” – também o negócio da confiança – “que eu só entregaria a você, para fazer uma coisa dessas, porque você faz objetivamente”. Eu disse: “Faço”. Ele disse: “Faz o projeto e me dá”. Aí, fiz o projeto, mostrei para ele e ele começou a me pagar. E aí a Alzirinha Vargas me abriu os arquivos e eu comecei... Você veja como é a contradição aqui. O maior apoio que eu tive, entre outros tantos apoios que eu tive, quem me deu foi o Adonias Filho, baiano, que fazia os discursos do Cordeiro de Farias, ligado a toda essa turma militar de direita.

M.F. – Mas as relações pessoais, aqui no Brasil, são coisas muito [sérias]<sup>80</sup>, as relações familiares...

L.B. – É. Você sabe que o Adonias me deu uma sala na Biblioteca Nacional para eu trabalhar nas pesquisas? Eu tive acesso: andava pela Biblioteca Nacional toda. Aí, comecei a fazer o livro *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Aí, em 1972, o processo voltou a ser reapresentado e eu, como estava... No começo de 1972, [o processo] voltou a ser reapresentado, e como eu estava na legalidade, eu compareci ao julgamento na Auditoria da Marinha. O maior advogado que nós tivemos... Nessa altura, eu já tinha tirado o Modesto de advogado e tinha dado para o Técio Lins e Silva. Quando eu caí preso a primeira vez, eu tirei logo, porque o Modesto fez essa bobagem. Eu tirei e dei para o Técio Lins e Silva, que era meu advogado. O maior advogado que

---

<sup>80</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

nós tivemos lá foi o Walter Wigderowitz, que era o procurador da Justiça Militar. Ele pediu a absolvição, com base no seguinte argumento: primeiro, os marinheiros e sargentos envolvidos no processo já não eram nem mais marinheiros, porque tinham sido expulsos das Forças Armadas; eu e os outros não éramos militares; os fatos não se passaram dentro de nenhum quartel, então, não cabia... Ah! Tinha um detalhe: já não dava mais para aplicar a Lei de Segurança porque, pelos artigos da antiga Lei de Segurança, estavam todos os crimes prescritos. Só cabia o Código Penal Militar: incitamento de motim e guarida a militar criminoso. E aí ele disse: “Não cabe condenar porque o Código Penal Militar...”. E pela pena mínima que eu poderia ter e outros, também estava prescrito, pelo tempo – a pena em concreto, se me dessem a pena em concreto. Pela pena abstrata, mantinha. Mas como éramos primários, só podia dar a pena em concreto. Bom, ele pediu a nossa absolvição. No dia seguinte, eu voltei lá e estou lá conversando com o... aquele que era... Bom, um deles era o Técio Lins e Silva e o outro era o Konder, o irmão de Rodolfo, esse que escreve...

M.F. – Leandro.

L.B. – ...Leandro Konder. Ele é meu amigo. Estávamos lá conversando quando passa o Walter Wigderowitz, o procurador. Eu disse: “Dr. Walter, está demorando muito esse julgamento”. Ele aí disse para mim: “Isso é porque os militares estão querendo condenar alguém e o juiz está dizendo que não pode”. [riso] Eu não tive dúvida: quando eu ouvi isso...

M.F. – Saltou fora.

L.B. – ...fui no apartamento onde eu morava, peguei o *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, os manuscritos e os documentos que tinha, fui para a rodoviária, peguei um ônibus e fui para São Paulo. Lá, quem me deu um apartamento para morar foi o Aldo Lins e Silva. Conhece o Aldo, não é? O Aldo é um maluco completo. Eu gosto muito dele. É uma figura muito interessante, porque no dia seguinte, ele me levou... “Não, não fique com esse ar, assim, não. Vamos lá!”, e me levou para o Clube dos Artistas... “Olha aqui! Ele está sendo perseguido!”. Mostrou-me para todo mundo. [riso] Mas ele foi que me deu a guarida. Eu estou dizendo maluco nesse sentido de brincadeira, não é?

M.F. – Mas aí você foi condenado?

L.B. – Fui condenado a quatro anos, por incitamento de motim e dar guarida a militar... Eles condenaram pela pena máxima em abstrato, quando não poderia, porque era ilegal.

M.F. – E aí o que você fez, depois que você foi condenado?

L.B. – Aí eu fiquei lá terminando o livro. Aí, comecei...

M.F. – Lá...

L.B. – Lá em São Paulo.

M.F. – Aí você ficou clandestino?

L.B. – Fiquei clandestino, é lógico. Eu saí de lá e fiquei clandestino. Entrementes, o Hermínio Sacchetta, que eu conhecia desde rapaz – ele era amigo do Edmundo etc., era meu amigo, eu conhecia desde... Ele rapaz não; eu rapaz, desde menino. O Hermínio chegou para mim e disse: “Olha, o Geraldo Banas está precisando de alguém lá para escrever sobre a América Latina”. O Geraldo Banas era o dono da Editora Banas, um alemão, judeu alemão, que veio para o Brasil e montou essa editora lá e fazia uns anuários – o anuário industrial, o anuário financeiro etc. –, e tinha um anuário de América Latina. O nome dele correto era Banaskevitch, mas ele abasileirou. Ele tinha essa famosa editora de economia. “Ele está precisando lá de alguém. Vai lá e procura”. Eu precisava me manter, não é? A essa altura, o Ênio Silveira tinha entrado novamente em concordata e não podia estar me pagando...

M.F. – Tinha suspendido...

L.B. – ...o adiantamento que ele estava me dando enquanto eu morei no Rio, fazendo a pesquisa. Aí, eu fui lá e o Geraldo me admitiu. Ele sabia quem eu era. Foi muito correto esse homem. O outro também sabia. Ninguém mais sabia lá quem eu era. Eu assinava, botava o meu nome no expediente... Porque eu tenho um nome muito grande. O meu nome é Luiz Alberto Dias Lima de Vianna Moniz Bandeira.

M.F. – Você pode fazer várias trocas.

L.B. – É. Eu botava lá Luiz Vianna. [riso] Botava Luiz Alberto Vianna. Botava lá no expediente do anuário: Luiz Alberto Vianna. Eu fazia o anuário de América Latina. Ninguém sabia quem eu era. Então, eu saía de manhã... Primeiro, de manhã, eu acordava às oito horas e escrevia o *Presença*, com o material que já tinha pesquisado, saía ao meio-dia, comia qualquer coisa no caminho e ia para a Editora Banas e escrevia sobre o Peru etc., aquelas coisas todas, com o material... Eles tinham um grande arquivo lá.

M.F. – Agora, esse período todo que você ficou nessa coisa de ser condenado, de ficar clandestino, ficar escrevendo, pesquisando, você manteve contato com esses exilados, com o Brizola, com o Jango, ou você se...

L.B. – Não, não.

M.F. – ...você se afastou?

L.B. – Eu estava clandestino, não podia ter contato com esse pessoal. Tinha contato, sim, com o pessoal que estava também clandestino. Tinha com alguns que eram amigos meus, que tinham sido da Polop etc., eu tinha. Mas com o pessoal... Jango e Brizola, esses estavam no Uruguai, eu nem podia ter. Então, o que aconteceu, para resumir? Quando eu terminei o *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, que entreguei ao Ênio Silveira, eu passei a frequentar a minha granja, com a maior naturalidade, e andar aqui pelas ruas do Rio de Janeiro. Porque o Técio Lins e Silva queria que eu me apresentasse, porque eu só podia recorrer se me apresentasse. Ele sabia que eu poderia ser absolvido da... E o relator que tinham nomeado também queria, dizia ao Técio para eu me apresentar. Eu não queria dar essa colher de chá para ele, dizer que eu me apresentava. “Eles, se quiserem, que me prendam.” Passei a andar normalmente e ia para a minha granja lá. Eu tinha uma granja de frango de corte. No começo, me apanhavam na estrada, eu vinha e ia para uma casa em cima da montanha, em cima do morro, ninguém sabia, ficava lá durante o dia e depois, de noite, eu descia para a casa de baixo. Um dia, um advogado da Marinha, Antônio... esqueço o nome dele agora, que

tinha uma casa lá perto e sabia quem eu era, me viu, me denunciou, foram lá e me prenderam. Aí eu vim preso. E os três meses que eles disseram, para recorrer porque eu seria absolvido, o prazo não demorou três meses; demorou outro ano. Porque nessa altura, mataram o sargento Sá Roriz, que estava no meu processo, que era protegido do Cordeiro de Farias, e aí não quiseram dar a autópsia dele – porque ele foi morto na... e aí a Marinha, a Auditoria... Foi um bolo desses, o Tribunal pedia e...

M.F. – Isso já foi em que ano?

L.B. – Isso foi em 1973. E eu fui ficando. Quando chegou no final de 1973... Ah! E o meu advogado em Brasília foi Josafá Marinho, que foi meu professor de Direito. Mas o Josafá... É o tal do negócio dos princípios jurídicos. Eu sou advogado, me formei em Direito, sou da Ordem dos Advogados e tudo isso, mas como politólogo e como cientista político, sei que o que está por detrás do direito é a força. Mas esses nossos queridos amigos não têm muito essa noção. Então, o Josafá veio... “Os princípios jurídicos... Não podem condenar você. Os princípios jurídicos...” E um dia ele chegou lá no quartel – eu estava no Marechal Caetano de Farias – e disse: “Moniz, eu estou fazendo tudo para salvar o Waldir Pires de ser preso. Ele chega amanhã e eu estou fazendo e não consigo. Está aí a ordem de prisão. Eu vou agora para o Senado”. Eu sei que o Josafá foi para o Senado, que era no Monroe, no edifício Monroe, e lá entrando, encontrou aquele do Maranhão, o Vitorino Freire, e disse: “Eu estou com um problema. O Waldir Pires vai chegar e vai ser preso, e não tem base para isso. Os princípios jurídicos...”. Aí o Vitorino chegou para ele e disse: “Josafá, você já recorreu ao jurista de quatro estrelas?”. O Josafá disse: “O que é um jurista de quatro estrelas?”. [riso]

M.F. – Ingênuo ele, não é?

L.B. – Aí ele disse: “Um general. Vamos lá no gabinete que eu vou telefonar para o Geisel”, que era ministro da Guerra, não é? E aí conseguiu resolver e o Waldir desembarcou. Depois, voltou para prestar depoimento e não foi preso. Foi o general de quatro estrelas. Eu sei que o Josafá, nisso, não avisou a minha família na hora... Eles reduziram a minha pena para dois anos. Não me absolveram, não. Reduziram para dois anos e não deram a prescrição. Quem foi obter a prescrição foi, aqui no Rio de Janeiro, o Técio Lins e Silva, que obteve, ao nível da Auditoria, com o Walter Wigderowitz. Aí

eu saí e, no ano seguinte, fui absolvido, no outro recurso. Aí eu saí, em dezembro de 1973, voltei para São Paulo e, lá, fui assumir a cadeira na Escola de Sociologia e Política lá de São Paulo. Na época, estavam matando muita gente, mas eu fui lá assumir. Aí, tendo voltado à legalidade, sem esses problemas, eu quis fazer meu doutoramento, que eu não tinha podido fazer. Eu fui fazer na USP, onde estava o Weffort<sup>81</sup>, o Fernando<sup>82</sup> etc., todos eles me deram apoio, e o Fernando me indicou para uma bolsa da *Ford Foundation* e eu fui ao Uruguai. Nessa altura é que o Talarico e o Ênio acharam que deviam fazer um livro sobre o Jango. Porque o meu livro *Presença dos Estados Unidos no Brasil* saiu com um grande impacto.

M.F. – É, foi um livro importante naquela conjuntura. Você colocou uma porção de coisas, muitas informações...

L.B. – É, ele é um livro que saiu com um grande impacto. Eu estava preso quando ele saiu. E aí eles acharam conveniente fazer o livro sobre o governo do João Goulart. Eu comecei a fazer a minha tese de doutoramento, a escrever... Porque eu já fui direto... Como eu tinha uma obra grande publicada, a *Presença dos Estados Unidos* e outras, já tinha uma equivalência a doutor. Mas eu queria fazer o doutoramento. Então, já fui direto, nem fiz mestrado, por essa razão, porque já tinha uma obra que equivalia, como o Fernando falou, tinha a equivalência de doutor. Fui direto para o doutorado, para fazer... só formalizar o meu doutoramento. E aí, na USP, eu obtive essa bolsa. Foi quando eles tiveram essa ideia...

M.F. – E aí, como é que foi retomar esse contato com essas pessoas que você já tinha...?

L.B. – Porque eu fui para a Argentina pesquisar, fui para o Uruguai pesquisar sobre o papel do Brasil na Bacia do Prata e, estando lá, procurei todos eles. Inclusive, o Edmundo, meu tio, estava lá exilado, no...

M.F. – E você conhecia bem o Jango, no período em que ele era presidente?

---

<sup>81</sup> O entrevistado se refere a Francisco Weffort. O professor e escritor é um respeitado membro da Academia no Brasil. Tem importantes livros publicados e foi premiado pela Academia Brasileira de Letras em 2007. Um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, foi escolhido por Fernando Henrique Cardoso para ocupar o Ministério da Cultura. Retirado de <http://www.institutoliberal.org.br/conteudo/download.asp?cdc=2071>, acessado em 08.02.2010.

<sup>82</sup> O entrevistado se refere a Fernando Henrique Cardoso.

L.B. – O Jango? Não tinha muito contato com ele, não. Conhecia. Porém, não tinha maior contato. Porque eu era muito jovem. Quando houve o golpe, eu tinha 28 anos.

M.F. – É verdade.

L.B. – Eu ainda não era nenhuma... Tinha contato com ele, com o Ryff<sup>83</sup> e com outros, mas não... Ainda era uma figura muito... Embora eu tivesse livro publicado etc., não tinha...

M.F. – Não era uma figura desse mundo formal da política.

L.B. – Não era. Eu era assessor do Sérgio. Eu me dava muito bem com o Brizola, participava lá das reuniões, mas não tinha...

M.F. – E aí, como é que foi a sua impressão, quando você conheceu o Jango, nessa circunstância do exílio, para fazer esse trabalho?

L.B. – Não, eu conheci o Jango... Perdão. Não foi em 1974 que eu me aproximei...

M.F. – Não, não. Eu estou dizendo como foi você se encontrar com o Jango...

L.B. – Reencontrar.

M.F. – ...nessa circunstância do exílio?

L.B. – Eu tive essa aproximação maior com ele...

M.F. – Ou conhecer pessoalmente, mais próximo.

L.B. – Não, eu conhecia o Jango pessoalmente desde o tempo de Juscelino.

---

<sup>83</sup> O entrevistado se refere a Raul Ryff; jornalista que foi secretário de imprensa de João Goulart. Retirado de <http://www.politicaparapoliticos.com.br/interna.php?t=755848>, acessado em 08.02.2010.



M.F. – Sim, mas eu digo... Você mesmo tinha dito, anteriormente, que você conhecia, mas não tinha maior proximidade.

L.B. – Mas o contato maior, mais próximo, eu tive em 1964, quando eu estava lá exilado. Aí, com ele, com o Brizola... Aí eu convivía naquele meio. Aí já era outra figura.

M.F. – Com o Jango também?

L.B. – Também. Eu me lembro que, por exemplo, ele me convidou para ir à casa dele, quando o Allende foi lá. Eu fui lá. Eu conheci o Allende na casa dele. Aí eu já tinha outra situação, porque eu estava exilado, já tinha...

M.F. – E eles também.

L.B. – E eles também, não é? Já estava numa outra esfera de situação. Em 1974, é claro, eu voltei lá e o Brizola... Eu tinha maior contato, nessa época, não no nível do Jango, mas com o nível, por exemplo, dos deputados: o Neiva; o Max da Costa Santos; o Dagoberto, que era amigo meu, o Dagoberto Rodrigues, que era diretor do DCT<sup>84</sup>. Eu passei os últimos dias do governo João Goulart quase que dando vigia lá. Aconteceu uma coisa, eu até conto isso no meu livro, no prefácio da 7ª edição, porque no dia do golpe... Josafá Marinho foi diretor do Conselho Nacional de Petróleo (CNP) no tempo do Jânio, e o chefe-de-gabinete dele era o Carlos Meireles, que eu também conhecia de menino – quer dizer, eles são mais velhos que eu –, eu o conhecia da Bahia. Quando o Jânio renunciou, o Josafá pediu demissão. O Carlos Meireles, que era o chefe-de-gabinete, ficou como interino, e eu ajudei a efetivação do Carlos Meireles, dando apoio, pelo *Diário de Notícias*, junto ao João Mangabeira, ao Gabriel Passos, com quem eu tinha... Por causa desses meus vínculos com os nacionalistas. Ajudei. O *Diário de Notícias* tinha essa coisa, ele era udenista, conservador, porém...

M.F. – É, mas tinha... Era nacionalista.

---

<sup>84</sup> Departamento de Correios e Telégrafos.

L.B. – ...era nacionalista. Isso me facilitava esse trabalho lá. Então, o Meireles, amigo meu... Eu era uma espécie de assessor informal do Carlos. Eu me reunia lá com ele... Salvei o Carlos uma vez, numa situação. Deram um aumento do gás, no Conselho Nacional do Petróleo... Ele conta isso. Um funcionário lá aumentou o gás de cozinha no dia em que o Carlos ia para uma entrevista na TV com o Heron Domingues.

M.F. – Heron Domingues!

L.B. – O Heron Domingues. Esse sujeito lá, de provocação, deu o aumento do preço do gás de cozinha, e o Heron ia perguntar e o Meireles ia cair. Eu, por acaso, de manhã, passei no Conselho Nacional do Petróleo, que era naquela rua perto do Teatro Municipal, passei lá, soube da informação, tomei o carro, corri para a TV e avisei a Meireles. O Meireles disse: “O que é que eu faço?”. Eu disse: “Demita na televisão”. “Mas eu não falei com o ministro Oliveira Brito”. “Não, não precisa falar, não. Você demite, depois você fala”. Porque eu sabia que o Jango também era assim, ele gostava que a pessoa fizesse e não que esperasse que ele desse ordem.

[FINAL DA FITA 3-A]

L.B. – ... e não que esperasse que ele desse ordem. Eu disse: “Demita, porque você vai cair numa cilada”. Aí, na hora, na televisão, o Heron Domingues fez a provocação: “E o aumento do gás de cozinha?”, como se ele não soubesse. Aí ele disse: “Não houve aumento. Houve um ato arbitrário de um funcionário que já demiti”. Demitiu na televisão. Depois levou a carta para o Oliveira Brito. O Oliveira Brito segurou lá e ficou... Ele devia, talvez, estar numa... Mas o Jango apoiou...

M.F. – O Jango apoiou?

L.B. – ...bancou, deu apoio e convidou o Meireles para ir até com ele para um outro lugar. Bom, no dia da...

M.F. – Do golpe.

L.B. – No dia do golpe... Quer dizer, no dia do golpe não. Na véspera, na segunda-feira de manhã, o Meireles me telefonou e disse: “Moniz, eu preciso que você venha cá urgente. Vou mandar um carro aí lhe buscar”. Eu cheguei lá, ele disse: “O presidente do sindicato...”. Está como telegrama, a versão, mas depois eu corrigi e eles não fizeram essa correção. Mas foi telefonema. No meu livro eu digo telegrama. Mas, não, foi telefonema. “[O presidente] do Sindicato dos Distribuidores de Combustíveis lá em Minas disse que o governo estadual está confiscando todo o estoque em Minas. O que você acha?”.

M.F. – Aí você já “atenou”, não é?

L.B. – Eu disse: “É um golpe”. Ele disse: “É, eu acho também”. Eu disse: “Corta o fornecimento agora, imediatamente”. É do meu feitio tomar a iniciativa.

M.F. – Tomar atitudes.

L.B. – Tomar atitude. Eu não espero. Eu sabia também... O Jango, aliás, depois me contou que ele gostava era disso.

M.F. – Mas ele não era muito de tomar atitude.

L.B. – Não. E exatamente por isso. Ele me disse, certa vez... Ele gostava, mas não era ele...

M.F. – Mas ele não tinha coragem.

L.B. – Não, não era. Ele gostava de que o funcionário dele fizesse as coisas e não que jogasse a responsabilidade para ele. Ele me disse... Chegou lá um dia o Cunha, aquele **boana**, aquele general... Esqueço o nome dele. Lá no dia do golpe. [Chegou] todo emperiquitado, com armas, isso e aquilo. “Presidente, estou às suas ordens. Espero as ordens para bombardear”. “Ele queria lançar a responsabilidade sobre mim. Ele devia tomar essa iniciativa”. Isso é que ele achava. “Estava na função dele tomar ali e reprimir e não vir me pedir autorização, para jogar depois a responsabilidade sobre mim”. É isso que eu quero dizer, o Jango... Ele me disse isso.

M.F. – Mas ele, de qualquer maneira, não era uma pessoa de tomar muitas iniciativas.

L.B. – Não, mas ele gostava que o funcionário tomasse.

M.F. – Sim, entendi. Mas uma vez que o funcionário não tomava, por qualquer motivo, ele poderia tomar. Mas ele não era uma pessoa de tomar muitas iniciativas.

L.B. – Não, não era. Exatamente por isso é que ele gostava que os outros fizessem.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

M.F. – Quando...

L.B. – O negócio do Meireles, não é?

M.F. – É. Antes, nós estávamos já na sua ida para fazer o livro. O senhor fez um pequeno retorno.

L.B. – É. Aí o Meireles tomou lá a providência etc., saiu. E, de noite, eu fui, com o Brandão Monteiro, que na época era presidente do Caco<sup>85</sup> assistir ao Automóvel Clube<sup>86</sup>, e lembro que o Brandão ainda chegou para mim e disse: “Olha, a cara do Jango é de quem está deposto”, o José Carlos Brandão Monteiro. Ele disse: “A cara do Jango é de quem está deposto”. Aí, passou o... Eu lembro que eu vi o Anselmo passar pela porta etc. Bom, agora, voltando ao...

M.F. – [Ao livro]<sup>87</sup>.

L.B. – É. Eu escrevi... Aí eu pensei, naquela época... Eu sabia que já tinha gente pensando em reorganizar o Partido Trabalhista. O Jango tinha pedido um manifesto... Eu não sei quem foi, eu não lembro agora o nome dele – isso está no meu livro –, que

---

<sup>85</sup> Centro Acadêmico Cândido de Oliveira

<sup>86</sup> O entrevistado se refere a uma reunião da Associação dos Sargentos realizada no Automóvel Clube.

<sup>87</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

fez um manifesto lá relançando a reorganização. O Jango não gostou, o Edmundo Moniz não gostou, e outros... Depois refizeram etc., mas ficou um negócio... Aí, fizeram uma União Trabalhista, que foi fundada... Está no meu livro. Agora eu estou com as notas da [inaudível]. Bom, uma das coisas que eu sempre imaginei e defendi foi de que o Partido Trabalhista Brasileiro tinha exercido, empiricamente, um papel equivalente ao da social-democracia na Europa. Os fenômenos são distintos, porém, tem a sua...

L.B. – Equivalência.

M.F. – ...a sua essência é a mesma. Não tinha era a teoria. Eu já sabia. Desde a época de antes de 1962 que eu vinha vendo isso etc.

M.F. – [Mas essas duas tentativas de fazer isso]<sup>88</sup>.

L.B. – Eu quis defender isto no livro sobre o governo João Goulart. A minha tese era de que, naquela época, o capital financeiro internacional não podia... que estava fugindo dos países onde havia o pacto social-democrático para os países da periferia, aceitarem governos do tipo social-democrático, dessem garantias de trabalho nos países para os quais eles fugiam, em busca de fatores mais baratos de produção – no caso, o Brasil, não é? Então, o Jango... essa foi a minha tese central, de que ele tinha representado isso. Bom, aí eu comecei a trabalhar no livro, fui ao Brizola... Eu ia para Buenos Aires fazer o meu trabalho sobre a Bacia do Prata, morava lá, depois vinha para São Paulo, passava no Uruguai e sempre procurava todos eles. Lembro que um dia, eu cheguei para o Brizola e disse: “Brizola, eu vou escrever um livro sobre o Jango, o governo do Jango”. Ele fez assim: “Moniz, você vai precisar toda a habilidade do PSD mineiro para defender o Jango”.<sup>89</sup>

M.F. – Ele tinha uma visão muito crítica do Jango, sempre.

L.B. – É. Eu disse: “Não, Brizola, não precisa. Basta ser realista, mostrar o que ele fez, realmente. Além do mais, se for uma defesa, a realidade é que vai defender. E tem mais uma coisa: será o resgate, não do Jango, mas de toda uma época, e de você também”.

<sup>88</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

<sup>89</sup> O entrevistado está imitando a voz de Brizola

M.F. – É verdade.

L.B. – “E de você também.” Eu me lembro que isso, eu estava na casa dele, de noite, com a Márcia Mendes de Almeida, uma amiga minha lá de São Paulo, socióloga. E no dia seguinte, fomos almoçar. Aí, ele me deu a entrevista etc. E em dezembro... Uns dois meses depois ou um mês depois, ou sei lá quando, houve a reaproximação dele com o Jango.

M.F. – Eles ficaram muitos anos afastados.

L.B. – Doze anos. Eu vou dar depois um depoimento sobre isso. Essa reaproximação decorreu do seguinte: o Brizola nunca deixou de ter contato com o serviço secreto cubano, que é dos mais eficientes, e o serviço secreto... Foi na época daquela Operação Condor, daqueles assassinatos: Michelini e não sei o quê. E o serviço secreto cubano... O Jango mesmo tinha sofrido ameaças, embora ele nunca levasse muito a sério, parece, segundo eu sei. Aí há muitas controvérsias, cada um dá um depoimento diferente, lá no Uruguai. Eu sei que o Jango mesmo me disse que ele estava evitando ir a Buenos Aires, por causa desses problemas. Uma vez eu almocei com ele em Buenos Aires, e ele era muito extravagante, apesar de ter problema [cardíaco], e ele pediu, assim: “*Un bife de chorizo con mucha grasa*”, com muita...

M.F. – Com muita gordura.

L.B. – Aí, veio aquele bife de *chorizo* com aquela gordura, e a primeira coisa que ele fez foi tirar aquela gordura e comer. É colesterol puro, não é? Bom, o Jango não estava lá mais. Quer dizer, tinha... Passava por lá, ia para a Argentina, mas Buenos Aires, ele estava evitando. Bom, o Brizola procurou o Edmundo Moniz e disse ao Edmundo que ele tinha recebido a informação de que iam matar o Jango quando ele passasse por Buenos Aires a caminho da Europa. Isso, o Edmundo que me contou. E o Edmundo disse para ele: “Por que você não...?”.

M.F. – [Por que você não] fala com ele?

L.B. – E diz ele: “Porque ele, há pouco tempo, me viu num posto de gasolina e nem falou comigo”. Mentira do Brizola. O Jango não era de guardar rancor. Nunca foi. Nem do Brizola. Ele sabia. Eu me lembro, a única referência ruim que ele fez ao Brizola, negativa, foi dizer que o Brizola tinha o dedo podre, não sabia escolher. Foi a única. O resto, ele dizia: “Leonel, você sabe como é Leonel...”. Nunca...

M.F. – [Nunca] pegou pesado.

L.B. – É, nunca fez... Foi uma única vez que ele disse: “Ah, Leonel tem o dedo podre. Não sabe escolher”. Eu não me lembro se isso foi a respeito do Assis Brasil<sup>90</sup>. Porque o Brizola diz que não foi ele que o indicou. Mas eu sei que foi uma vez que ele me disse isso. Isso eu lembro. Eu gravei essa frase na cabeça.

M.F. – Aliás, é uma frase interessante.

L.B. – “O Brizola tem o dedo podre. Não sabe...” Isso é verdade.

M.F. – Agora, nesse período todo que o Jango está fora, ele não... Não era um líder.

L.B. – Quem?

M.F. – O Jango.

L.B. – Era sim.

M.F. – A capacidade... Você acha que a capacidade dele de articular pessoas...

---

<sup>90</sup> Militar, Participou, em 1932, da Revolução Constitucionalista e, com a derrota do movimento, foi preso e exilado na Europa. Beneficiado pela anistia concedida aos revoltosos pelo presidente Getúlio Vargas, retornou ao Brasil em 1934 e reassumiu suas funções militares. Foi nomeado, em 1961, adido militar junto à embaixada brasileira em Buenos Aires. Foi indicado assessor militar da Presidência, mas recusou o convite, manifestando desejo de continuar em Buenos Aires. No entanto, logo depois Goulart o convocou de volta ao país e o nomeou chefe do Gabinete Militar. Como atributo do novo cargo, assumiu também a secretaria geral do Conselho de Segurança Nacional. Após o golpe militar, acompanhou Goulart até o Uruguai, foi posto na reserva e teve seus direitos políticos suspensos por dez anos. Em fins de 1964, foi preso ao retornar ao país e demitido das fileiras do Exército. Readquiriu seus direitos políticos em 1974. Retirado de [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/assis\\_brasil](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/assis_brasil), acessado em 08.02.2010.

L.B. – Articulava. Ele tinha... Tanto que ele manteve uma liderança sobre o movimento sindical. Ele tinha.

M.F. – Mas isso foi em outro momento. Eu acho que ele...

L.B. – O que o Jango...

M.F. – Nessa conjuntura do exílio, você acha que ele tinha...?

L.B. – Não, porque ele não se interessou. Ele não estava... O Jango gostava de ter prestígio, mas não era um homem de querer o poder, ao contrário de Brizola.

M.F. – Você acha que ele não tinha o projeto de...

L.B. – Ele pensou, o Jango...

M.F. – ...de liderar as oposições?

L.B. – Ele queria, mas do jeito de política mais tradicional. O que acontece é o seguinte, os mortos dominam muito os vivos.

M.F. – É verdade.

L.B. – Todos eles tinham como parâmetro o Vargas. O Jango também. Ele achou que sendo deposto, em 1964, ele voltaria ao poder...

M.F. – Nos braços do povo.

L.B. – ...eleito.

M.F. – A campanha de 1950 de novo.



L.B. – Exatamente. Eleito. Ele achava isso. Ele não era um homem de brigar com ninguém. Tanto que, logo depois, ele passou a ter articulação com o Kruel<sup>91</sup>.

M.F. – Como é que foi isso? Como é que foi essa articulação com o Kruel?

L.B. – Detalhes, eu não tenho. Eu sei que, logo em seguida, ele passou a ter. Porque o Kruel passou a ter um papel ali na conspiração. É uma coisa muito engraçada. São episódios anedóticos que eu conheço dessa época, a conspiração, que o Adhemar quis dar dinheiro, chamou a Volkswagen, deu não sei quanto, e aí...

M.F. – Mas isso era contra a Frente Ampla?

L.B. – É. O Kruel é metido nisso, não é? O Edmundo Moniz foi para São Paulo com o Eduardo Chuahy... O Eduardo Chuahy sabe disso, sabe muita coisa disso. Aí, lá, o Adhemar se casou com a “Dr. Rui”<sup>92</sup>, ele vestido de D. Pedro I e ela de marquesa de Santos, aquela amante de D. Pedro I. É a marquesa de Santos.

M.F. – É a marquesa de Santos, sim.

L.B. – E ele de D. Pedro I. E quem casou foi o padre Baleeiro. [riso] Eles quiseram dar dinheiro, e o Edmundo disse: “Eu não quero mexer nisso!”. E o Lott também. “Onde é que põe esse dinheiro?”. E o Adhemar lá... Eu fui uma vez falar com o Adhemar sobre a candidatura do Sérgio, na época de 60, e ele me recebeu aqui na casa da “dr. Rui” todo

---

<sup>91</sup> O entrevistado refere-se a Amaury Kruel; militar e político. Participou da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul (1923) e da Revolução de 30. Foi adjunto militar junto à Embaixada brasileira em Londres; chefe do Estado-Maior da Zona Militar Sul; chefe do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP) e assessor militar do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU). No governo João Goulart, assumiu a Chefia do Gabinete Militar, entre 1962-63, passando para o Ministério da Guerra, na curta experiência parlamentarista brasileira, no Gabinete Hermes Lima (1962-63). Sua atuação no golpe de 64 gera controvérsias: enquanto para alguns contemporâneos Kruel manteve-se fiel ao ex-presidente; outros asseguram que, como comandante do II Exército (sediado em São Paulo), tomou parte importante no golpe. Em agosto de 1966, passou para a reserva, a pedido, e foi promovido a marechal. No mesmo ano foi eleito deputado federal pelo estado da Guanabara, na legenda do MDB. Retirado de <http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/perfil/links/AmauryKruel.html>, acessado em 08.02.2010.

<sup>92</sup> O entrevistado refere-se à Ana Capriglione. Casada com um conceituado médico, circulou com desenvoltura pela sociedade carioca a partir dos anos 40. Depois de enviuvar, no início dos anos 50, Ana manteve um longo relacionamento com o ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros. Nos corredores do poder, Ana tornou-se conhecida como “Dr. Rui”, código usado pelos colaboradores de Adhemar quando o chefe se encontrava com ela. Retirado de <http://veja.abril.com.br/vejarj/220306/sociedade.html>, acessado em 08.02.2010.

nu, o Adhemar de Barros. [riso] Era um sujeito muito engraçado. Bom, mas aí o... Onde é que eu estava mesmo?

M.F. – Você estava falando do Jango, de que ele não pretendia... Ele achava que voltaria naturalmente, assim que houvesse a...

L.B. – Ele tinha capacidade de articulação. Agora, não estava querendo conspirar para derrubar e essas coisas. Ele não estava fazendo isso. Ele participou de um processo... Tanto que ele aceitou fazer a Frente Ampla.

M.F. – Mas a Frente Ampla foi antes disso. Você está falando agora...

L.B. – Não, eu estou falando... A Frente Ampla foi depois do negócio do Krueel. A Frente Ampla foi em 1967. O que eu falei do Krueel foi em 1964.

M.F. – Tudo bem. Mas você já estava escrevendo o livro.

L.B. – Depois, ele já estava muito abatido, queria voltar, não estava muito... em 1974. E mantinha os contatos muito estreitos e inclusive recebia informação dos militares. Tanto que eu dava muita conferência... Quando eu saí da prisão, em 1974 e em 1975, quando eu estava aqui, eu recebia convite de tudo quanto era parte para dar conferência. O meu livro tinha feito sucesso, o *Presença dos Estados Unidos*, eu tinha voltado a lecionar na Escola de Sociologia e Política... Aí, ainda me apareceu, de repente, a Madalena, que foi secretária do Brizola<sup>93</sup>. Apareceu lá. Aí, ela foi à casa em São Paulo onde eu ficava e queria saber se eu tinha contato. Eu achei aquilo muito estranho, me fechei. Estava desconfiado. Depois, encontrei na Europa, também. Ela estava a serviço. Ela era uma agente. E saiu a reportagem sobre ela na *Isto É*. Bom, onde é que eu estava mesmo?

M.F. – Na coisa de você ir para lá para fazer o livro do Jango.

L.B. – É. Aí eu comecei a escrever o livro, a fazer as entrevistas. O Jango começou a financiar – eu tinha aqui uma equipe de pesquisa. E o Jango morreu em dezembro. Eu

---

<sup>93</sup> Anteriormente, o entrevistado disse ser secretária de Paulo Schilling.

não consegui avião nem para ir lá, porque estava em São Paulo, quando soube da morte dele. Aí, depois, continuei a fazer o livro, com dificuldade até... Aí, encontrei essa documentação que eu estou dizendo. Defendi a tese de que o PTB tinha desempenhado, empiricamente, o papel de um partido social-democrata. E foi quando eu tive a bolsa do Social Science Research Council, um *postdoctoral fellowship*, para ir para os Estados Unidos e depois para a Europa, continuar a minha pesquisa sobre a Bacia do Prata. Quem me recomendou para essa bolsa foi o Fernando Henrique, como antes, também, para a Fundação Ford. Nisso, eu fui um dia, a convite do MDB do Rio Grande, do Pedro Simon, em julho, eu fui participar lá de um simpósio, juntamente com o Weffort, com o José Álvaro Moisés etc. E lá, eu mandei um recado que eu queria conversar com o Brizola. [Mandei o recado] pelo Guaragna<sup>94</sup>, que era o emissário dele no Rio Grande. Eu iria a Montevideú no domingo, quando terminasse o seminário, e queria conversar com ele. Porque eu sabia que o Brizola, naquela época, passava o fim de semana em Montevideú e não na estância dele. Mandei o recado pelo Guaragna. Tomei um avião e fui a Montevideú. Chegando lá, está o Carlos Olavo Simão da Cunha, que tinha sido deputado em Minas e que estava exilado, me esperando com uma Kombi. Ele disse: “Olha, o Brizola não está vindo mais no fim de semana a Montevideú” – ele estava com receio de ser assassinado, ou qualquer coisa –, “e me pediu para buscá-lo”.

M.F. – Ele achava que a morte do Jango tinha sido alguma coisa não natural?

L.B. – Não, não achava. Eu vou lhe contar isso depois. Ele disse: “Ele me pediu para vir buscá-lo e levá-lo amanhã de manhã a Durazno, a uma distância de quatro horas de Montevideú. Eu vou passar às quatro horas da manhã no seu hotel”. Eu ficava no Hotel Alhambra, [por causa]<sup>95</sup> do Jango, porque o Jango começou... “Vou apanhá-lo lá.” Ele me apanhou às quatro horas e chegamos às oito horas lá em Durazno, na estância. Aí o Brizola, quando nos viu, veio caminhando – a Kombi atolou –, e as galinhas, as ovelhas, as codornas pulando no campo. Aí o Brizola mandou um trator puxar a [Kombi] e nós caminhamos e tomamos café da manhã lá com ele. Eu tinha recebido dois recados, de pessoas que eu não me lembro mais, de que avisasse a ele que, se ele entrasse no Brasil,

<sup>94</sup> O entrevistado refere-se a João Carlos Guaragna. Colaborador de Brizola e um dos seus mais assíduos visitantes no exílio no Uruguai. Se integrou ao movimento guerrilheiro promovido por Brizola, tendo inclusive recebido um curso em Cuba. Retirado de <http://www.al.rs.gov.br/ag/CLIPAGEM/noticias.asp?txtIDMATERIA=127993&txtIdTipoMateria=8&txtIdVeiculo=24>, acessado em 08.02.2010.

<sup>95</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

ia ser assassinado, e eu transmiti esses recados. E falei com ele, mostrei o livro para ele – levei uma cópia desses originais do livro – e, juntamente com o Carlos Olavo, eu disse a ele que ele devia assumir a liderança do Partido Trabalhista, para reorganização do Partido Trabalhista que, como eu disse, já estava sendo...

M.F. – Articulada.

L.B. – Pensada mesmo, por várias pessoas. Que ele assumisse a liderança e colocasse como um partido social-democrata... definisse como um partido social-democrata, porque era uma forma de neutralizar perante os Estados Unidos, buscando uma aliança com a social-democracia européia. Eu disse que o grande erro do Allende foi ser de um partido socialista e querer fazer um governo democrático tocando os tambores de Cuba. Ia ter que buscar alianças com os partidos progressistas da Europa. E no meu entender, o Partido Trabalhista foi, aqui, empiricamente... Você veja como as coisas são engraçadas, porque naquela época essa ideia já estava...

M.F. – Circulando.

L.B. – ...circulando. Tanto que o Jango tinha sido convidado até para ir para uma reunião da Internacional, quando a Internacional se voltou para a América Latina, buscando esses partidos, por inspiração de Carlos Andrés Pérez e Willy Brandt, buscando esses partidos chamados populistas. Essa é uma terminologia que não me agrada.

M.F. – É muito ruim.

L.B. – É muito ruim.

M.F. – E acho que hoje em dia, também, [inaudível].

L.B. – Não, não explica nada. Eu sempre fui contra. Sempre condenei isso. Buscando esses contatos. O Jango teve esse... Mas são detalhes outros que... O Jango já tinha sido [convidado], depois não foi. Já havia essa ideia no ar, e eu disse isso para o Brizola. “Você tem que buscar apoio desses partidos...”.

M.F. – Europeus.

L.B. – “..europeus e assumir a liderança”. Ele disse: “Ah!”. Nós almoçamos; fomos, de tarde, assistir um leilão de gado, ele comprou lá gado etc.; de noite, tomamos café, um lanche, antes de voltarmos, e ele disse: “Moniz, eu vou pedir um favor. Você vai voltar para o Brasil, pede ao Doutel<sup>96</sup>, ao Almino...” Ai, a minha memória, nem se fala! Aquele que foi ministro do Trabalho, que mora no Paraná. Ai, meu Deus! A minha memória hoje está...

M.F. – Mas é porque agora você está cansado. A sua memória está muito boa. Você já está falando já tem três horas. Depois de três horas, vai ficando cansado.

L.B. – É, mas eu estou mesmo, porque ontem eu viajei e tudo. Ainda a minha prima foi para lá, a Isadora Moniz Vianna, e ficou lá até meia-noite e meia. Para mim, já eram quatro e meia da manhã, e eu não tinha dormido a noite toda...

M.F. – Tudo bem, depois nós...

L.B. – Aí, o Almino Affonso; aquele que foi ministro do Trabalho, que é do Paraná; o Talarico. “Diga para eles virem aqui para eu conversar com eles.” Eu disse: “Olha, Brizola, eu posso chegar lá e dar esses recados...”. Porque eu já estava articulando aqui, também, o PTB, com o Marcelo Cerqueira etc. Eu disse: “Eu posso dar esses recados lá. Porém, eu não posso tomar outra iniciativa mais porque eu vou para os Estados Unidos dentro de mais algumas semanas e depois vou para a Europa, vou morar lá durante algum tempo, porque eu estou com uma bolsa do Social Science Research Council e vou para lá pesquisar sobre a Bacia do Prata”. Aí, eu cheguei ao Rio, falei com o Talarico...

---

<sup>96</sup> O entrevistado refere-se a Doutel de Andrade. Quando este trabalhava para *O Jornal* cobrindo a campanha presidencial de Getúlio Vargas aproximou-se das lideranças trabalhistas. Com a posse de Vargas, foi convidado para trabalhar com Goulart na organização e ampliação das bases do PTB. Em 1952 foi escolhido primeiro-secretário do partido e, com a nomeação de Goulart para a pasta do Trabalho, em 1953, passou a integrar seu gabinete, assumindo também a direção-geral da Rádio Mauá, emissora pertencente àquele ministério. Em 1958 elegeu-se deputado federal por Santa Catarina e foi reeleito em 1962. Com a instituição do bipartidarismo filiou-se ao MDB e, em 1966, teve seu mandato cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos. Em 1983 assumiu a presidência nacional do PDT, substituindo Brizola. Retirado de <http://www.senado.gov.br/comunica/museu/pron3.htm>, acessado em 08.02.2010.

M.F. – Com o Doutel...

L.B. – ...com o Doutel... O Almino, eu não me lembro onde é que o Almino estava. Eu sei que eu falei com o Doutel, pelo menos. Eu falei com ele e com o Talarico e pedi para eles fazerem esse resto e viajei. Quando eu estou nos Estados Unidos... Ah! Entreguei o livro ao Ênio, para a publicação. Quando eu estou nos Estados Unidos, um dia, eu fui a uma homenagem à memória de Orlando Letelier<sup>97</sup>, que fora assassinado também.

M.F. – Claro, claro.

L.B. – Era um domingo. Chegando lá, encontrei Roberto Garcia, correspondente da *Veja*... Sabe quem é Roberto?

M.F. – Sei.

L.B. – Roberto, que foi da Polop, chegou para mim e disse: “Moniz, depois que eu vi você nos Estados Unidos, nada mais me surpreende” – eu tinha escrito para ele –, “nada mais me surpreende. Mas eu vou lhe dar uma notícia agora que vai deixar você atônito. Você vai cair e desmaiar. O Brizola foi expulso do Uruguai e pediu asilo nos Estados Unidos”. [riso] Aí, procurei averiguar. Eu morava no mesmo prédio que a Flora, que era uma correspondente da Agência Latina. Ela é filha, a Flora, de uma historiadora de São Paulo que mora nos Estados Unidos.

M.F. – Emília Viotti da Costa?

L.B. – É, exatamente. A Flora é filha dela. Viotti da Costa. Eu falei com ela e ela disse: “Eu levo você para Nova York, vamos lá, se você me conseguir uma entrevista exclusiva com o Brizola”. Eu disse: “Perfeitamente”. Nós morávamos no mesmo prédio. E aí fomos, de noite, de madrugada... Aí eu procurei saber o horário, ela também, e aí

---

<sup>97</sup> Ex-embaixador chileno nos Estados Unidos, morto em Washington em consequência da explosão de uma bomba colocada em seu automóvel. Retirado de [http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo\\_22set1976.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo_22set1976.htm), acessado em 08.02.2010.

soubemos que ele ia chegar e fomos de carro para Nova York, e eu fui para o Aeroporto Kennedy esperá-lo. A minha foto saiu em todos os jornais – eu não sei se você viu isso, eu recebendo o Brizola etc.

M.F. – Lembro. Foi um estardalhaço aqui.

L.B. – Foi. Porque era o único amigo dele que estava lá, não é? E aí ele deu a entrevista à imprensa logo dizendo que era ocidentalista, social-democrata e pluralista. Ele tinha aceito. Ele é muito arguto nessas coisas. Ele percebe...

M.F. – É uma inteligência muito ágil.

L.B. – É muito ágil. Ele percebeu logo o caso. Bom, aí, nós fomos procurar um hotel para ele, acabamos indo para o Roosevelt, e até ele... Isso aí é o que eu digo, porque ele disse que não queria contar aos jornalistas, mas ele depois telefona para os jornalistas e faz o contato. Não queria que eu dissesse onde ele estava. Eu disse: “Eu vou ter que voltar para Washington, porque eu vou ter que me desfazer das minhas coisas, e vou...”. Ele disse: “Eu preciso de você aqui”. Eu disse: “Não, eu vou a Washington, vou desfazer o meu apartamento e sábado eu retorno e ajudo você aqui uma semana”. Fui para Washington. Chegando lá, estava o filho do Nascimento Brito no aeroporto, pensando que o Brizola ia para lá, não é? Esperando com os jornalistas lá. Eu fui lá, desfiz [o apartamento] e voltei. Aí, o Brizola saiu comigo pela rua, lá em Nova York, olhou o prédio da ITT e disse: “Eu fui mexer com isso aí, caiu na minha cabeça, desabou na minha cabeça. Eu quero é uma máquina de escrever, porque eu vou, aqui, revolucionar o Brasil”. Aí, nós procuramos uma máquina de escrever. E aí eu apresentei o Brizola ao Brady Tyson, político e professor da George Washington University, amigo do Jimmy Carter e do Andrew Young. Ele foi embaixador dos Estados Unidos na ONU, em Genebra. Foi aquele que fez o discurso pedindo desculpa ao Chile, pelo golpe. Sabe quem é Brady Tyson, não é?

M.F. – Sei.

L.B. – Morreu há pouco tempo. Há poucos dias, eu queria procurar o telefone dele para falar... Porque ele estava morando aqui no Rio.

M.F. – Ah, é? Estava morando aqui?

L.B. – Estava. Durante muito tempo, ele morou aqui. Ele estava casado com uma brasileira. Eu queria procurá-lo agora, e estava procurando na Internet, para ver se encontrava alguma pista que eu pudesse ver, porque eu tinha perdido o telefone dele, e vejo uma crônica no *Washington Post* anunciando a morte dele agora. Mas aí, o nosso esquema, que o Brady Tyson e eu elaboramos, foi o seguinte: “Brizola, você é social-democrata...”. Tinha que conseguir – o Brady ia tratar disso – um visto para ele, para ele ficar nos Estados Unidos, porque ele só tinha um passe para um mês. Eu disse: “Você vai à Europa, entrevista-se com os líderes da social-democracia e depois volta, e aí será um interlocutor válido, até para o Carter... para o Mondale ou até mesmo para o Carter”. Isso era uma coisa que interessava aos Estados Unidos naquela época – é o que eu digo, você não pode dissociar a situação internacional da... [Interessava aos Estados Unidos] por causa da briga com o Geisel, do [rompimento] do acordo militar, o acordo atômico etc.

M.F. – [O acordo] com a Alemanha.

L.B. – É, aquilo. Estava interessando para eles, essa coisa com o Brizola. Isso está...

M.F. – É. Aí vem toda aquela pregação dos direitos humanos...

L.B. – É, aquela coisa toda. Estava interessando para eles isso. “Será um interlocutor válido.” Eles queriam buscar uma opção outra, no Brasil, que não fosse... Porque os militares já não estavam servindo a eles. Bom, foi essa a ideia. Ele me disse: “Você vai para a França, mas você me faça um favor, passa por Portugal e leva uma carta minha ao Mário Soares agradecendo o asilo que ele me ofereceu e explicando, e busca para mim um passaporte português. Agora, eu não quero ir para Portugal porque Portugal... Os Estados Unidos não podem sofrer pressão do Brasil, mas Portugal pode me confinar...”.

[FINAL DA FITA 3-B]



L.B. – “...e eu não quero sair daqui sem um passaporte. Porque eu estou com esse *laissez-passer* válido por um mês...”. Aliás, o governo Uruguai só deu por um mês por pressão americana, porque disse que não tinha visto para menos de um mês. E o Brady ficou de prolongar aquilo lá. “Você me consegue um passaporte lá. Vê com ele se me dão o passaporte”. Eu fui. Cheguei a Portugal, em Lisboa, e fui para a casa da Ângela Mendes de Almeida. Você conhece a Ângela?

M.F. – Conheço só de...

L.B. – [Conhece] de nome. [Fui para a casa] da Ângela. A Ângela é irmã da Márcia Mendes de Almeida. A Ângela está aqui como professora. Ela estava morando aqui na... É socióloga da Fundação também. Eu fui para lá, e aí tratei de fazer o contato. O Márcio Alves veio falar comigo, telefonou e disse... “Eu quero um contato com...”. Ele disse: “Não, mas eu falo”. O Márcio era uma coisa horrorosa, não é? Quando o Brizola foi para os Estados Unidos – ele nunca conheceu o Brizola, nunca tinha falado –, ele ligou para o Brizola... Naquela época, ele estava no ultraradicalismo comunista, o Márcio. Ele chegou para o Brizola, ligou e disse: “Você se vendeu por um prato de lentilha, indo aí para os Estados Unidos!”. Disse isso para o Brizola, contado a mim pelo Brizola quando eu estava lá em Washington. “Não, mas eu faço os contatos”. Ele queria ser... Eu disse: “Não, mas o Brizola pediu a mim para fazer”. Aí, veio o Arraes conversar comigo, também. O Márcio procurava sempre cortar as coisas. Eu encontrei o Manoel Barata, um exilado brasileiro do Rio Grande, que tinha um contato com o Joaquim Barradas Carvalho, um professor português que morou algum tempo em São Paulo e foi professor da USP, que era do Partido Comunista Português e amigo do Mário Soares de longas datas, e ele me levou, à noite, à casa do...

M.F. – Do Mário.

L.B. – Não.

M.F. – Desse professor.

L.B. – Do Joaquim. O Joaquim disse: “Olha, o Mário está na Grécia, participando de uma reunião da Internacional Socialista, e volta quarta-feira. Eu vou falar com ele e

marco e você vai lá na quarta”. Na quarta-feira, o Joaquim Barradas Carvalho, por volta de meio-dia, ligou para mim e disse: “Olha, o Mário já chegou e vai recebê-lo às 15 horas no Palácio de São Bento”. Eu disse: “Estarei lá”. Em seguida, liga o Márcio Alves. “Olha, o Mário chegou, mas não vai poder receber você”. Eu disse: “Olha, muito obrigado, porque eu já estou com a hora marcada”. [riso] Fui. Chegando lá, o Mário Soares... Eu não conto esses detalhes no livro porque eu não quis... Ele chegou para mim... “Como é que você, um trabalhista, vem a mim por intermédio de um comunista?”. Porque eles estavam na maior briga entre comunistas e socialistas. Eu disse: “Simplesmente porque esse comunista é seu amigo há 30 anos”. “Ah, é verdade, ele é meu amigo há 30 anos.” [riso] Aí, eu disse a ele... levei, mostrei a carta etc., li a carta para ele e pedi o passaporte. Ele disse: “Ah, isso é muito difícil. É muito difícil, porque está uma crise no Brasil, o ministro da Guerra, o Sylvio Frota” – ele me mostrou – , “já acusou o partido português de estar metido nas coisas do Brasil, e se eu dou um passaporte para o companheiro Brizola, isso pode causar problemas. Mas eu tenho que dar uma solução. Ele vindo para cá, eu posso dar...”, aí ele insinuou que daria com outro nome, um passaporte com outro nome. Não para o Brizola, mas com outro nome, ou uma coisa dessas, eu senti. Ele queria que ele fosse para lá porque ele resolveria, ele daria. Talvez um outro nome, ou uma coisa dessas. Eu me lembro que ele disse. E me mostrou o manifesto do Sylvio Frota. A crise estava no auge aqui. Isso foi no final de setembro ou outubro... Não, foi em outubro de 1977.

M.F. – É, em 1977.

L.B. – É. Porque o Brizola chegou aos Estados Unidos por volta do dia 23 ou 24 de setembro e eu ainda fiquei lá mais dez dias, mais uma semana, e depois fui para... Foi em outubro. Aí, eu saí dali... Nada feito, não é? Liguei para o Brizola – liguei da casa da Ângela Mendes de Almeida –, disse: “Brizola, nada feito. O Mário disse que você venha para cá” – o que o Brizola não queria, não é? – “porque ele aí daria um jeito. Mas não quer dar o passaporte assim, só você vindo para cá.”. Bom, de noite, eu fui para uma casa de fados com o Manoel Barata. Quando estou na casa de fados, ouço aquela voz: “Moniz, o que fazes por aqui?!”. Eu olhei, era o antigo capitão Manuel Pedroso Marques, que foi um dos líderes da Rebelião de Beja, que viveu exilado aqui no Brasil e era casado, naquela época, com a filha de um anarquista português que tinha uma editora, a Germinal, aqui, o Roberto das Neves, que eu também conhecia desde que eu

era menino, porque era amigo do Edmundo, esse anarquista. Era uma figura engraçadíssima, o Roberto das Neves. E o Manuel Pedroso Marques, eu conheci aqui. Ele era casado, nessa época, com essa menina, exilado aqui. “O que fazes por aqui?” Eu disse: “Olha, eu...”. Sentamos lá e eu expliquei para ele, e ele disse: “Não, mas nós temos que conseguir um passaporte para o companheiro Brizola”. Ele já era major, tinha sido promovido a major, e estava dirigindo a agência Ansa, Agência de Notícias Portuguesa<sup>98</sup>, e era do Partido Socialista Português. “Não, nós temos que conseguir. Você vai de manhã...”. Aí, me disse para ir lá... “Amanhã, você vai na minha oficina, no meu escritório, no meu gabinete porque eu vou fazer um contato com o Partido Socialista e vou levar você lá”. Aí, fez contato com um outro dirigente do Partido Socialista, o Tito de Moraes. O Tito de Moraes ligou para o Carvalhais – eu acho que era Carvalhais, o nome do chanceler português, do ministro das Relações Exteriores – e o chanceler... “Nós temos que dar um passaporte para o Brizola, o companheiro Brizola!” e aquele negócio todo. E o Carvalhais disse: “Eu já sei como vou fazer. Eu mando que o consulado português em Nova York dê o passaporte para o Brizola. Uma vez que o primeiro-ministro lhe concedeu o asilo, então, nada mais justo do que o consulado lhe dar o passaporte. E se a embaixada reclamar, eu digo que foi o consulado. Se houver protesto do Brasil, foi o consulado que deu”. [riso] Eu sei que... Eu depois liguei para o Brizola e o consulado já tinha ligado para lá e já tinha oferecido o passaporte – você sabe que o brasileiro tinha direito a passaporte português e o português, ao brasileiro, por aquele tratado de 1954 –, e acho que até tinham oferecido a passagem.

M.F. – Mas por que o Mário Soares tinha feito um jogo duro então?

L.B. – Porque... É coisa de... E aí, outro faz. Aquele negócio do jeitinho brasileiro, eles também têm, e aí o outro fez. Mas o Mário ficou com medo de um problema diplomático, que era o primeiro-ministro. O chanceler, pressionado pelos outros dirigentes do partido, como o Tito de Moraes e o outro, e pelo Manuel Pedroso Marques... O Manuel Pedroso Marques depois foi promovido a coronel e foi o chefe da Casa Militar do Mário Soares, quando ele foi presidente. É amigo meu. Hoje ele é dirigente... Não sei se continua – esse último ano, eu não tenho falado com ele –, mas era o presidente da agência Lusa, Agência de Notícias Portuguesa. Então, foi assim que

---

<sup>98</sup> Mais adiante diz ser a Agência Lusa.

ele deu [o passaporte]. Aí, o Brizola disse: “Olha, me telefonaram dizendo que vai haver, na Alemanha, uma reunião da social-democracia sobre o PTB, com Maurílio Ferreira Lima, que vai participar”. E me deu o telefone de Paulo Medeiros na Holanda para eu entrar em contato, porque era quem estava vendo junto com o partido. Ou seja, é aquilo que eu lhe disse: uma ideia começa a brotar em todas as diversas...

M.F. – Várias pessoas vão...

L.B. – Quando está madura, assim, ela... “Eu gostaria de que você fosse lá para dar uma orientação para esse pessoal”. Aí, liguei para o Paulo Medeiros, ele fez contato comigo, com o Maurílio Ferreira Lima... Você conheceu o Maurílio, deputado federal?

M.F. – Conheci.

L.B. – Aí, fui para Colônia. Tomei um avião, fui para Colônia, encontrei-me lá com eles, fui para a casa do Poerner<sup>99</sup>, encontrei-me lá com eles e, no dia seguinte, fomos participar da reunião. E foi uma sorte, essa de eu estar lá, porque eles não entendiam nada de Partido Trabalhista. Eles não sabiam de nada. [riso] O Maurílio queria reorganizar, mas não conhecia nada da história do... E o pessoal lá, com esse negócio de populismo etc., martelando, não é? E como eu sabia, eu cheguei e disse: “Olha, vocês não podem fazer...”. E aí comecei... Eu conhecia a história da social-democracia alemã, citei para eles essas diversas coisas. Aí, nisso, eu comecei a fazer os contatos com as outras, para o Brizola ir para a Internacional, para a reunião da Internacional em Hamburgo. Aí, eu fui para a Holanda com o Paulo Medeiros, depois fui para a França, onde eu ia ficar, e queria ter um contato com o Régis Debray, que eu soube que estava assessorando o Mitterrand para a América Latina, e telefonei para um amigo meu, um conhecido meu que era politólogo e que eu já tinha ajudado aqui no Brasil, chamado Alain Rouquié...

---

<sup>99</sup> O entrevistado se refere a Arthur José Poerner. Poerner trabalhou nos principais veículos de imprensa no Brasil, tais como: *Correio da Manhã*, *Tribuna da Imprensa*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. Em 1970, foi preso na redação do *Correio da Manhã* e teve que se exilar na Alemanha. No exílio, trabalhou como correspondente do diário carioca *Tribuna da Imprensa*, do semanário *Pasquim* e da revista *Isto É*. Retirado de <http://www.mme.org.br/main.asp?View=%7BD8F61CAF-FA6F-480C-B5B8-2B7E57510000%7D&Team=&params=itemID=%7B6591DCE7-5519-4A34-ABA5-1279B7E25A79%7D%3B&UIPartUID=%7BD90F22DB-05D4-4644-A8F2-FAD4803C8898%7D>, acessado em 08.02.2010.

M.F. – É muito conhecido.

L.B. – É hoje embaixador da França aqui. E aí o Alain me disse: “Venha almoçar comigo. Vamos almoçar juntos”. Aí, eu fui almoçar com ele, e eu disse: “Alain, eu queria um contato com o Régis Debray”. Ele disse: “Para quê?”. Eu disse: “Porque eu preciso falar aí com o Partido Socialista para apoiar a ida do Brizola”. Porque havia um jogo. Os alemães estavam, como o Mário Soares, jogando no PMDB. Queriam o PMDB – MDB na época. Já tinha havido reunião etc. Muita coisa eu estou cortando porque... os detalhes, porque tem muita... as reuniões lá... Estavam já... E a França brigando com a Alemanha. O Partido Socialista Francês brigando com o **[partido]**<sup>100</sup> alemão. Ele disse: “Não precisa do Régis Debray. Eu mesmo faço esse contato. Eu estou assessorando...”.

M.F. – [Assessorando] o Mitterrand.

L.B. – Ele estava, na Internacional, assessorando o Jospin, e ele me levou para falar com o Antoine Blanca, que era o dirigente... O Jospin era o secretário da Internacional para os Assuntos Internacionais e o Blanca, para a América Latina. Aí, eu fui lá e argumentei o negócio de populismo etc. e eles terminaram dando apoio. Aí, o Blanca me deu uma carta de apresentação para o **[Luis Piani]**<sup>101</sup>, do PSOE<sup>102</sup>. Eu fui. Fui depois para Londres, falei com o Bernt Carlsson, para formalizar o convite para o Brizola ir para a Internacional, e por último, fui para Lisboa.

M.F. – Já com o circuito todo.

L.B. – Já todo fechado. Aí, o Brizola depois foi para Lisboa e nós fomos, quando já estava com o convite feito e tudo, nós fomos para Hamburgo, em fevereiro de 1978. Participamos dessa reunião da Internacional, junto com o Willy Brandt, o Bernt Carlsson, que era o secretário do Bureau da Internacional... Ele morreu naquele atentado terrorista que derrubou um avião sobre a Escócia, o Bernt Carlsson. Era um diplomata sueco. E aí nós... O Brizola queria ter um encontro particular com o Willy Brandt... Você veja como as coincidências, na vida, são impressionantes. [O Brizola] queria ter

<sup>100</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

<sup>101</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

<sup>102</sup> Partido Socialista Operário Espanhol.

um encontro particular com o Willy Brandt, e o secretário de Relações Internacionais da SPD<sup>103</sup> não queria fazer. Porque eles jogavam muito com o Gasparian [Fernando Gasparian], que não foi para essa reunião. O MDB não foi convidado para essa... Se foi, não foi, não compareceu. Não queria fazer. Um dia, eu estou no hotel... Uma hora, eu estou lá no hotel sentado e vejo o Willy Brandt no bar tomando a sua bebida e um rapaz junto dele com uma pasta. Eu perguntei não sei a quem: “Quem é aquele que está com o Willy Brandt?”. Ele disse: “É o Peter Mirow”. Eu olhei, assim... “É a cara do Kurt Mirow”. Sabe quem é Kurt Mirow?

M.F. – Não.

L.B. – Kurt Mirow era um dos donos da Codima, da firma [Herm] Stoltz – era sobrinho do Stoltz –, com quem eu tinha trabalhado aqui. Eu fui assessor da Codima, nesse negócio de luta contra os cartéis e tinha feito... e quem ajudou o Mirow a fazer o livro *A ditadura dos cartéis* fui eu. Aliás, quem montou o livro [foi ele]<sup>104</sup> – porque eu já tinha escrito, porque ele tinha me fornecido o material, eu tinha escrito *Cartéis e desnacionalização* –, e depois dei esse título, também. Eu olhei, assim... Eu sabia que o Mirow tinha parentes lá, disse: “Deve ser primo do Mirow”. Fui lá e perguntei: “Você é parente do Kurt Mirow?”. Ele disse: “Sou sobrinho”. Ele era sobrinho do pai do Kurt, que também se chamava Kurt Mirow. Aí eu disse para ele que queria um encontro para o Brizola com o Mitterrand [com Willy Brandt]. Aí ele fez. Depois, marcaram outro encontro, que foi feito em Genebra. Eu fiquei em contato com o Kurt Mirow [não seria Peter Mirow??] e depois o Brizola foi a Genebra, com o Arraes, levar o relatório sobre a situação no Brasil e pedindo a força da SPD, do governo alemão, para pressionar o Geisel, que ia lá, sobre o negócio da anistia e dos direitos humanos.

M.F. – É aí que começa a campanha. Intensifica a campanha.

L.B. – É. Foi isso aí. Porque aí a SPD deu o... Porque não podia fazer... continuar dando... para um governo que não tinha o respeito à lei. A legalidade era uma condição para ele convencer a opinião pública do acordo nuclear. Aí é que entra essa história toda. E o Brizola passou a frequentar a...

<sup>103</sup> Partido Social-Democrata Alemão.

<sup>104</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

M.F. – Há a integração na Internacional Socialista...

L.B. – É. Isso aí ainda era... Mas o Brizola foi muito difícil, muito difícil, porque ele era muito desorganizado, depois perdeu a legenda aqui, do Partido Trabalhista. E era muito desorganizado. Eles, lá... Por exemplo, o Bernt Carlsson me chamou, em 1982, eu estava em Londres e ele me chamou para tomar um café da manhã com ele no hotel – ele era o secretário do Bureau da Internacional –, e pediu para o Brizola dar três nomes para o comitê, para formar um secretariado. Aí, eu falei com o Brizola, quando cheguei, e o Brizola... [indicou] fulano, eu e mais um outro, não lembro se o Brigagão<sup>105</sup>. Daqui a pouco... Eu passo isso para a Internacional e aí, daqui a pouco... “Não, mas não são esses, não. Tem mais fulano, tem mais beltrano...”. Ele sempre bagunçava tudo.

M.F. – E você veio para o Brasil, quando o Brizola veio para se candidatar?

L.B. – Não. Eu saí do Brasil. Quando ele foi candidato a governador, eu saí. Ele queria que eu fosse candidato a deputado. Eu não quis. Eu estava meio estremeado com ele.

M.F. – Mas por que você se estremeceu com ele?

L.B. – Por causa dessas coisas dele.

M.F. – Porque se fez um esforço muito grande de articulação e quando as coisas estavam...

L.B. – Quando ele fazia, ele não cumpria. Eu articulei toda São Paulo para ele. Os prefeitos de São Bernardo do Campo, daquela outra cidade...

M.F. – Diadema?

---

<sup>105</sup> O entrevistado se refere a Clóvis Brigagão. Este cientista político foi pioneiro na criação, durante o governo Brizola no Rio de Janeiro (1983), da primeira coordenação de assuntos internacionais de um governo estadual no País. Retirado de <http://www.cebri.com.br/cebri/CMS.do?idMateria=6EB93550-272F-0AFB-D775-8434E95A802C&idSecao=2DC2090A-DA73-308C-BD63-B39D2602F277>, acessado em 09.02.2010.

L.B. – Não. Três prefeitos: o de São Bernardo do Campo, a região do Lula; o Guaçu Piteri, de Osasco; e o outro, daquela cidade na Rio-São Paulo, esqueço o nome. Três. Eles estavam rompendo e queriam formar o PT... O Brizola não entende dessas coisas. Ele tira as pessoas e passa a fazer diretamente as coisas e a solapar. E não cumpre as coisas. Esse que é o problema. Aí, perde a legenda e faz um PDT, um partido... Eu disse uma vez... Ele ficou furioso comigo. Eu fui a Recife e disse lá que o PDT não era o partido que nós tínhamos imaginado. Não era, eu disse, um partido que abrangesse o Arraes... O PTB, o Partido Trabalhista, abrangesse aquelas grandes lideranças e não uma coisa... Eu disse isso.

M.F. – Mas o Brizola não gosta de grandes lideranças. Grande liderança, só ele. [riso]

L.B. – Exato. Então, ele ficou danado da vida comigo, por causa disso. Eu até estava hospedado na casa daquele que foi prefeito de Recife, Cavalcanti ou um nome desses assim. Estava lá com o Osvaldinho Lima, o Osvaldo Lima...

M.F. – Osvaldo Lima Filho.

L.B. – ...Osvaldo Lima Filho, que sempre foi muito amigo meu – eu estava lá com ele –, e ele ria à beça. Porque eu dei essa declaração. Eu digo. Com o Brizola, eu não tenho... Nunca tive. Tanto que cheguei... Em 1994, eu rom... Eu disse publicamente. Eu tentei... Eu vou lhe contar: eu tentei convencer o Brizola a mostrar que ele não teria mais do que 4%, como candidato. Fiz o cálculo todo. Porque, em 1989, ele teve 16%...

M.F. – Já foi um desempenho...

L.B. – ...e Lula, 16,4%. Passou para o segundo turno com 0,4%. Por que o Brizola teve 16%? Sabe por quê? Porque ele teve mais de 63%, chegou a 67%, em dois dos cinco maiores colégios eleitorais do país: no Rio de Janeiro, que é o terceiro, e no Rio Grande do Sul, que é o quinto. Acontece que, devido ao desastroso governo que ele fez aqui...

M.F. – Aqui no Rio de Janeiro.



L.B. – ...desastroso, o prestígio dele, o prestígio histórico dele, o eleitorado histórico que o Brizola tinha no Rio de Janeiro, que antes era de 30 a 33%, esse era o percentual histórico, tinha caído para 16%...

M.F. – É, foi um declínio...

L.B. – ...e não só no Rio de Janeiro como também no Rio Grande. Ora, se ele teve 16% em 1989, se caísse para a metade, ele teria 8%. Mas acontece que caiu para a metade da metade. Então, ele não teria mais do que 4%. E não teve 3%. Disse para ele que era melhor apoiar Fernando Henrique, porque eu sabia, por diversas coisas – não quero ainda falar... Eu sou amigo do Fernando. Eu gosto muito dele. Ele queria oferecer... O apoio do Brizola... Queria uma participação. E eu achava que era importante que o Brizola apoiasse o Fernando, porque é aquilo que eu lhe disse: primeiro, o Lula não estava ainda em condições de manter o Plano Real e estava combatendo, o PT, e ia ser um desastre e não ia conseguir controlar a inflação. Não é porque eu fosse contra ele, não. Precisa saber...

M.F. – As condições históricas.

L.B. – ...as condições históricas. O Fernando tinha começado o Plano Real e eles estavam combatendo, o Brizola e o outro. Eu disse: “Olha, vocês estão empurrando o Fernando para os braços da direita”. Porque se o Brizola se alia – eu sabia que o Fernando queria uma aliança –, [ele contrabalança]<sup>106</sup> o Antônio Carlos, o ACM.

M.F. – É, seria uma outra correlação de forças.

L.B. – Seria outra correlação. O Brizola, nem para conversar. Marcava hora e não... Quer dizer, estava... Ele estava completamente... Sabe o que eu fiz, Marieta? Cheguei em São Paulo... Eu estava colaborando, escrevendo alguns artigos políticos na página de editorias da *Folha*. O Oliveiros Ferreira, que é meu amigo lá da USP, foi fazer uma entrevista comigo, na qual eu... Foi manchete do *Estadão*. Eu aconselhei, publicamente, o Brizola a renunciar em favor de Fernando Henrique. [riso]

---

<sup>106</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir,

M.F. – É, foi um fim lamentável.

L.B. – Agora, eu sabia que o Jaime Lerner estava apoiando o Fernando Henrique, e até o pessoal dele aqui do palácio, uma grande parte estava, e outros: aquele de Mato Grosso, o Oliveira, aquele das Diretas Já...

M.F. – Dante<sup>107</sup>.

L.B. – Eu sabia, eu conhecia a situação. É a história da percepção. Eu sabia que era essa a tendência. Bom, faz outra pergunta, se quiser; se não, encerra.

M.F. – Eu acho que nós agora vamos ter que encerrar porque já são duas e dez e o senhor marcou duas e meia...

L.B. – Não, ele espera. Ele chega aí, ele espera.

M.F. – É porque eles têm que...

L.B. – Eu sei, têm que almoçar.

M.F. – Depois, se o senhor quiser, nós combinamos um outro dia.

L.B. – Se você quiser. Eu só vou estar aqui mais um dia: sexta-feira. Quer dizer, disponível. O meu programa é o seguinte, deixa eu lhe dizer, eu tenho aqui: segunda-feira, eu tenho que passar lá na editora de manhã porque eu tenho que ver o negócio do lançamento do livro...

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>107</sup> O entrevistado refere-se a Dante de Oliveira. Dante ingressou no MDB na década de 70, elegendo-se deputado estadual em 1978 nesta legenda. Ficou conhecido à época das “Diretas Já” pela emenda constitucional que levou seu nome e propunha eleições diretas para Presidência da República em 1985. Graças ao prestígio obtido com as diretas, foi eleito prefeito de Cuiabá em 1985 (pelo PMDB) e 1992 (pelo PDT), e governador do Estado em 1994 (pelo PDT) e 1998 (pelo PSDB). Fracassou ao tentar o Senado em 2002. Retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u80167.shtml>, acessado em 09.02.2010.